



Enriquecer a rede social de idosos utilizadores de centro de dia e a própria coesão social

Elisabete Maria Guedes Oliveira

Trabalho de Projecto apresentado ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto para obtenção do Grau de Mestre em Gerontologia Social

Orientador(a): Professora Doutora Marrielle Gros

Senhora da Hora, Novembro de 2016

*Uma pequenina luz bruxuleante
não na distância brilhando no extremo da estrada
aqui no meio de nós e a multidão em volta
une toute petite lumière
just a little light
una piccola...em todas as línguas do mundo
uma pequena luz bruxuleante
brilhando incerta mas brilhando
aqui no meio de nós
entre o bafo quente da multidão
a ventania dos cerros e a brisa dos mares
e o sopro azedo dos que a não vêem
só a advinham e raivosamente assopram.
Uma pequena luz
que vacila exacta
que bruxuleia firme
que não ilumina apenas brilha.
Chamaram-lhe voz ouviram-na e é muda.
Muda como a exactidão como a firmeza
como a justiça
Brilhando indefectível.
Silenciosa não crepita
não consome não custa dinheiro.
Não aquece também os que de frio se juntam.
Não ilumina também os rostos que se curvam.
Apenas brilha bruxuleia ondeia
Indefectível próxima dourada.
Tudo é incerto ou falso ou violento: brilha.
Tudo é terror vaidade orgulho teimosia: brilha.
Tudo é pensamento realidade sensação saber: brilha.
Tudo é treva ou claridade contra a mesma treva: brilha.
Desde sempre ou desde nunca para sempre ou não:
brilha.
Uma pequenina luz bruxuleante e muda
Como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Apenas como elas.
Mas brilha.
Não na distância. Aqui
No meio de nós.
Brilha.*

Jorge de Sena (in FIDELIDADE, 1958)

Agradecimentos

Agradeço à minha família em especial aos meus pais e irmão que sempre me apoiaram e deram força para que nunca desistisse e conseguisse concretizar os meus objectivos.

Aos utentes do Centro de Dia por me possibilitarem um contacto tão próximo e tão rico em saberes e experiências.

Aos meus colegas de trabalho que sempre deram força e aguentaram algum do meu mau humor com compreensão e tolerância.

À minha amiga Ana Magalhães com quem partilhei de perto as minhas angústias e receios na concretização deste trabalho e da qual esperei sempre força

E em especial à professora Doutora Marrielle Gros, pela disponibilidade sempre demonstrada, pelos conhecimentos que me transmitiu e pela pertinência e clareza que demonstrou sempre na orientação deste projecto.

Resumo

Em estreita relação com a nossa experiência profissional no quadro de um centro de dia e as reflexões desenvolvidas na parte curricular do Mestrado em Gerontologia Social, apresenta-se o desenho de um trabalho de projecto cujo objectivo principal é promover uma prática de construção de laços entre membros de grupos etários que tendem cada vez mais a viver em espaços sociais fortemente diferenciados. Este projecto centrado sobre a construção de laços intergeracionais duradouros visa não somente enriquecer a rede ou o capital social de idosos oriundos das classes populares e com um estado de saúde já bastante fragilizado mas igualmente proporcionar aos mais jovens um crescimento pessoal e cultural graças à sua implicação no quotidiano dos idosos. Trata-se, em suma de um projecto de trabalho voltado para o reforço da coesão social. A apresentação do trabalho de projecto organiza-se em dois grandes capítulos: o primeiro apresenta uma análise diagnóstica, teoricamente informada, das condições de vida dos idosos, com destaque para a dimensão do seu capital relacional; o segundo apresenta o desenho do projecto, com a definição do seu objectivo central, a definição dos princípios norteadores das actividades, o plano de avaliação.

Palavras-chave: trabalho social intergeracional; rede social; capital social; laço social; coesão social.

Abstract

We present here an intergenerational practice design supported by our professional experience in Day Care Center for elderly and by the reflections we developed during this Master classes. The main objective of the project is the promotion of a professional practice that enable the building of strong social ties between members of age groups that, tendentiously, live in social spaces more and more differentiated. Centered on the building of lasting intergenerational social ties, this project aims to make richer the social network or social capital of old people from popular classes whose health status is rather weakened and, on the other hand, to create more opportunities for personal and cultural development of youngsters through their involvement in the daily life of the elders. In short, the main aim of this project is the social cohesion strengthening. The project presentation is organized around two main parts: the first one presents a diagnostic analysis, theoretically supported, of the life conditions of the elderly, with a special attention to their social capital; the second one presents the project design, with the objectives definition, the guiding principles definition for the activities and the evaluation process.

Key words: intergenerational social work; social network; social capital; social tie; social cohesion.

Résumé

En lien étroit avec notre expérience professionnelle dans le cadre d'un Centre de Jour pour Personnes Âgées et avec les réflexions que les diverses disciplines de cette Maîtrise nous ont suscitées, nous présentons ici le dessin d'un projet dont l'objectif central est la promotion d'une pratique de construction de liens entre membres de classes d'âge qui ont tendance à vivre dans des espaces sociaux toujours plus fortement différenciés. En se centrant sur la construction de liens sociaux intergénérationnels durables, ce projet vise non seulement l'enrichissement du réseau social ou du capital social de personnes âgées appartenant aux classes populaires et dont l'état de santé est déjà passablement fragilisé mais, encore, le développement personnel et culturel de jeunes grâce à leur implication dans la vie quotidienne des personnes âgées. En bref, il s'agit d'un projet dont le principal objectif est le renforcement de la cohésion sociale. La présentation de ce projet est organisée en fonction de deux grands chapitres : le premier présente une analyse diagnostique, fondée sur des apports théoriques, des conditions de vie des personnes âgées, attribuant une attention spéciale à leur capital relationnel ; le second présente le dessin du projet, incluant la définition de son objectif central, des principes directeurs qui devront orienter les activités ainsi que le processus d'évaluation.

Mots-clés : travail social intergénérationnel ; réseau social ; capital social, lien social ; cohésion sociale

Índice

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: ANÁLISE DIAGNÓSTICA DA REDE SOCIAL DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM CENTRO DE DIA

1. A importância dos laços sociais para o desenvolvimento do ser humano....	17
2. Passagem à reforma, envelhecimento e risco de isolamento relacional.....	21
3. Rede ou capital social na idade avançada.....	29

CAPÍTULO II – O DESENHO DO PROJECTO

4. Objectivo geral	63
5. As actividades: principais princípios norteadores da sua organização.....	67
5.1 Tirar partido de saberes e competências existentes entre os idosos e jovens e fomentar oportunidades de os enriquecer e aprofundar.....	68
5.2 Actividades orientadas para a produção de bens que possam ser vendidos	68
5.3 Promover uma multiplicidade de actividades complementares entre si...69	
5.4 Função de transmissão da geração mais velha em direcção dos membros das gerações mais novas.....	71
5.5 Desenvolver as actividades com alguma regularidade.....	73
6. A importância da avaliação.....	77
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

ANEXOS 100

Anexo I: Ficha de recolha de dados Sociodemográficos.....	101
Anexo II: Caracterização do estado de saúde dos utilizadores do Centro de Dia	103
Anexo III: Conteúdo das trocas 1	104
Anexo IV: Conteúdo das trocas 2	105

Índice dos Quadros

Quadro nº 1 – Utilizadores do Centro de Dia por idades e sexo	22
Quadro nº 2 – Utilizadores do Centro de Dia por idades e nível de dependência/ fragilidade	23
Quadro nº 3 – Utilizadores do Centro de Dia por composição dos grupos domésticos	25
Quadro nº 4 – Utilizadores do Centro de Dia por escalões de pensão de reforma	26
Quadro nº 5 – Categoria socioprofissional predominante ao longo da vida dos utilizadores do Centro de Dia	27
Quadro nº 6 – Níveis de instrução dos utilizadores do Centro de Dia.....	28
Quadro nº 7 – Valor das pensões de reforma segundo a categoria socioprofissional.....	28
Quadro nº8 - Idosos cuja vida quotidiana se restringe à casa e ao centro de dia por sexo	44
Quadro nº 9 - Idosos cuja vida quotidiana se desenrola entre a casa, o centro de dia espaços do bairro, frequência destas deslocações no bairro segundo o sexo e o estado de saúde.....	45
Quadro nº 10 - Idosos que têm oportunidades de ampliar o território da sua vida ao bairro e a um território mais amplo, frequência desta mobilidade segundo o sexo e o estado de saúde.....	46

Quadro nº 11 - Composição dos grupos domésticos dos idosos por sexo e estado de saúde.....	49
---	----

Quadro nº 12- de Serviços mais frequentemente prestados pelos idosos a Familiares.....	60
---	----

Quadro nº 13- Serviços mais frequentemente prestados pelos idosos a Vizinhos.....	61
--	----

Índice do gráfico

Gráfico nº1 - composição da rede externa em função da composição dos grupos domésticos	53
---	----

Índice de Abreviaturas

CIG - Equipa de investigação do Centre Interfacultaire de Gérontologie de l'Université de Genève

CNP - Centro Nacional de Pensões

INE - Instituto Nacional de Estatística

Introdução

Desde muito cedo me questioneei a respeito do envelhecimento, talvez por sempre ter vivido com os meus avós maternos e a minha bisavó e convivido de perto com pessoas com idade avançada. Sempre me despertaram algumas curiosidades, olhava para eles e achava-os bonitos e misteriosos, aliás posso dizer que tinha a bisavó mais querida, mais doce e mais bem-disposta que já conheci, capaz de inventar uma música ou de fazer uma quadra adequada às mais variadas circunstâncias. Lembro-a com muita saudade e reconheço que aquela grande mulher, analfabeta, não deixava por isso de ser uma sabedora graças à sua experiência de vida e à sua capacidade de a pôr ao serviço da compreensão dos outros. Nunca esteve doente, era “fevra rija”, como dizia inúmeras vezes.

Na minha adolescência pertenci a alguns grupos que me marcaram e me ajudaram a crescer, nomeadamente os escuteiros, e, por intermédio deste grupo, fiz algum voluntariado em Lares. Foi uma maneira de continuar a alimentar este meu gosto pelos mais velhos. E, por estas e outras razões, o envelhecimento passou a ser a minha área de intervenção a nível profissional. Há 16 anos entrei para o Centro Social de São Félix da Marinha para trabalhar com os idosos do Centro de Dia, como animadora, cargo esse que ainda hoje exerço e que me tem proporcionado numerosas oportunidades de me sentir realizada tanto profissional como pessoalmente.

A decisão de ingressar no Mestrado em Gerontologia Social surgiu neste contexto, porque os desafios da prática profissional me fizeram ressentir a necessidade de partir à procura de mais conhecimentos, essencialmente para poder pensar e aperfeiçoar as respostas que temos de construir em resposta a problemas cada vez mais complexos.

Lidar com idosos nem sempre é fácil nem agradável, ver a debilidade apoderar-se deles, as forças escasseando e a vontade de continuar a viver esmorecer, mas tenho a convicção que temos sempre alguma possibilidade de intervenção

e cada sorriso, cada movimento, cada faísca que se acende num olhar, cada desejo que encontra maneira de se expressar acabam por ser para mim pequenas vitórias que alimentam a vontade de fazer mais e, sobretudo, melhor. Ouvir recorrentemente conversas tristes a respeito de desmazelo e da indiferença dos familiares, sentir o peso que para eles representam a falta de atenção dos próximos, a falta de uma palavra de apreço e estima são também realidades chocantes e que despertam em mim o medo de saber que também um dia serei idosa e de não saber com que poderei então contar. Aperceber-me do pouco valor que lhes é atribuído e conhecendo bem de perto o seu potencial, muitas vezes adormecido, é o que desperta esta minha vontade de mudar a prática. Estou cansada de saber que a maior parte dos idosos passa o fim-de-semana sozinho, sem sequer receber uma visita. *“Estou para lá como um cão, ninguém se importa se comi, se estou bem, se estou vivo (...)”* são palavras de um idoso, viúvo e a residir sozinho. *“Estou sempre à espera que passe rápido”* (referindo-se ao fim de semana) enuncia uma outra utente. Não haverá nada que fazer para mudar estas situações?

Queria poder proporcionar-lhes momentos mais aprazíveis, que lhes permita superar a representação negativa de si próprios que acabam por interiorizar, ainda que magoados e mergulhados numa tristeza que teima em acompanhá-los. Tive inúmeras oportunidades de observar que quando a conversa incide sobre os netos, a emoção, quando não há indignação, se apodera deles: *“Criei-os com tanto sacrifício e agora nem se lembram da avó”* ou *“A culpa não é deles é da criação que lhes foi dada”* ou então *“Tenho muitas saudades, eles estão longe, às tantas morro sem os tornar a ver...”* ... lamentações que me fazem pensar... e ter vontade de agir.

É muito importante criar laços com os idosos, pois, quem ousará afirmar que não precisa de ter alguém que pare para o escutar, para lhe dar uma mão num momento de aflição e que tenha a disponibilidade necessária para o aconselhar? No seio da instituição onde trabalho este espaço mínimo de atenção às necessidades deste outro (que um dia também seremos) é conseguido mas será suficiente? E quando pensamos no mundo exterior à instituição, esta preocupação poderá fazer outra coisa do que crescer?

A vida dos idosos circunscreve-se ao núcleo familiar restrito e sabemos que este nem sempre assume o acompanhamento devido e preciso, que a

tendência para desvalorizar as necessidades do mais velho e, até, para se alienar totalmente destas necessidades cresce. E, para além dos poucos recursos familiares e dos contributos da instituição, o que resta a estas pessoas de idade avançada? Se pararmos para reflectir, vemos que este mundo tão pequenino circunscreve-se ainda por cima a espaços e lugares confinados a gente adulta ou velha. O quotidiano dos mais idosos desenrola-se em espaços fixos e restritos, pois com a crescente fragilização do seu estado de saúde as saídas de casa tornam-se diminutas ou são mesmo extintas, acarretando cada vez menos oportunidades e chances de reconhecimento e protecção. Num envolvente tão pobre e limitativo, será que o idoso se pode sentir pertencer à “comunidade dos vivos”?

Ora se, em vez de reproduzir o senso comum institucional que nos leva a postular que formam um grupo homogéneo, dermos atenção à história e ao percurso de vida pessoal e social dos idosos, poderemos verificar a heterogeneidade social, cultural e psicológica e, portanto, a riqueza que representam. A condição para lá chegar é desprendermo-nos da visão estereotipada que as rotinas pobres fomentam.

Está aqui em traços largos a génese deste trabalho de projecto, norteado por uma interrogação: **Como enriquecer a rede social de idosos utilizadores de um centro de dia?**

Este trabalho de projecto pretende dirigir-se a um grupo de 38 idosos que frequentam o Centro Social de São Félix da Marinha, na valência de centro de dia. Para seleccionar este grupo tivemos em atenção dois critérios: o primeiro refere-se ao facto dos seus utilizadores terem idade igual ou superior a 65 anos; o segundo dá importância ao facto destes não apresentarem deficiências cognitivas significativas de forma a não comprometerem quer a recolha de informações, quer a exequibilidade do projecto.

O projecto que pretendemos desenvolver visa o enriquecimento do mundo da vida quotidiana dos idosos, a ampliação do campo das suas possibilidades graças à criação de laços com membros de gerações mais novas. É nossa intenção provocar alterações no dia-a-dia dos idosos de modo a ampliar e a diversificar os lugares onde o seu quotidiano se desenrola, possibilitando a criação de novas rotinas, mais ricas em relacionamentos e oportunidades de se sentirem reconhecidos pelos mais jovens e participantes num mundo comum.

Procuramos ampliar o leque dos espaços frequentados, intervir ao nível das redes sociais, envolvendo-os em actividades que, por proporcionarem trocas de saberes e experiências contrariem a tendência para a segregação etária, pois esta é sem dúvida uma fonte de empobrecimento.

Procura-se que este projecto promova relações de interacção mutuamente enriquecedoras, partindo do pressuposto de que não haverá quem ensina e, do outro lado, quem recebe, mas que todos têm contributos a dar e todos aprendem uns com os outros.

É um projecto que certamente visa o reconhecimento da importância da pessoa mais velha e a implicação dos mais novos na sua vida e inversamente. Trata-se de criar condições para que todos se possam sentir úteis uns aos outros, exercitar responsabilidades, fundar a sua identidade no presente sem ignorar o passado, trata-se, em suma, de conferir um sentido para a existência dos mais velhos e de permitir aos mais novos de saber concretamente de onde vêm. Numa época da vida em que desaparecem as obrigações e o encorajamento por parte dos outros é importante impedir que o vazio de objectivos se instale, definir metas e propor caminhos para as alcançar. Pois, a simples satisfação das necessidades humanas básicas, tais como a alimentação, a higiene e a segurança não são suficientes para dar sentido e significado à existência.

Como dar sentido à sua própria vida se, quando esta se aproxima do fim, não se tem a possibilidade de deixar marcas na vida de outros seres humanos? Para que a partida seja menos dolorosa, como observa N. Elias, é preciso que o indivíduo possa sentir que continuará a ser lembrado e apreciado. Mas poderá tal acontecer se não se tem a oportunidade de deixar marcas em alguém, de transmitir algo aos mais novos? E como crescer e cuidar do bem comum se não se desenvolve a consciência de ser um elo no encadear das gerações?

A construção do projecto destinado a responder à interrogação acima referida organiza-se em dois capítulos: no primeiro capítulo, dedicamo-nos à análise diagnóstica da rede social dos idosos frequentadores do centro de dia. Para desenvolver esta análise, começamos por centrar as nossas reflexões sobre os contributos teóricos que permitem compreender a importância dos laços sociais para o desenvolvimento humano, por um lado, e, além disto, o sério risco de isolamento relacional associado, na sociedade contemporânea, à passagem á

reforma e ao envelhecimento. Investimos, de seguida, esta abordagem na análise da rede ou capital social de um grupo de idosos utilizadores de um centro de dia que, para além de uma idade avançada, partilham uma mesma condição social, a das classes populares que exerceram profissões intensivas em esforço físico e, em consequência, um envelhecimento marcado pela fragilização do estado de saúde.

No segundo capítulo, centramo-nos no desenho do projecto que iremos implementar. Referimos qual o objectivo geral, bem como os princípios norteadores das actividades que servirão de meios para alcançar o objectivo traçado. Importa aqui referir que demos particular ênfase à definição de uma série de princípios uma vez que a definição pormenorizada do programa de acções não se pode fazer sem a participação dos actores centrais do projecto, a saber os idosos e os jovens voluntários que, numa dinâmica interactiva, terão que identificar os temas que constituirão os propósitos ou suportes significativos para as práticas conjuntas. Procurando, pois, encontrar um equilíbrio delicado entre abertura à participação, que consideramos indispensável para que o projecto seja apropriado pelos participantes, e definição do conteúdo das acções, optamos por uma delimitação das orientações estratégicas a acautelar para alcançar o nosso objectivo central. O que consideramos ainda indispensável realçar, neste segundo capítulo, é a importância de uma avaliação dinâmica, isto é, que permita continuamente apreciar os resultados e em função deles reorientar a acção, sempre que necessário.

CAPÍTULO I: ANÁLISE DIAGNÓSTICA DA REDE SOCIAL DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM CENTRO DE DIA

1.A importância dos laços sociais para o desenvolvimento do ser humano

Todo o homem é um ser de relações, tornando-se estas uma necessidade básica tão importante como comer ou dormir, uma vez que sem interações com outros não nos desenvolvemos cognitivamente, afectiva e moralmente, desde logo porque não aprenderíamos a falar. Além disso, sem relações com outros com os quais nos identificamos ou, pelo contrário, dos quais nos diferenciamos, não podemos forjar o nosso autoconceito e construir o sentimento do nosso próprio valor. Como muito bem explica Peter Worsley (1983) a respeito da socialização, o comportamento humano tem pouco de instintivo. É antes de mais um comportamento aprendido e as aprendizagens não podem ocorrer senão na relação com os outros, no quadro de interações e de processos de comunicação que envolvem vários indivíduos, uns mais significativos do que outros. Em todas as fases da vida as relações com outros são, pois, uma condição fundamental para podermos-nos desenvolver como seres humanos, partilhando uma cultura comum, interiorizando padrões de conduta e representações de nós próprios, desenvolvendo acções e projectos que apenas têm sentido na medida em que envolvem outros seres humanos. É hoje amplamente reconhecido, no campo das ciências sociais, que o processo de socialização se desenvolve ao longo de toda a vida, o que equivale a reconhecer que todas as nossas aprendizagens, todos os modos de nos comportar acabam por depender, numa ampla medida, das oportunidades de relacionamento em que estamos envolvidos. Quando somos crianças, precisamos de interações com adultos que têm um maior conhecimento da vida para aprender a desempenhar papéis sociais, começar a compreender o

mundo à nossa volta, adquirir conhecimentos instrumentais de base, construir a nossa identidade, para não falar de satisfazer necessidades essenciais à nossa própria sobrevivência. As relações com outros, diferentes de nós, são, pois, factores fundamentais da nossa existência. Basta tomar o exemplo da transição à idade adulta, caracterizada nas nossas sociedades pela conquista da autonomia económica através do trabalho e a formação do seu próprio núcleo familiar para reconhecer que somos, antes de mais, seres sociais, isto é, seres de relação com os outros. Se tentarmos aplicar este conhecimento à fase do envelhecimento, não será exagero dizer que as representações de nós próprios como pessoas que envelhecem, tal como o próprio significado do facto de nos tornarmos velhos, dependem largamente das características dos outros com quem interagimos nesta fase da vida, dos seus modos de comunicar connosco, das suas expectativas ao nosso respeito e, mais ainda, dos modos como nos tratam. Seguindo, uma vez mais, as reflexões de P. Worsley (p.204), mesmo às portas da morte estamos a ser socializados e os profissionais de saúde, por exemplo, tendem a transmitir aos moribundos o que consideram a maneira decente de morrer.

Para quem desempenha uma profissão de relação junto de idosos, o reconhecimento da importância das relações afigura-se, então, como uma questão digna da maior atenção. O modo de tratar os mais velhos, as oportunidades de interacção com outros com quem os mais velhos possam desenvolver uma efectiva comunicação são condicionantes fortes do próprio sentido da sua existência, da possibilidade de se sentirem incluídos na comunidade dos vivos ou, pelo contrário, da sua lenta e silenciosa exclusão desta mesma comunidade, muito antes de morrerem efectivamente. Ora, Norbert Elias salienta no seu livro “La solitude des mourants” (Elias, 1998)¹ o quanto os humanos de hoje têm dificuldade em compreender até que ponto a dependência dos homens entre si é profunda. O sentido das acções de um ser humano, alerta Elias, reside no significado que este ser tem para outros, os seus contemporâneos e igualmente aqueles que estão ainda por vir. Dependemos todos da continuação da sociedade humana no decorrer das gerações e esta dependência recíproca conta entre as mais fundamentais: os

¹ Pp. 49 e seg.

seres humanos do futuro são dependentes dos do passado, os do passado também o são em relação aos do futuro. Todavia, na sociedade contemporânea, a compreensão desta dependência fundamental entre os seres humanos é particularmente difícil. E N. Elias aponta como factor explicativo desta dificuldade a crescente tendência, socialmente orquestrada, para recusar o confronto consciente com a finitude de cada uma das vidas humanas. O recalçamento social da morte que Elias analisa neste livro faz com que não tenhamos em conta esta característica da vida humana na organização do quotidiano e, em particular, no comportamento com os outros. Aprendemos cada vez mais a nos ver a nós próprios como indivíduos isolados, totalmente independentes uns dos outros, que não têm nada melhor a fazer senão cuidar, cada um, dos seus interesses pessoais, percebidos como isoláveis dos outros. Mas quem procura um sentido para si próprio, independente de todos os outros humanos, corre um sério risco de perspectivar a vida como absurda, lembra N. Elias. Qual é, de facto, o sentido de uma vida humana se, quando esta acaba, não deixa nenhuma marca na vida de outros seres humanos? Qual o sentido da vida humana, forçosamente finita, se não for entendida como um elo no encadear das gerações, como um estafeta que acaba por remeter o testemunho que transportou um pouco mais adiante a outro. Mais à frente na mesma obra (pp.73 e seg), Elias salienta que o que constitui o que chamamos o sentido, o significado, é sempre uma multiplicidade de homens que vivem em grupos, que dependem uns dos outros, são interligados e comunicam entre si. O sentido é uma categoria de ordem social e não individual. É no quadro de relações recíprocas que os sinais podem ser trocados, adquirir um significado e, antes de mais, um sentido colectivo. Para tornar ainda mais clara esta dimensão fundamentalmente social, relacional, do sentido da vida humana, Elias parte de um modelo de base que é o do uso de uma língua comum no seio dos grupos humanos. A comunicação por via das línguas é sem dúvida outra característica propriamente humana, tal como a procura de sentido para a existência. Nenhum outro ser vivo é capaz de comunicar desta maneira. Nenhum outro ser vivo relaciona o sentido aprendido, específico de um grupo, com esquemas sensoriais igualmente aprendidos e específicos do grupo, utilizando-os como meios de comunicação dominantes. Nas outras espécies vivas, os sinais que regem a comunicação

não são aprendidos e permanecem específicos da espécie. Na espécie humana, os esquemas acústicos produzidos por um emissor só têm sentido para o destinatário quando ambos aprenderam a associar-lhes as mesmas imagens mentais ou, por outras palavras, o mesmo sentido. Como refere N. Elias, neste modelo da comunicação, o carácter social do sentido aparece claramente. Cada ser humano liga-se com outros, desde a pequena-infância, para aprender a utilizar, como meio para emitir e receber mensagens, um dado código simbólico, específico do grupo, ou seja, uma língua. Cada pessoa pode, reconhece N. Elias, dentro de certos limites produzir uma variação individual da língua. Mas nunca pode ir muito longe nesta direcção, sob pena de perder – no presente ou no futuro – a comunicabilidade do saber e portanto o seu sentido. N. Elias conclui, pois, que o sentido das palavras pronunciadas por alguém e o sentido da vida têm em comum o facto de não poderem ser separados do sentido que outros indivíduos lhes atribuem. Em consequência, é vão procurar na vida de um ser humano particular um sentido independente do que esta vida representa para os outros.

Colocando a questão no plano da prática social, compreende-se, então, diz-nos Elias, que o laço existente entre o sentimento que uma pessoa pode ter acerca do sentido da sua vida e a consciência do facto que esta sua vida tem um sentido para outros e que outros têm um sentido nesta vida. É bem por este motivo que expressões comuns como “uma vida que tem sentido” ou uma vida “cheia de sentido” ou, pelo contrário, uma “vida sem sentido” são estreitamente relacionadas com o significado do que tal ou tal pessoa é ou faz para outros. Não será precisamente porque têm a consciência de que o sentido da sua vida só existe quando contam para e com alguém, que tantas idosas, viúvas e institucionalizadas, pontuam o relato do vazio da sua existência com a expressão “só me resta pedir a Deus que me leve”? Continuando a seguir as observações de N. Elias, é, com efeito, nas sociedades desenvolvidas que a compreensão da importância dos laços de interdependência para que a vida faça sentido tende a “volatilizar-se” (p.75). O que tende a predominar, nestas sociedades, é o sentimento, largamente interiorizado sob o efeito de uma forte individualização, de que cada um existe para si e numa absoluta independência em relação aos outros e ao mundo exterior em geral, bem como a ideia de que um ser humano tem necessariamente um sentido em si e para si. E nesta linha

de pensamento deformado a respeito dos seres humanos e do sentido das suas vidas, não se torna raro considerar o sentido como uma espécie de mensageiro vindo do “mundo interior” do indivíduo. Desenvolvem-se deste modo sentimentos de solidão e de isolamento emocional que acabam por se tornar parte da estrutura específica da personalidade dos indivíduos das sociedades desenvolvidas e impedem os indivíduos de se ligarem uns aos outros. Apesar destes sentimentos, a crença de que o sentido da existência de cada um tem que vir do seu interior está muito provavelmente na base da concepção negativa da dependência funcional, vivida não como uma oportunidade de vivenciar a reciprocidade no seio dos laços familiares e/ou de amizade, mas antes como uma espécie de desqualificação da pessoa que deixa de ser “independente”.

A estas modificações no modo de pensar a vida humana e a importância dos laços sociais e interpessoais, é necessário acrescentar outras transformações societárias que tendem a privar os membros das gerações mais velhas de oportunidades de se relacionarem com os outros.

2. Passagem à reforma, envelhecimento e risco de isolamento relacional

Se é certo que, em certas fases da vida, o desempenho dos papéis sociais acarreta só por si o relacionamento com outros (na escola, no trabalho, numa associação cultural, desportiva, no local de residência), não é menos verdade que a passagem à reforma confronta os indivíduos com a perda de um papel social central para a definição de si e para o desenvolvimento de redes relacionais. Assim, com relativamente raras exceções que dizem respeito aos membros das classes dirigentes, a passagem à reforma tende a provocar um enfraquecimento da sociabilidade, sendo as trocas de conhecimento, experiência e a convivialidade com membros de diversas gerações, antes possibilitadas pelo trabalho, substituídas pelo isolamento e o vazio de ocupações socialmente reconhecidas. Como muito claramente analisou C. Lalive d'Épinay², o que caracteriza a passagem à reforma é precisamente a

² In: *La retraite et après? Vieillesse entre science et conscience*, Questions d'Âge, Université de Genève, 2003

perda do principal factor de estruturação do tempo da vida quotidiana que é a actividade profissional e uma alteração dos padrões de relacionamento com os outros. A saída do mundo do trabalho significa não somente o desaparecimento de obrigações que, na vida activa, levam o indivíduo a ser activo, mas também a diminuição das expectativas dos outros a respeito do reformado. Mas é sobretudo com o avançar da idade e a fragilização do estado de saúde física ou mental, susceptível de limitar as possibilidades objectivas de se mover no espaço social, que cresce o risco do isolamento e de perda de sentido para a sua própria existência.

A observação do quadro nº 1 permite concluir que a grande maioria dos idosos (33) que frequentam o Centro de Dia a partir do qual desenvolvemos a nossa reflexão têm idades iguais e superiores aos 75 anos e que tal se verifica quer entre os homens (13 no total de 14), quer entre as mulheres (20 num total de 24). Podemos ainda concluir que a idade média é de (79.7 anos) e a mediana é de 78 anos.

Quadro nº 1 – Utilizadores do Centro de Dia por idades e sexo

Idades	Homem	Mulher	Total
menos 65 anos	0	0	0
65 a 69 anos	1	1	2
70 a 74 anos	0	3	3
75 a 79 anos	5	10	15
80 a 84 anos	4	6	10
85 a 89 anos	3	2	5
90 a 94 anos	1	2	3
total	14	24	38

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Completando esta primeira informação com a análise do estado de saúde³ dos utilizadores do Centro de Dia, verifica-se, de facto, que o número de idosos, do sexo masculino como do sexo feminino, que se encontram numa situação de total independência, em termos de condições de saúde, é claramente diminuto: 4 dos 14 homens e 5 das 24 mulheres. O estado de saúde predominante é o da fragilidade: 21 no total dos utilizadores, 6 dos 14 homens e 15 das 24 mulheres, 8 utilizadores encontram-se num estado de dependência (4 homens e 4 mulheres).

³ Esta análise foi efectuada recorrendo à definição dos estados de saúde proposta pela equipa de investigação do Centre Interfacultaire de Gérontologie de l'Université de Genève (CIG), liderada por C. Lalive d'Épinay como se pode verificar no anexo metodológico II

Embora não se possa concluir da observação das informações contidas no quadro nº 2 que a deterioração do estado de saúde ocorre apenas entre os indivíduos com idades mais avançadas (os 4 homens independentes têm idades iguais e superiores a 75 anos bem como as 5 mulheres que se encontram neste estado de saúde), verifica-se, todavia, que o avançar da idade aumenta consideravelmente a fragilização da saúde: dos 13 homens com 75 e mais anos, 5 são frágeis e 5 dependentes; das 20 mulheres neste grupo etário, 11 são frágeis e 4 dependentes).

Quadro nº 2 – Utilizadores do Centro de Dia por idades e nível de dependência/ fragilidade

Idades	Homens			Mulheres		
	Independentes	Frágeis	Dependentes	Independentes	Frágeis	Dependentes
menos 65 anos	0	0	0	0	0	0
65 a 69 anos	0	1	0	0	1	0
70 a 74 anos	0	0	0	0	3	0
75 a 79 anos	2	1	2	3	6	3
80 a 84 anos	1	2	1	1	3	1
85 a 89 anos	0	2	1	0	1	0
90 a 94 anos	1	0	0	1	1	0
Total	4	6	4	5	15	4

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Como observa Lalive d'Epinay (2003), após a saída do mundo do trabalho e, mais ainda, à medida que o indivíduo envelhece, não somente as expectativas dos outros escasseiam a seu respeito mas acabam por inverter-se: os outros passam, muitas vezes, por pedir ao idoso para não fazer tal ou tal coisa em vez de o encorajar a manter actividades e a desenvolver outras eventualmente mais adaptadas ao seu estado de saúde. Em vez de desempenharem o seu papel de estímulo para a acção e a aprendizagem, os outros precipitam, frequentemente, a desistência e o abandono de actividades e, através delas, a perda de relacionamentos. Importa, pois, ter presente neste diagnóstico que a manutenção de actividades que dêem sentido à vida não depende unicamente de características pessoais dos indivíduos, tais como o seu estado de saúde, a sua força de carácter, as capacidades cognitivas ou de adaptação que adquiriram ao longo da existência, mas, mais amplamente, do seu "envolvente

social"⁴. Entre os factores sociais que favorecem ou, pelo contrário, previnem a desistência, são de realçar as ajudas técnicas e humanas que permitem prosseguirem as suas actividades apesar de problemas funcionais; a presença e o suporte dos próximos; as solicitações que lhe são dirigidas. Este último tipo de suporte é particularmente importante por criar autênticas «oportunidades de implicação» que incentivam os mais idosos a continuar a participar na vida social, a ancorar a sua identidade em parte no presente e a resistir ao sentimento de estranheza em relação ao mundo. Estas oportunidades de implicação são, todavia, muito desigualmente distribuídas e V. Caradec (2007) conclui, no artigo já citado, que, exceptuando alguns privilegiados, elas fazem cruelmente falta na sociedade contemporânea. Se é verdade que, nesta, conseguiu-se com sucesso prolongar a existência, não é menos certo que não se sabe ainda muito bem o que fazer para que, na idade avançada, a vida continue a fazer plenamente sentido para os mais velhos como para aqueles que com eles têm (ou teriam) a oportunidade de interagir.

Importa, além disto, ter presente que outras mudanças associadas ao envelhecimento são susceptíveis de provocar o que A.M. Guillemard (1973) designa por autêntica paralisia da vida relacional⁵. No diagnóstico que interessa realizar para pensar os modos de funcionamento e práticas profissionais no seio de um Centro de Dia, pelo menos duas outras mudanças merecem atenção.

A primeira diz respeito à diminuição ou perda dos papéis familiares: as normas sociais actuais fazem com que é esperado que, na idade adulta, os filhos saiam da casa da família de origem e fundem o seu próprio núcleo familiar, numa residência autonomizada da dos pais. Além disto, as exigências do mundo do trabalho obrigam, cada vez mais frequentemente, a uma mobilidade geográfica que pode chegar a inviabilizar ou, pelo menos a reduzir drasticamente, as interacções frequentes com os pais envelhecidos. Finalmente, as representações negativas da velhice, insidiosamente caracterizadas como perda de vitalidade não somente física mas também intelectual e afectiva, e as

⁴ O fenómeno da desistência ou desimplicação, ou seja do abandono de actividades quotidianas, foi analisado por vários autores, designadamente por V. Caradec in: "L'épreuve du grand âge", in: *Retraite et Société*, nº 52, 2007.

⁵ Para retomar a expressão de A.M. Guillemard (in : *La retraite. Une mort sociale*, Paris, Mouton, 1973), quando circunscreve os traços característicos do modo de viver a reforma que denomina « morte social » Ou « reforma-retraimento ».

ideias pré-concebidas que desvalorizam os idosos por realçar a sua lentidão, as suas resistências à mudança e à realização de novas aprendizagens ou, pior ainda, por apresenta-los como um fardo demasiado pesado nos ombros das gerações mais novas são de natureza a incentivar a relegação para segundo ou terceiro plano da vida quotidiana as trocas com pais envelhecidos. Ainda neste plano do enfraquecimento dos laços, no entanto indispensáveis para que os indivíduos possam ter a certeza que continuam a contar para os outros, importa reconhecer que o avançar da idade expõe a riscos crescentes de perda do cônjuge tal como de outros próximos, parentes ou amigos.

Quadro nº 3 – Utilizadores do Centro de Dia por composição dos grupos domésticos

Vive só		Vive exclusivamente com indivíduo com + de 65 anos		Vive exclusivamente com indivíduos entre os 25 e 64 anos		Vive com indivíduos com mais de 65 anos, com idades entre os 25 e 64 anos e com menos de 25 anos		Vive com indivíduos com mais de 65 anos e com idades entre os 25 e 64 anos		Vive com indivíduos com idades entre os 25 e 64 anos e com menos de 25 anos	
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
7	8	3	1	2	11	1	0	0	1	1	3
15		4		13		1		1		4	

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Ao observar o quadro nº 3 podemos verificar que, no universo dos 38 utilizadores do Centro de Dia, 15 deles (7 homens e 8 mulheres) vivem sozinhos nas suas residências, o que equivale a 39,5% do total dos utilizadores, uma percentagem bem superior a que os Censos de 2011 registaram no conjunto da população idosa em Portugal (19,8%). No que respeita aos indivíduos que vivem exclusivamente com outro idoso (o cônjuge), a proporção é também bem distinta do que a verificada ao nível nacional: na nossa amostra, apenas 4 indivíduos (3 homens e 1 mulher) vivem exclusivamente com o cônjuge, ou seja, 10,5%, contra 39,8% para o total da população idosa recenseada em 2011. Não será, pois, exagerado afirmar que 50 % dos utilizadores do Centro de Dia sobre o qual incide este diagnóstico são particularmente vulneráveis ao isolamento no que toca, pelo menos, às relações com membros das gerações mais novas no seio do grupo doméstico.

Relativamente a outra metade dos utilizadores, verificamos que todos coabitam com um familiar (filho ou filha para 17 idosos ou irmã para 2 idosos) com idades compreendidas entre os 25 e 64 anos, sendo de assinalar ainda que 5 deles coabitam igualmente com familiares jovens (com idades inferiores a 25 anos), netos e netas na sua totalidade.

Outra mudança associada ao envelhecimento, susceptível de contribuir para a restrição da sociabilidade prende-se com a redução dos recursos económicos que decorre da passagem à reforma. Em Portugal, esta questão é particularmente relevante, uma vez que a relativa “juventude” do Estado-Providência e a sua consequente fragilidade, por comparação com países que mais precocemente e com mais recursos desenvolveram políticas de protecção social, traduzem-se, nomeadamente, por baixos montantes de pensões de reforma. 77,9% dos pensionistas do Centro Nacional de Pensões (Sistema Geral de Segurança Social) auferiam, em 2013, de pensões com valores inferiores ao salário mínimo nacional, ou seja, 485€. Os últimos dados disponíveis acerca da distribuição das pensões deste sistema de protecção da velhice, relativos a 2010, permitiam verificar que os pensionistas com pensões de velhice iguais ou inferiores a 500€ constituíam um universo de 1.271.816 indivíduos num total de 1.603.882, ou seja, quase 80% dos reformados dependentes deste organismo⁶.

Quadro nº 4 – Utilizadores do Centro de Dia por escalões de pensão de reforma

	Pensões inferiores a 250€		Pensão entre 250 e 500€	Pensão superior a 500€
	Pensão Social	Pensão do Regime Contributivo		
Homens	3	2	6	3
Mulheres	3	1	15	5
Total	6	3	21	8

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Uma primeira constatação que a observação do quadro nº 4 impõe é que os utilizadores do Centro de Dia dispõem de pensões com montantes geralmente baixos e muito baixos: Nenhum usufrui de pensão igual ou superior a 1000€/mês; 30 indivíduos (correspondendo a 78,9% do total dos utilizadores) recebem pensões de valor igual ou inferior a 500€/mês, salientando-se o facto de 6 receberem a pensão social cujo valor em 2015 é de 201,53€ acrescidos do Complemento Extraordinário de Solidariedade, cujo montante varia em função da idade: até aos 70 anos, 17,54€/mês, perfazendo-se assim

⁶ Segundo as informações disponibilizadas pela PORDATA relativas a 2010 (e, entretanto, retiradas desta base de dados), 240.234 pensionistas do CNP recebiam pensões com valores compreendidos entre 501 e 1000€, representando 14,9% do total de pensionistas de velhice, enquanto somente 91.832 auferiam pensões superiores a 1000€, o que correspondia a 5,7% do mesmo total.

um valor de pensão de 219,07€; após os 70 anos, 35,06€, elevando o valor total da pensão social para 236,59€/mês durante 14 meses. Salienta-se que apenas 8 dispõem de montantes mensais superiores a 500€ mas inferiores a 1.000€.

Não será, pois, exagerado considerar que estamos em presença de um conjunto de idosos e de idosas que pertencem maioritariamente às classes populares, como se pode depreender da análise das informações reunidas no quadro nº 5.

Quadro nº 5 – Categoria socioprofissional predominante ao longo da vida dos utilizadores do Centro de Dia

Categoria socioprofissional	Homens	Mulheres	Total
Operários qualificados	8 + 4*	2	15
Operários não qualificados		2	2
empregados executantes	1	3	4
trabalhadores não qualificados dos serviços		3	3
trabalhadores independentes do comércio e dos serviços	1	3	4
trabalhadores independentes da agricultura	1	3	4
artesãos	2 + 1*+1**	2	6
Total	19	18	37

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

* relativo à profissão do marido quando a utilizadora do Centro de Dia tratou das tarefas do lar

** relativo à profissão do pai de uma utilizadora que sempre viveu com os pais e não exerceu actividade profissional

*** não foi classificado um utilizador cego desde os 5 anos de idade e que nunca chegou a ter uma actividade profissional, recebendo actualmente a pensão social

62,2% dos utilizadores do Centro de Dia (13 homens e 10 mulheres) exerceram profissões em regime de trabalho assalariado, predominantemente no campo do trabalho operário (4 mulheres e 12 homens, sendo que destes 4 são cônjuges de utilizadoras do Centro de Dia que se ocuparam das tarefas do lar). Entre as mulheres operárias, duas foram operárias qualificadas (uma tecedeira e uma cordoeira) e as duas restantes operárias não qualificadas (uma na fase de produção final das folhas de papel e uma como carregadora de baldas de areia). Neste conjunto de assalariados, as trabalhadoras não qualificadas dos serviços (empregada de limpeza, empregada doméstica e empregada de limpeza de automóveis numa garagem) perfazem um total de 3, sendo que os empregados executantes foram 4 (1 homem e 3 mulheres).

A este primeiro segmento das classes populares, acresce um outro, constituído por 14 trabalhadores independentes utilizadores do Centro de Dia ou, em duas circunstâncias, marido e pai de utilizadoras que não exerceram actividade profissional remunerada. Neste grupo, são os artesãos os mais representados – 6 (2 costureiras, 2 carpinteiros, 1 entalhador e 1 marceneiro), seguidos pelos trabalhadores independentes da agricultura (1 homem e 4 mulheres) e dos serviços (1 homem/barbeiro e 3 mulheres, respectivamente florista, padeira e talhante).

A observação dos níveis de instrução dos utilizadores do Centro de Dia permite-nos confirmar a sua classificação, fundada na profissão e na situação na profissão, como membros das classes populares. Com efeito, do quadro a seguir reproduzido conclui-se que os idosos que concluíram a escolaridade primária são minoritários (8), sendo que os que apenas sabem ler são 16 e os que permaneceram analfabetos ao longo da sua vida são 14.

Quadro nº 6 – Níveis de instrução dos utilizadores do Centro de Dia

Analfabeto/a		Só sabe ler		Escolaridade primária	
H	M	H	M	H	M
6	8	5	11	3	5

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Além disto, o cruzamento entre a categoria socioprofissional e os montantes das pensões de reforma confirma a escassez de recursos monetários com que contam os utilizadores do Centro de Dia que foram trabalhadores independentes. Se considerarmos o valor do limiar de pobreza por adulto equivalente calculado na base dos rendimentos auferidos em 2014, ou seja, 422€ (informações mais recentes disponíveis no INE), concluímos que a maioria se encontra em “risco de pobreza monetária” (24 idosos num total de 38).

Quadro nº 7 – Valor das pensões de reforma segundo a categoria socio-profissional

	Homens			Mulheres			Total
	-250€	250-500€	>500€	-250€	250-500€	>500€	
operários qualificados	1	7	4	1	1		14
operários não qualificados					2		2
empreg. Executantes		1			2	1	4
trab. não qualif dos serviços					2	1	3
trab. independentes comércio e serviços		1			2	1	4
trab. independentes da agricultura		1			3		4
artesãos	3	2			2		7
Total	4	12	4	1	14	3	38

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

1 Rede ou capital social na idade avançada

A fim de melhor apreender as perdas relacionais dos idosos do Centro de Dia, procuramos integrar vários contributos provenientes do campo da Sociologia em geral e da Sociologia do Envelhecimento (com destaque para Silvia Portugal e Lalive d'Epinay et al).

A análise da sociabilidade está hoje muito dependente do *conceito de rede social*. O termo rede social é susceptível de vários entendimentos, mais ou menos próximos, alguns deles, dos conceitos de laços sociais Paugam (2008) e de capital social, na perspectiva de P. Bourdieu (1980). Todos eles apontam para as relações de interdependência que existem entre os indivíduos, enquanto seres sociais, e para os bens, serviços, informações, marcas concretas de reconhecimento e outras vantagens que podem decorrer das ligações que se estabelecem, a partir de diversos contextos relacionais – a família, o trabalho, a comunidade de vizinhança ...- entre indivíduos em números mais ou menos importantes.

Como refere S. Portugal (2007) a teoria das redes organiza-se em torno de um certo número de princípios (pp.6-7), entre os quais o de que os actores e suas acções são perspectivados fundamentalmente como interdependentes e não como unidades independentes e autónomas; os laços entre os actores são canais onde circulam fluxos de recursos materiais e imateriais; as estruturas de relações configuram oportunidades ou, pelo contrário, constrangimentos para a acção dos indivíduos e, finalmente, as relações seguem determinados padrões, reconhecendo-se assim, de acordo com toda a análise sociológica, que a vida social possui uma estrutura que se impõe não somente aos indivíduos como às ligações que estes estabelecem entre si. Alguns autores considerados como “clássicos” na teoria das redes, designadamente B. Wellman, P. Carrington e A. Hall⁷ () orientaram claramente os seus estudos no sentido de reconhecer as redes sociais como fonte de suporte social. O que lhes interessou particularmente prende-se com os efeitos das redes em matéria de mobilização de recursos e de construção de oportunidades para os seus membros, bem

⁷ Networks as Personal Communities, 1991 in B. Wellman, S.D. Berkowitz (orgs) Social Structure, A Network Approach, Cambridge, Cambridge University Press – citado por S. Portugal) e C. Fischer (1982 To Dwell Among Friends. Personal networks in Town and City, Chicago: the University of Chicago Press

como a influência que as redes sociais podem exercer na mudança de situações individuais, designadamente por via das oportunidades de integração nos sistemas macro-sociais que as redes podem proporcionar. É nesta perspectiva que C. Fischer (1982)⁸, por exemplo, procedeu a uma comparação entre as redes sociais dos habitantes das grandes áreas urbanas e as redes dos indivíduos que vivem em pequenos centros. Como refere S. Portugal, Fischer observou que quer uns, quer outros estão inseridos em redes de relações que oferecem apoio, sociabilidade e entreajuda. Todavia, segundo o mesmo autor, o facto de os habitantes das grandes concentrações urbanas terem tendencialmente acesso a redes mais vastas e mais densas do que os habitantes de outros tipos de comunidade residencial proporciona-lhes mais amplas possibilidades de escolha e selecção em matéria de relacionamentos. O que, para o nosso trabalho, nos parece fundamental reter destes autores é que as características das redes condicionam o acesso dos indivíduos a recursos ou, por outras palavras, abrem ou fecham possibilidades a indivíduos que, sob o ponto de vista de outros atributos, designadamente a educação, a actividade profissional e, nesta base, o lugar ocupado na estrutura das desigualdades, podem ocupar posições semelhantes.

O conceito de rede é pois, sob muitos aspectos, próximo do de capital social, quando este é definido como a possibilidade de concretizar objectivos, que permaneceriam inalcançáveis ao indivíduo isolado, por via da rede de relacionamentos entre vários indivíduos. O capital social deriva, pois, directamente dos relacionamentos entre pessoas e abre possibilidades de aceder a diversos tipos de ganhos a partir destes mesmos relacionamentos. Tem vindo a ser considerado a diversos níveis, o individual, centrando-se na rede de relacionamentos em que os indivíduos tomam parte e nas vantagens que esta lhes proporciona (Bourdieu, 1980)⁹; o das “comunidades”, ou seja, o conjunto dos relacionamentos que existem entre os habitantes de um dado território e o seu contributo para a produção de valores e normas comuns e para o desenvolvimento de práticas de cooperação (Putnam R.D. 2000)¹⁰.

⁸ Citado por Silvia Portugal

⁹ Bourdieu define capital social como “o conjunto de recursos, efectivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento”.

¹⁰ Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community, New York: Simon & Schuster

Finalmente, o capital social pode ser apreendido ainda ao nível de uma organização, remetendo, então, para a densidade dos relacionamentos que se desenvolvem no seio da organização e os fluxos de recursos que os seus membros têm, deste modo, a oportunidade de partilhar. Pode-se considerar que, na perspectiva de Bourdieu, o capital social é antes de mais uma vantagem privada, enquanto Putnam vê no capital social um bem público de que todos os que vivem numa dada comunidade podem beneficiar. A perspectiva do capital social organizacional está mais perto deste segundo entendimento do que do primeiro, uma vez que depende fundamentalmente do modo de funcionamento e da cultura das organizações e da sua propensão para fomentar laços de interdependência entre os seus agentes. Em todas as acepções do termo capital social, a confiança na possibilidade de contar com outros para poder enfrentar riscos e dificuldades é uma característica do capital social, tal como o é igualmente a existência de valores partilhados e de regras não escritas que regulam a conduta dos membros da rede. O mesmo é dizer que, entre os membros da rede relacional de um dado indivíduo ou das redes que se constituem à escala de um território ou de uma organização, os laços de identificação prevalecem sobre os de diferenciação. Ora na nossa tentativa de utilização destes conceitos no que às condições do envelhecimento diz respeito, faz sentido realçar, desde já, que o relacionamento intergeracional constitui uma dimensão do capital social, individual ou colectivo. Para que os idosos possam ser reconhecidos e, simultaneamente, protegidos é, de facto, importante que contem, tenham valor aos olhos não somente de pares mas, sobretudo, dos membros das gerações mais novas, por definição aqueles que poderão dar continuidade aos seus actos, valores e modos de pensar mesmo após a sua morte. É igualmente fundamental que os mais velhos possam contar com aqueles que são susceptíveis de compensar as fragilidades que os atingem porque dispõem de recursos que precisamente começam a lhes faltar. Ora, como sublinha N. Elias (1998), o que mais compromete o relacionamento entre velhos e jovens, nos contextos sociais actuais, é a grande dificuldade que os segundos têm em identificar-se com os mais velhos. No início de “Vieillir et mourir: quelques problèmes sociologiques”, Elias relata uma experiência de juventude (pp.93 e seg) que, diz ele, ganhou sentido para ele a partir do momento em que a idade começou a pesar: enquanto assistia a uma

conferência de um conhecido físico que viu entrar arrastando os pés porque era já muito idoso, Elias observou-se a pensar “mas porque é que ele arrasta assim tanto os pés? Não pode andar como toda a gente?” e lembra-se de logo a seguir ter acrescentado para si próprio “não pode de outra maneira, é muito velho”. A sua reacção espontânea de jovem face a um idoso, continua a relatar Elias, é muito típica do tipo de sentimentos que a visão de pessoas idosas provoca hoje nos indivíduos que usufruam de perfeita saúde ou fazem parte dos grupos etários “normais”. Estes sabem que os idosos têm muitas vezes dificuldade em executar determinados movimentos, diferenciando-se assim dos jovens e dos adultos. Sabem-no mas, acrescenta Elias, só o sabem de longe. Não são capazes de imaginar uma situação em que as suas próprias pernas ou outra parte do seu corpo recusariam obedecer às ordens da sua vontade. É aliás o motivo pelo qual Elias fala propositadamente dos grupos etários normais. As modificações que acompanham a velhice são muitas vezes percebidas, embora involuntariamente, como uma distância em relação à norma social. E a norma nas nossas sociedades prende-se muito mais com a rapidez, a eficiência, a dexteridade do que com a lentidão, fonte de perda de tempo e de eficácia num mundo em que o valor do indivíduo depende muito da sua produtividade. Num tal contexto, os membros dos grupos etários normais têm dificuldades (compreensíveis salienta Elias) em sentir de modo empático as experiências concretas do envelhecimento. Os mais “novos” não dispõem de nenhuma experiência que lhes permita imaginar o efeito da multiplicação do tecido muscular ou o abrandamento da renovação celular, tanto mais quanto a experiência vivida do envelhecimento não deve ser confundida com o conhecimento científico dos processos fisiológicos que comporta. E, acrescenta Elias, não é fácil, quando se é jovem ou simplesmente em boa saúde, imaginar que o seu próprio corpo, repleto de sensações agradáveis, poderá tornar-se entorpecido, cansado e desajeitado. Resiste-se face a esta representação. Ou, por outras palavras, conclui Elias, a identificação com aqueles que envelhecem ou morrem suscita, de forma bem compreensível, dificuldades específicas para os membros de outros grupos etários. Conscientemente ou não, estes resistem tanto quanto podem face à ideia da sua própria velhice e da sua própria morte. Em consequência, a ideia ou o sentimento de que talvez, um dia, também eles serão idosos tende a faltar totalmente. Comprometeria a satisfação espontânea

que lhes proporciona a sua superioridade e, sobretudo, o seu poder em relação aos idosos. Nos contextos sociais em que vivemos, o facto de envelhecer afecta as relações entre os indivíduos e os que envelhecem sabem que, com a idade, o seu poder diminui potencial ou efectivamente em relação aos mais novos e a sua dependência em relação a outros se acentua. Sem negar o papel que todo o conjunto da vida passada e a estrutura da personalidade desempenham no processo de envelhecimento, Elias coloca a hipótese de os comportamentos dos próprios idosos poderem ser, pelo menos em parte, explicados pelo seu receio em perder o seu poder, a sua independência e, muito especialmente, o controlo que exercem sobre si próprios. Para tentar compreender a experiência dos mais velhos é necessário tomar consciência de que o processo de envelhecimento modifica muitas vezes de modo fundamental a posição do indivíduo na sociedade e, por via de consequência, todo o conjunto das suas relações com os outros. Poder e estatuto mudam com o avançar da idade e este é também um obstáculo à identificação dos mais novos com os mais velhos, enquanto condição para o reforço dos laços entre si.

Voltando à autora a que nos referimos a respeito do conceito de rede social, não restam dúvidas que não existem redes sem indivíduos (ou grupos de indivíduos) em relação uns com os outros, sendo que estas relações podem assumir a forma de interacções de face a face, em contexto de co-presença, e envolver uma diversidade de transacções ou de trocas entre os membros da rede: trocas de bens e serviços, trocas monetárias, trocas de informações, trocas de saberes, trocas de imagens ou modelos identitários, implicando valores e normas. Em suma, transacções/trocas que preservam os indivíduos do isolamento e da solidão e, além disso, contribuem para gerar oportunidades de desenvolvimento e conferir um sentido à existência de cada um.

Numa perspectiva de operacionalização do conceito de rede, S. Portugal fornece algumas referências que resolvemos reter a fim de construir a análise diagnóstica da rede social dos utilizadores de um dado Centro de Dia. Esta análise implica considerar os nós e os laços que constituem a rede, entendendo por nós os elementos da rede, identificados pela relação que têm com o “eu” que consideramos como o seu centro. No nosso caso concreto os

nós de cada rede são constituídos pelos idosos que frequentam o Centro de Dia e não apresentam deficiências cognitivas de natureza a comprometer quer a recolha de informações, quer a concepção de um projecto voltado mais para a prevenção do isolamento social, propício à perda de vitalidade mental e afectiva, do que para controlar o risco de um alheamento crescente. Optamos por não considerar que a existência de uma relação de parentesco seja um critério exclusivo para caracterizar os laços que se tecem em volta de cada nó. Sem minimizar a importância das relações de parentesco no quotidiano dos idosos, designadamente os laços de filiação, decidimos incluir nos elementos da rede todos aqueles que, na perspectiva de S. Paugam (2008), se tornaram próximos na base de afinidades electivas: os cônjuges, amigos, vizinhos. Por outras palavras, os indivíduos com os quais o utilizador do Centro de Dia desenvolveu “laços de participação electiva” que envolvem não somente interacções frequentes como trocas materiais ou imateriais que contribuem para a segurança do indivíduo e lhe proporciona oportunidades de enriquecimento do seu quotidiano. Os laços aqui considerados são, pois, os laços ditos activos, excluindo-se os passivos, isto é, aqueles que não envolvem interacção quotidiana mas se revelam no entanto importantes do ponto de vista da segurança individual e familiar, na medida em que os indivíduos sabem que contam suficientemente para estes elementos da rede (são reconhecidos por eles) para poder contar com eles quando tal se revela necessário (ou seja para poder contar com a sua protecção).

A nossa análise diagnóstica é, pois, construída por referência à “rede egocentrada”, definida como o conjunto de indivíduos que conhecem e interagem com cada idoso (Portugal, 2006) de cada utilizador e, fundamentalmente, a partir das informações que estes nos livram no decorrer de entrevistas e conversas orientadas pelas observações proporcionadas pelo exercício do nosso papel profissional.

Antes de especificar mais o modo como procuramos operacionalizar o conceito de rede social, interessa sublinhar a sua importância na fase do envelhecimento em que se encontra a grande maioria dos idosos do Centro de Dia em análise. Com efeito, como salientou Lalive d’Epinay, o prolongamento da esperança média de vida contribui para a diversificação do próprio processo de envelhecimento. Os desafios a enfrentar pelos indivíduos que passaram a

ser considerados como “envelhecidos” ou “velhos” variam com o avançar da idade e, sobretudo, com as modificações do estado de saúde.

Na tentativa de integrar o aumento da longevidade na análise do envelhecimento como fenómeno social, Lalive d’Epinay distingue três grandes fases no que respeita à relação do indivíduo com os outros à sua volta: a vida a inventar, a vida a cuidar e a negociação da dependência.

Na primeira fase, que Lalive d’Epinay intitula “a vida a inventar” ou, ainda “a autonomia a conquistar”, o indivíduo tem que desenvolver a capacidade de reorganizar a sua vida quotidiana, de definir objectivos e de procurar alcançá-los ainda que tenham desaparecido as obrigações ou os encorajamentos por parte de outros. Com efeito, a entrada na reforma marca a passagem de uma posição social na qual o comportamento e o conjunto da vida quotidiana são largamente condicionados pelo exercício da actividade profissional, isto é, pelas expectativas da organização que acolhe o trabalho do indivíduo, suas regras, exigências e recompensas, para uma outra posição, caracterizada pela ausência de quadro institucional, pelo fraco nível de expectativas dos outros a respeito do desempenho do indivíduo, ou, até, por expectativas negativas, já que muitos outros acabam por pedir para deixar de fazer tal ou tal tarefa em vez de encorajar a prossecução de actividades. Todavia, esta primeira fase de envelhecimento, prossegue Lalive d’Epinay, é, para aqueles que a abordam com um estado de saúde que lhes garante a independência, a fase em que o indivíduo tem mais disponibilidade para dar aos outros, para lhes prestar serviços diversos, quer no círculo familiar e dos amigos, ou no círculo mais formal das associações abertas ao voluntariado.

Mas o avançar da idade acaba por confrontar muitos indivíduos com a descoberta de que a sua saúde já não está garantida, antes passa a constituir um novo desafio a enfrentar para organizar ou reorganizar a vida quotidiana. Como vimos mais acima, a deterioração do estado de saúde não precipita obrigatoriamente o indivíduo numa condição de dependência. A fragilização do estado de saúde pode constituir uma etapa intermédia entre a independência e a dependência sem, por isso, dispensar uma nova reorganização da vida quotidiana. Num artigo intitulado « Statuts de santé et mondes de vie

quotidienne des vieillards »¹¹ C. Lalive d'Epinay e E. Guilley, procuram precisamente apreender as alterações que a fragilização do estado de saúde impõe em vários planos do quotidiano dos idosos. Os autores recorrem à expressão “mundo da vida” com o objectivo de tentar captar “do interior, na linha das perspectivas do interaccionismo simbólico, a experiência vivida pelos indivíduos. A expressão “mundo da vida” foi utilizada por A. Schütz a fim de designar as realidades que os indivíduos experimentam e vivem como a realidade e em relação às quais definem a sua própria identidade e a sua relação com os outros próximos e com o mundo envolvente. Para tentar reconstituir os mundos da vida quotidiana dos indivíduos que envelhecem e cuja saúde tende a se degradar, de forma mais ou menos acentuada, os autores começam por reconhecer que o quotidiano se desenrola forçosamente num dado território, em função de um modo de organizar e delimitar o tempo e, ainda, de uma rede de relacionamentos concretos com outros. Estas três dimensões do mundo da vida quotidiana – a espacial, a temporal e a relacional – influenciam fortemente o conteúdo das práticas e das relações, a sua qualidade, o sentido e o valor que o próprio idoso pode atribuir à sua vida e à sua pessoa. O mundo da vida quotidiana de cada idoso remete, assim, para os lugares, as actividades e relações que perpassam a sua vida quotidiana, acolhem o seu desenrolar e a torna mais ou menos rica de oportunidades de reconhecimento e protecção por parte dos outros. É pois em função das características do seu mundo de vida quotidiana que o idoso usufruirá, ou não, de oportunidades de continuar a se sentir existir no tempo presente, como membro pleno da “comunidade dos vivos”, para retomar uma expressão de N. Elias. Em consequência, o conhecimento fino destes “mundos de vida quotidiana” afigura-se como uma condição necessária para que o gerontólogo social possa definir as intervenções e os cuidados necessários, assim como os modos adequados de os prestar e desenvolver.

Inspirando-se da obra de Schütz, a equipa de investigação do Centre Interfacultaire de Gérontologie (CIG) de l'Université de Genève procurou analisar os mundos de vida quotidiana na idade avançada, destacando quatro dimensões principais: a dimensão temporal, a dimensão espacial, a dimensão

¹¹ (Swiss Journal of Sociology, 32 (3), 2006),

relacional e a dimensão dos acontecimentos susceptíveis de surgir e de obrigar o idoso a recriar um novo equilíbrio a fim de integrar a ocorrência de uma mudança na sua própria vida.

A primeira destas dimensões, a temporal, prende-se essencialmente com o que os próprios indivíduos consideram como o seu horizonte de vida, o modo como se relacionam com o presente, o passado e o futuro. Terão ainda expectativas para o futuro, desejos a concretizar e objectivos a realizar ou será que, pelo contrário, consideram que o essencial da sua vida já ocorreu e que não faz mais sentido alimentar aspirações, desde logo porque a recuperação plena do seu estado de saúde é impossível? Perspectivam ainda um tempo relativamente longo de vida ou tendem a viver como se ter projectos já não fizesse sentido na idade que têm?

Nem a idade mais avançada, nem a condição de saúde são factores que inevitavelmente limitam o horizonte temporal e impedem a projecção no futuro ou a expressão de desejos, como tivemos oportunidade de verificar empiricamente:

“Eu queria chegar aos 100, vamos lá ver” disse-nos D. Maria do Céu, com 89 anos e um estado de saúde frágil.

“Ainda me sinto jovem e acho que ainda tenho coisas para fazer por cá, a minha filha conta comigo, enquanto aqui andar” (D. Maria do Carmo, 78 anos, independente).

“Querida ver a minha bisneta fazer a comunhão” (D. Prazeres, 94 anos, frágil) ou *“Tenho um sonho, queria conhecer o Papa, gosto muito dele, mas sei que é muito difícil...”* (D. Deolinda, 83 anos, frágil).

Relativamente menos idosa, mas em situação de dependência, D. Margarida, que tem 76 anos, não está numa atitude de desistência da vida: *“Tenho receio de piorar mais, mas não queria ir já. A minha filha é muito a minha amiga e até o meu genro, é como se fosse um filho.”*

Em contrapartida, apesar de ser ainda independente a D. Maria Graziela, com 84 anos, declara: *“Não sei dizer (se a minha vida será longa), mas com tanta doença não acredito, deve estar para breve”*. A D. Ester (com 81 anos) perspectiva a sua situação de dependência com um encargo negativo para os outros que a leva a desejar o seu próprio fim: *“Eu espero não ter um futuro muito grande, pois só ando a dar trabalho e a dificultar a vida aos meus filhos”*.

No artigo intitulado “L'épreuve du grand âge”, Vincent Caradec refere-se ao romance de Philip Roth, *The Dying Animal*, em que o autor procura mostrar quanto tendencioso é o olhar dos mais jovens sobre a velhice. Por

considerarem que os mais velhos portam em si a marca do tempo em que viveram e de um tempo que não conheceram, os mais novos tendem a prender os idosos ao passado, o que equivale, segundo o romancista, a não perceber nada das pessoas concretas. É típico dos mais jovens pensar que os indivíduos com uma idade avançada já terminaram a sua vida, esquecendo, deste modo, que envelhecer não impede de continuar a ser e a viver. É precisamente a definição do espaço temporal em que o indivíduo envelhecido vive que está aqui em causa, ou seja, a definição do espaço temporal que privilegia na construção da sua identidade: o sentimento do seu próprio valor depende fundamentalmente do que foi no passado ou continuará a depender de actividades que está a desenvolver no presente e do reconhecimento que lhe é possível obter através delas?

Há idosos, tal como a D. Maria do Carmo (acima referida), que continuam a se sentir implicados na vida de outros mais novos e sentem as responsabilidades que assim assumem como factores que lhes permitem fundar a sua identidade no presente. E se é certo que tal acontece mais frequentemente entre os idosos que desenvolveram ao longo da vida uma carreira profissional valorizada, que continua a lhes trazer solicitações na velhice, não é menos verdade que realizações quotidianas menos valorizadas socialmente podem também desempenhar esta função. O sentimento do seu próprio valor pode ser preservado graças à realização de “pequenas” actividades quotidianas, tais como a lida da casa, as deslocações quotidianas entre a casa e o café, a mercearia e o centro de dia, sem ajuda de terceiros, sobretudo quando o idoso constata que constitui uma excepção entre os seus pares. A comparação com outras pessoas da mesma idade, que se encontram em pior situação, por exemplo, em termos de mobilidade funcional, é alias uma estratégia frequentemente accionada para salvaguardar o sentimento do seu próprio valor. Segundo V. Caradec, é fundamentalmente quando a implicação em actividades no presente fica muito débil que o passado se torna o principal ponto de apoio identitário:

“Tenho muitas saudades desse tempo, do tempo em que era senhora minha, agora não sirvo nem para tomar decisões, tenho de me sujeitar” (D. Ester, 81 anos, dependente).

A ancoragem no passado traduz uma identificação com a sociedade de outrora que é valorizada em detrimento da sociedade actual, geralmente avaliada através de juízos muito menos favoráveis. Nestes casos, mesmo as dificuldades vividas no passado, tais como a pobreza e as privações materiais ou o obscurantismo do regime ditatorial, em particular para as mulheres, acabam por ser relativizadas e amplamente compensadas pela força que então tinham valores, tais como o respeito, a decência ou a união familiar.

“A vida de hoje é muito diferente, há muitas coisas mas, no passado, era melhor. Havia mais respeito” (D. Odília, 94 anos, independente).

“Alguma vez eu saia da mesa sem pedir licença? A mesa era um lugar sagrado, hoje estão a brincar com os telefones e levantam-se a qualquer hora. Eu não gosto disso, já disse ao meu filho, mas ele diz para não me meter, que não é comigo” (D. Prazeres, 94 anos, frágil).

A relação destas idosas com o tempo organiza-se em torno de uma oposição entre o passado, em que reinavam os verdadeiros valores – o trabalho, o esforço, a poupança, o respeito pela ordem e pelas autoridades – e as ameaças múltiplas da modernidade. O presente é desvalorizado e, por maioria de razão, o futuro dominantemente portador de uma carga negativa.

Mas existem outros casos em que a valorização de si próprio assenta numa associação entre o passado e o presente. O sentimento de que a própria existência do idoso foi bem-sucedida enraíza-se nas conquistas dos filhos ou dos netos, em termos de nível de escolaridade alcançados ou de carreira profissional, ou, ainda, nas atenções que estes lhe manifestam: o facto de contar para os seus próximos é, sem dúvida, um factor de valorização de si próprio.

“Vivi uma vida amargurada, criei os meus filhos sozinha, mas hoje sinto orgulho em ver os homens em que se tornaram” (D. Filomena, 78 anos, estado de saúde frágil).

A relação com o tempo também pode conter estas ambiguidades. Os idosos reconhecem que o presente é portador de mudanças positivas para a sua vida e a da colectividade, nomeadamente em matéria de esforços físicos e de vantagens materiais. Mas a modernidade não deixa de ser condenada no que

respeita à evolução moral e mais ainda à dinâmica do relacionamento intersubjectivo:

“Há coisas que estão melhor do que no passado. A vida é outra. Agora até tenho um telemóvel. Podem falar comigo em qualquer lugar. Mas agora ligam-me enquanto, antes, iam mais vezes a minha casa ver se eu estava bem” (Sr Benjamim, 76 anos, frágil)

Mas, para não reforçar os preconceitos de que fala Philip Roth e inviabilizar qualquer possibilidade de os mais jovens se puderem identificar com os mais velhos, importa também realçar que, para certos idosos, o presente é claramente valorizado, por oposição a um passado marcado pelas durezas da vida quotidiana. O presente da velhice é percepcionado como oportunidade de usufruir de pequenos prazeres, outrora totalmente vedados, e que, de um certo modo, o idoso sabe que não serão eternos:

“Eu prefiro o tempo de hoje. Vou todos os dias ao café mal chego a casa e antes não havia tempo para essas mordomias!” (Sr. Rui, 91 anos, independente).

“Eu acho melhor a vida agora. Eu até tinha medo de falar com o meu pai, levava cada ralhete, quando não era bem pior. Hoje, vejo os meus netos abraçados à mãe e ao pai e a conversarem de tudo. Alguma vez eu fazia isso com o meu pai? Não havia essa confiança” (D. Maria do Carmo, 78 anos, independente).

V. Caradec observa que, a partir de uma certa idade, parece difícil escapar à questão de saber se o indivíduo passou a fazer parte dos “idosos”. Mas, uma vez mais, o posicionamento face à identidade atribuída de “idosos” ou de “velhos” não é único. Os estudos de vários sociólogos (Lalivé d’Epinay - 1996, Clément:1997 e até Giddens: 1991) concordam em reconhecer que a negociação da identidade atribuída pode seguir pelo menos dois caminhos diferentes: alguns idosos percepcionam-se como pessoas que estão a tornar-se velhas, mas que ainda não o são propriamente; outros apresentam-se como sendo velhos.

Estes dois modos de se auto definir estão estreitamente relacionados com a dimensão temporal do mundo de vida quotidiana. Traduzem, com efeito, modos diferentes de estabelecer a relação entre o presente e o passado e de se

projectar no futuro. Certos indivíduos afirmam não se sentirem velhos e, no seu discurso, estabelecem uma relação de continuidade entre o passado e o presente. Continuam a ser quem eles eram, sem ter o sentimento que existe uma ruptura radical entre estes dois “estados”. E mesmo que tenham dificuldades resultando do envelhecimento, afirmam que continuam como dantes:

“Já tenho muita idade, mas, mesmo assim, eu acho que não sou velha. As pessoas dizem que tenho um espírito jovem ... gosto muito de rir e cantar, mas sempre fui assim. Lamentar-me não resolve os meus problemas” (D. Prazeres, 94 anos, frágil).

“Tem ocasiões em que acho que já sou velho, outras, acho que não. Depende dos dias e dos problemas que tenho que ultrapassar. Estou numa cadeira de rodas e isso faz de mim velho porque não posso andar livremente, mas, graças à Deus, tenho o meu juizinho e isso faz com que não esteja velho” (Sr. Manuel, 78 anos, dependente).

“Enquanto eu poder dar as minhas voltinhas, não me considero velho” (Sr. Rui, 91 anos, independente).

Segundo os autores acima referidos, os idosos que se autodefinem como velhos têm geralmente o sentimento que existe uma ruptura radical na sua vida, entre o que são e o que já foram. Situam muito frequentemente esta ruptura num dado acontecimento ou numa data precisa e consideram que, a partir de então, tornaram-se diferentes do que eram. Sentem-se como não sendo os mesmos do que dantes e não conseguem projectar-se num futuro que possa ser diferente do presente.

À pergunta “com que idade é que uma pessoa começa a ficar velha, o Sr Benjamim (76 anos, frágil) responde do seguinte modo: *“Não é uma pergunta fácil de responder ... depende de pessoa para pessoa. Eu senti que estava velho quando perdi a minha esposa. Ficava por casa e não tinha vontade para nada”*.

“Depende da saúde de cada um. Se ainda pudermos fazer alguma coisinha, acho que ainda não somos velhos. O pior é quando as forças acabam e deixamos de fazer” (D. Margarida, 76 anos, dependente).

As atitudes dos outros em relação aos idosos podem muitas vezes, e “com as melhores intenções do mundo”, precipitar a ruptura que determina a definição subjectiva de si próprio como velho. Frequentemente movidos pela intenção de prevenir acidentes ou outras dificuldades e/ou de se poupar a si próprios preocupações, os próximos acabam por impor o abandono de actividades que eram fundamentais para dar sentido à vida.

“Eu sinto que se fica velho quando já não podemos fazer as coisas que fazíamos e que tanto gostávamos. Eu adorava andar no campo, um dia fiquei lá horas caída e a minha

sobrinha nunca mais me deixou ir. Mas acredite, tiraram um pedaço de mim. Eu até podia morrer no campo, que morria feliz” (D. Ana F., 80 anos, frágil)

V. Caradec salienta, no artigo acima referido, que a definição subjectiva de si próprio não está sempre em relação directa com a situação objectiva da pessoa, designadamente no que toca ao seu estado de saúde. Os extractos acima apresentados o confirmam. Embora a definição subjectiva assente na auto percepção do idoso e no seu modo de contar a história da sua própria vida, é possível observar algumas regularidades no que respeita quer aos pontos de apoio que permitem estabelecer uma relação de continuidade com o passado, quer aos acontecimentos que desencadeiam uma ruptura na biografia.

Entre os elementos que permitem o sentimento de continuidade identitária, registam-se determinadas actividades (continuar a ir ao café, a tratar da casa, a ajudar um filho), a saúde, as faculdades intelectuais, o carácter, o interesse pelas questões de actualidade ou a valorização de práticas sociais inexistentes na juventude do indivíduo. Entre os acontecimentos que marcam a entrada na percepção de si como velho são frequentemente apontados a deterioração da saúde, a morte de um próximo – cônjuge ou descendente - o atingir de uma dada idade.

Mas muito importante para o nosso propósito, que é de contribuir através do reforço do relacionamento intergeracional para o “bem envelhecer”, mesmo quando o estado de saúde se deteriora, é reconhecer que a definição de si próprio do idoso depende da qualidade das interacções com os outros e das “etiquetas” que, conscientemente ou não, estes outros lhe atribuem e que acabam por condicionar as expectativas e as condutas a seu respeito. Ora, neste plano, importa ter em conta que as representações sociais globalmente negativas da velhice persistem nas sociedades actuais, mau grado a diversidade de designações, tais como “terceira idade” ou “seniores”, que surgiram para tentar contrariar a desvalorização social associada ao termo “velho”. A noção de velho continua a ser frequentemente associada à imagem mental de mendigo, indigente, miserável ou então conotada com a doença e a morte. Acresce a este factor de desvalorização que, no discurso político-institucional como nas práticas profissionais, a velhice é frequentemente

tratada como uma categoria ilusoriamente homogénea. Se é certo que quando se dá atenção à história e ao percurso de vida pessoal e social dos idosos descobre-se a heterogeneidade social, cultural, psicológica, não é menos verdade que as rotinas pobres que caracterizam o funcionamento de muitas instituições acabam por transformar os utentes num grupo aparentemente homogéneo e por inviabilizar qualquer possibilidade de negociação do estigma de velho. Por maioria de razão quando este mesmo funcionamento rotineiro, no registo do que A.M. Guillemard chama a “morte social” - um quotidiano apenas marcado pelos ritmos uniformes da satisfação de necessidades como comer, beber, dormir e tomar banho – diminui consideravelmente a possibilidade de o idoso ser visto de outro modo do que como velho no sentido negativo acima referido. Em tal contexto, os outros e, designadamente, os profissionais correm o risco de se transformar em produtores do abandono das actividades, das relações e dos projectos que permitem aos indivíduos de se auto definirem como pessoas que estão a envelhecer e não como “velhos”.

Uma outra dimensão do mundo de vida quotidiana dos idosos prende-se com o espaço e depende estreitamente das actividades nas quais os indivíduos estão envolvidos. Uma vez que toda a acção é forçosamente territorializada, implica não somente a utilização do espaço como a circulação entre diversos espaços. Na pesquisa empírica, a equipa do CIG procurou distinguir as actividades em função deste critério espacial, começando por considerar que existem actividades típicas dos idosos cuja vida fica confinada no espaço doméstico, como é o caso da leitura, da utilização dos media (ver televisão, ouvir rádio, ler jornais ou revistas), os jogos solitários, as actividades manuais e a jardinagem. A frequência de cafés e restaurantes, as idas ao cinema ou outro espectáculo, a participação em festas locais, em jogos colectivos, actividades físicas e cerimónias religiosas, bem como os passeios inscrevem-se mais no espaço do bairro, da aldeia ou ainda do espaço urbano, enquanto excursões e viagens envolvem espaços mais longínquos. Havendo registado a frequência de realização destas actividades - diárias, semanais, mensais, anuais - os investigadores acima referidos observaram que a probabilidade de um passeio semanal é duas vezes menor para um indivíduo frágil do que para quem conserva a sua independência. O mesmo é dizer que a fragilidade induziu uma

redução significativa da participação em todas as actividades exteriores ao domicílio. No que respeita ao espaço doméstico, os investigadores concluíram que os idosos frágeis e os independentes perfazem o mesmo nível de actividades, designadamente no que toca à utilização dos medias e à oração. Mas as práticas físicas (passeio, jardinagem) são bem mais reduzidas. Concluíram ainda que a fragilidade compromete muito particularmente o acesso ao espaço longínquo, embora convém registar que os indivíduos com um estado de saúde frágil não estavam necessariamente confinados no espaço da sua casa, mas que muitos deles ponderavam muito mais do que anteriormente as suas saídas. A dependência, por sua vez, provocava uma diminuição de todas as actividades, independentemente do lugar onde se desenrolavam, agudizava o confinamento no domicílio mas gerava também uma diminuição notável da actividade no domicílio.

Para tirar partido deste estudo na nossa análise-diagnóstica, importa adaptar alguns critérios de modo a integrar o facto de os idosos frequentarem o centro de dia. Uma parte das actividades que lá realizam não contribuem para ampliar significativamente o território do seu quotidiano. Trata-se de actividades que não diferem muito das que idosos confinados no espaço doméstico desenvolvem e, para parte dos utilizadores do centro de dia, a frequência do centro apenas contribui para que o quotidiano se distribua entre dois lugares unidos entre si pela deslocação na carrinha.

Quadro nº8 - Idosos cuja vida quotidiana se restringe à casa e ao centro de dia por sexo e estado de saúde

	I	F	D	Total
H	0	1	3	4
M	0	6	2	8
Total	0	7	5	12

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

As informações do quadro nº8 permitem-nos concluir que um pouco menos de 1/3 dos idosos utilizadores do Centro de Dia vivem um quotidiano territorialmente muito limitado, sendo que nenhum deles usufrui de um estado de saúde que lhe garante uma total independência funcional: 7 são classificados como “frágeis” e 5 como dependentes.

Mas o quotidiano de alguns dos frequentadores do centro de dia desenrola-se num território um pouco mais amplo que estes dois espaços centrais, graças a actividades

que lhes permitem manter a relação com o bairro. Com uma frequência variável, diária ou semanal, continuam a frequentar o café, a padaria, o cabeleireiro, a farmácia, o cemitério, a igreja, o centro de saúde, sozinhos, acompanhados por um familiar ou vizinho ou, ainda, por um profissional ou utente do centro de dia.

Quadro nº 9 - Idosos cuja vida quotidiana se desenrola entre a casa, o centro de dia, espaços do bairro e frequência destas deslocações no bairro segundo o sexo e o estado de saúde

	diário			semanal						quinzenal			mensal			em ocasiões especiais			Total
				1 dia/semana			ao fim de semana												
	I	F	D	I	F	D	I	F	D	I	F	D	I	F	D	I	F	D	
H	2	1			2			2											7
M		1		3				2	1		1		1	3				1	13
Total	2	2		3	2			4	1		1		1	3				1	20

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

A partir das informações acima reunidas, importa realçar que do conjunto de 20 indivíduos que têm oportunidade de ampliar um pouco o seu espaço de vida quotidiana, apenas 4 (3 homens e 1 mulher) o fazem diariamente. Se é certo que 10 têm a possibilidade de frequentar outros espaços no perímetro do bairro onde residem (5 num dia de semana e 5 ao fim de semana), não é menos verdade que para os 6 restantes a frequência é inferior: quinzenal num caso, mensal para 4 idosos e esporadicamente, na altura das festas mais oficiais, num caso. No que toca ao estado de saúde, entre os 14 indivíduos que usufruem com mais frequência de outros espaços do que a casa e o centro de dia no bairro (frequência diária e semanal), registamos a presença de 5 idosos independentes, sendo que, dos restantes, 8 são frágeis e 1 dependente. Entre os 6 que muito mais esporadicamente frequentam espaços do bairro, apenas uma mulher continua independente (sendo que a sua saída mensal é destinada a ir comprar medicamentos na farmácia), 4 são frágeis e 1 dependente.

Os testemunhos a seguir reproduzidos dão indicação não somente da frequência mas também do destino das suas “deambulações”:

“Sim, todos os dias vou ao café” (Sr. Rui, 91 anos, independente).

“São poucas as vezes, mas de vez em quando vou ao restaurante com os meus filhos” (D. Ester, 81 anos, dependente).

“Já não sou eu que enfeito o cemitério, mas vou a acompanhar a minha filha todas as semanas” (D. Maria do Carmo, 78 anos, independente).

“Todos os domingos vou a casa dos meus filhos, eles vêm-me buscar e depois trazer e não vou mais vezes porque não quero deixar a minha casa” (Sr. Benjamim, 76 anos, frágil)

“Ao domingo vou sempre almoçar à minha prima, ela também está sozinha e assim eu faço-lhe companhia e ele faz-me a mim” (D. Clementina, 74 anos, frágil).

Bem mais raros são os idosos que têm a oportunidade de alargar o território das suas deambulações a outra cidade ou outra região do país, sem a intervenção do centro.

Quadro nº 10 - Idosos que têm oportunidades de ampliar o território da sua vida ao bairro e a um território mais amplo, frequência desta mobilidade segundo o sexo e o estado de saúde

	mensal			trimestral			em ocasiões especiais			Total
	I	F	D	I	F	D	I	F	D	
H							2	1		3
M	1	1			1					3
Total	1	1			1		2	1		6

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Uma primeira observação que ressalta das informações do quadro nº 10 é que o número de idosos que têm a oportunidade de escapar ao confinamento num território reduzido e pouco diversificado é diminuto: 6 em 38. Outra conclusão a sublinhar é que a periodicidade destas oportunidades é baixa, uma vez que, somente em dois casos, é mensal e finalmente que nenhum indivíduo dependente usufrui desta possibilidade.

“Vou com o meu filho algumas vezes a Viana do Castelo ver a minha casinha que lá deixei” (D. prazeres, 94 anos, frágil).

“De vez em quando ainda vou a Fátima com duas amigas e passamos lá o fim-de-semana, gosto muito mas noto que cada vez mais está a ser difícil. Um dia tudo isto vai acabar” (D. Margarida Palmira, 71 anos, frágil).

Para confirmar a tendência para que a vida quotidiana se circunscreva num território bastante restrito e pouco diversificado, importa reter que, por força de múltiplos constrangimentos – a falta de acessibilidade de numerosos lugares do espaço público, a falta de recursos humanos para possibilitar a participação dos idosos dependentes – as oportunidades de passeios, visitas e participações em festa ou acontecimentos culturais

proporcionadas pelo centro acabam por excluir os utentes dependentes do grupo em estudo e, até, alguns dos frágeis. A título de exemplo concreto, a organização de uma festa de Carnaval pela Câmara Municipal num pavilhão desportivo implica que os idosos estejam em condição de saúde para subir às bancadas, mais do que uma vez se pretenderem participar no baile e no desfile, e permanecer umas horas sentados nelas durante o desfile e no próprio baile. Uma simples deslocação para ir ao cinema num shopping implica alguma engenhosidade para assegurar a participação dos idosos frágeis e dependentes, desde logo porque as carrinhas que servem para os transportar são altas de mais para poder entrar nos estacionamento e os deixar perto dos elevadores ou escadas rolantes. Dito de outro modo, para quem pretende proporcionar aos idosos oportunidades de tirar partido da diversidade de equipamentos e actividades culturais oferecida pelo facto de residir numa área metropolitana confronta-se inevitavelmente com o carácter ainda muito pouco amigável das cidades para os idosos. Não será, pois, exagero concluir que para a maioria dos idosos de que estamos a falar os espaços em que se movem, senão com facilidade, pelo menos com maior frequência, acabam por ser os da casa, das suas imediações e do centro de dia. O facto de as deslocações entre a casa e o centro de dia serem, por regra, asseguradas pelas carrinhas da instituição acaba por restringir a diversidade do que C. Lalive d'Épinay classifica como os espaços atravessados, isto é, os itinerários que ligam os espaços familiares entre si e que, embora percorridos regularmente, podem ser diversificados no dia-a-dia, em função do tempo disponível, das condições climáticas ou do simples desejo de variar os trajectos, quando os indivíduos são independentes ou quando usufruem de uma efectiva autonomia de decisão. O avançar da idade conjugado com os constrangimentos materiais acima referidos impede que muitos lugares que os idosos poderiam descobrir e de que se poderiam apropriar deixassem de fazer parte dos espaços excluídos. Assim, por exemplo, cinemas, museus, salas de concerto e outros lugares que têm valor de património cultural continuam socialmente distantes, reservados a outros, quando, precisamente, nesta fase da vida, poder-se-ia multiplicar as oportunidades dos idosos descobrirem que podem não somente aprender a conhecê-los como a se identificar com alguns.

“Vi uma vez na televisão um documentário feito em Conimbriga, achei muito interessante e bonito, era um sítio que não me importava de conhecer, mas é muito longe” (D. Amélia, 76 anos, frágil)

“Gostava muito de ir à Serra da Estrela nunca lá fui, mas não queria morrer sem conhecer a serra de que tantos falam...” (D. Conceição, 85 anos, frágil)

... Tão pouco os idosos têm a possibilidade de redescobrir lugares que foram familiares, que sabem transformados mas que, por falta de oportunidades concretas de o visitar, passaram a categoria de espaços imaginários. Muitos deles foram significativos nas

fases anteriores de vida, marcaram a sua memória mas acabam por serem vividos, pela força das circunstâncias, no registo da perda.

“Vendi flores no mercado do Bolhão durante mais de 27 anos, sei que fizeram obras e que está diferente, mas nunca mais lá voltei, com pena minha”
(D. Madalena, 76 anos, frágil)

“ Vou algumas vezes a Viana ver a minha casinha, mas gostava de poder passar lá mais um bocadinho, das vizinhas já poucas conheço, mas queria ir à Igreja e ao Monte de Santa Luzia, já disse ao meu filho, ele diz que vamos lá da próxima vez, mas nunca mais chega essa próxima vez”
(D. Prazeres, 94 anos, frágil)

“Cresci e vivi em Viseu, da minha varanda via a estátua de Viriato e mantenho viva essa memória, nunca mais lá fui com muita pena minha”
(Sr. Manuel de Sousa, 78 anos, dependente)

“ Sou natural da Régua e há muitos anos que já lá não vou, tenho muitas saudades”
(D. Graziela, 84 anos, independente)

“Quando podia ia todos os anos a Barcelos, à festa das cruces, é uma procissão maravilhosa, já não sei bem quando é, mas é muito bonita, deixou-me boas recordações”
(Sr. Manuel Cunha, 82 anos, frágil)

“ Um dos passeios que fazia quando podia e que me deixa saudades é ir a Aveiro, atravessar a ria no moliceiro. Não sei se isso ainda se faz, está tudo mudado... já lá vão uns anitos”
(D. Maria Ramos, 77 anos, frágil)

A dimensão relacional é a terceira dimensão estruturante do mundo da vida quotidiana. Foi fundamentalmente avaliada, pela equipa do CIG, a partir dos encontros mas, também, das trocas de serviços com outros. Na análise desta dimensão, duas redes e dois tipos de actividades foram tomados em consideração. No que toca às redes, a primeira é constituída pelos membros da família, enquanto a segunda integra amigos, conhecidos e vizinhos, sendo que, em ambos os casos, os investigadores acima referidos resolveram excluir as relações de coabitação. Na nossa própria análise diagnóstica, resolvemos, pelo contrário, incluir estas mesmas relações, uma vez que são muitas vezes elas que contribuem para preservar os idosos do isolamento nos tempos de vida que ocorrem fora do centro.

Quadro nº 11 - Composição dos grupos domésticos dos idosos por sexo e estado de saúde

Sexo	Vive só			Vive c/indivíduo com 65 anos e +			Vive c/indivíduo entre os 25 e 64 anos			Vive c/indivíduo com idade < 25 anos			Total
	I	F	D	I	F	D	I	F	D	I	F	D	
H	4	2	1		2	1		3*	1		2**		16
M	2	6			1		3	8*	4	2**	1**	1**	28
Total	6	8	1		3	1	3	11	5	2	3	1	44

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

O total de indivíduos é superior a 38 porque:

* 1 dos 3 homens frágeis vive também com o cônjuge com 65 e mais anos

* 1 das 8 mulheres frágeis vive também com o cônjuge com 65 anos e mais

** 1 dos 2 homens frágeis vive com cônjuge, filho e neto; o outro vive com a filha e neta

** as 2 mulheres independentes, a mulher frágil e a mulher dependente vivem com filho e netos

Começando por avaliar o grau de isolamento decorrente da **composição dos grupos domésticos** dos idosos que constam do nosso universo de estudo e intervenção, uma primeira observação é que a proporção dos que vivem sós é de 39,5% (15 indivíduos em 38 utilizadores do Centro de Dia), uma percentagem bem superior a que se registou ao nível nacional nos Censos de 2011, uma vez que esta era de 19,8. Os utilizadores do Centro de Dia que coabitam somente com outro indivíduo com 65 e mais anos são apenas 4, o que equivale a 10,5% do total de frequentadores do Centro de Dia¹². É interessante relevar a este propósito que a nível nacional a percentagem de indivíduos que, em 2011, viviam exclusivamente com outro indivíduo do mesmo grupo etário era muito superior: 39,8%. Os restantes 19 indivíduos do nosso universo de estudo coabitam com indivíduos com idades inferiores aos 64 anos, sendo que 1 vive com cônjuge, filho e neto, 1 com cônjuge e filho, 12 partilham a habitação só com um indivíduo com idade compreendida entre os 25 e 64 anos, geralmente filho ou filha¹³, e 5 moram conjuntamente com filho/a e neto(s)/a(s), sendo que as idades dos netos vão dos 4 aos 17 anos¹⁴. Podemos, pois, salientar que as oportunidades de estes idosos desenvolverem, na vida quotidiana, laços com jovens são escassas.

Estas informações sobre a composição dos grupos domésticos dos idosos suscitam algumas interrogações acerca do que motiva a procura do Centro de Dia. Compreende-

¹² Destes 4 idosos apenas 1 homem dependente conta com o apoio da esposa no suporte à realização das actividades diárias, embora a recíproca não seja possível apesar de esta senhora estar num estado de saúde frágil. Os restantes dois homens não contam com o apoio das esposas, num dos casos esta padece da doença de Alzheimer e no outro, apesar de continuar a partilhar o alojamento, a relação conjugal está de facto rompida.

¹³ Com uma excepção: a do Senhor Fernando que reside com uma irmã.

¹⁴ O total de netos é de 7, com as seguintes idades 4, 5, 7, 12, 14, 16 e 17 anos.

se que os indivíduos isolados, designadamente os que se encontram num estado de saúde frágil ou dependente (respectivamente, 8 e 1 em 15), recorram a este tipo de instituição sob pena de ter que abandonar o seu quadro de vida habitual. Mas que factores pesarão sobre a decisão dos indivíduos isolados independentes (13 mulheres) e daqueles que coabitam com membros de gerações mais novas (19 indivíduos)? Os níveis de rendimento acima referidos podem incentivar o recurso ao centro de dia, uma vez que este proporciona o acesso a serviços (tratamento da roupa, cabeleireiro, barbeiro, pédicure, mediação com a farmácia, laboratórios de análise clínicas, serviços de enfermagem, atendimento médico, ocupação de lares, etc..) que não poderiam adquirir a custo de mercado, bem como uma certa segurança alimentar. A busca do sentimento de segurança por parte dos filhos ou dos próprios é outro factor explicativo plausível, uma vez que a coabitação com filhos e netos está longe de garantir uma presença contínua ao longo do dia. Com efeito destes 19 idosos, 12 têm filhos que trabalham e estão, em consequência, ausentes durante grande parte do dia. Acresce que 10 destes idosos encontram-se num estado de saúde frágil (5) ou mesmo dependente (5)¹⁵. Os filhos dos 7 idosos que ainda fazem parte deste subconjunto encontram-se desempregados, alguns deles já com reduzidíssimas ou nulas oportunidades de reocuparem um posto de trabalho. Nestes casos, maioritariamente caracterizados pela fragilidade do estado de saúde (6 em 7; apenas 1 independente) a frequência do centro de dia foi recomendada por motivos psiquiátricos (2), decidida com o intuito de não dependerem unicamente dos filhos e/ou de conseguir fazer melhor face a um relacionamento muitas vezes conflituoso com eles. O risco de os encontros interpessoais serem muito escassos e de viver numa relativa solidão é, pois, um factor que não se pode totalmente pôr de parte.

Se as respostas dos 19 utilizadores do Centro de Dia que partilham o alojamento com filhos e/ou netos traduzirem efectivamente a realidade vivida, não parece que sejam as falhas desta rede de apoio interno em matéria de *prestação de serviços* que constituam o factor decisivo do recurso ao centro de dia. Com efeito, quando interrogados a respeito do que podiam esperar do filho/a co-residente em termos de apoios necessários no dia-a-dia, a grande maioria destes 19 idosos¹⁶ afirmou que podia contar com o filho/a, uma vez que somente 3 declararam não poder contar com os filhos para realizar actividades tais como arrumar/limpar a casa, preparar as refeições à noite e no fim-de-semana, fazer compras, tratar da roupa e, até, quando necessário, fazer a sua higiene pessoal. Em dois casos é a qualidade da relação (ou melhor a sua falta de qualidade) que inviabiliza a entajada; o terceiro caso diz respeito a uma mulher que usufrui de plena independência e considera, portanto, que ainda não chegou a altura em que precisará que a filha e a neta a substituam na prestação deste tipo de serviço.

¹⁵ Apenas 2 idosos com filhos que trabalham são independentes.

¹⁶ Cujas distribuições por estados de saúde é a seguinte: Independentes- 3; Frágeis – 11; Dependentes – 5.

Mas, em contrapartida, o desenvolvimento de um sentimento de solidão por falta de oportunidades de efectivamente comunicar com aqueles com quem coabitam aparece como um risco bem mais significativo entre os 19 idosos que, todavia, partilham a sua residência com filho/a e, eventualmente, neto/a. As respostas dadas às três das quatro perguntas formuladas pela equipa de C. Lalive d'Epinay para apreciar a existência de *encontros interpessoais* na vida quotidiana¹⁷ mostram, com efeito, que as oportunidades de passear, ir ao café e conversar com os próximos com quem residem, para além das trocas rotineiras associadas às actividades quotidianas, são relativamente escassas: somente 4 idosas (2 frágeis, 1 independente e 1 dependente) mencionam que contam com os filhos para passear ao fim-de-semana, 1 idosa (frágil) usufrui desta oportunidade somente de mês a mês e 1 idoso (frágil) declara passear todos os dias mas sozinho. Dos restantes idosos, 11 declararam não passear por não terem companhia para o fazer (7 idosos, 6 de entre eles mulheres, sendo 4 são frágeis e 2 independentes e 1 homem frágil) e, ainda, por terem dificuldades em virtude do seu estado de saúde dependente (1 homem e 3 mulheres). Somente dois idosos (1 homem e 1 mulher, ambos frágeis) afirmaram que não passeavam porque não gostavam, uma maneira, provavelmente, de dizer que tal prática não fez ou deixou, há muito tempo, de fazer parte dos seus hábitos. No que respeita às idas ao café, 8 idosos (2 homens, 1 dependente e outro frágil, e 6 mulheres, 1 independente, 4, frágeis e 1 independente) responderam que não tinham esta prática, por “não gostar”; 9 idosos assumiram que não iam ao café ou por não ter ninguém com quem contar para tal (6: 1 homem frágil, 2 mulheres independentes e 3 mulheres frágeis) ou por terem dificuldades em se deslocarem em virtude do seu estado de saúde dependente (3 mulheres). Somente 1 homem frágil disse ir ao café todos os dias mas, uma vez mais, sozinho e uma mulher frágil declarou ir ao café ao fim-de-semana.

No que respeita às conversas com os familiares com quem coabitam, o balanço é relativamente mais favorável, uma vez que 9 declararam terem diariamente conversas que permitem partilhar preocupações, sentimentos, interesses, projectos... com os filhos. Não deixam de ser 10 os que reconheceram que este tipo de conversa com filhos ou outros familiares é raro.

Procurando agora analisar **a rede relacional exterior** ao alojamento, uma primeira constatação que se impõe é que os indivíduos com quem os idosos dizem poder contar no seu dia-a-dia são fundamentalmente familiares, filhos e netos.

¹⁷ A 4ª pergunta diz respeito à partilha de refeições: ao longo da semana tal situação apenas ocorre no jantar e, na sua grande maioria, a refeição é efectivamente partilhada, à excepção de 2 pessoas que, embora coabitando com filhos, tomam esta refeição sozinhas. As restantes oportunidades de encontros interpessoais propostas por C. Lalive d'Epinay dizem respeito a momentos festivos mas pontuais: Natal, Páscoa, aniversário, S. João.

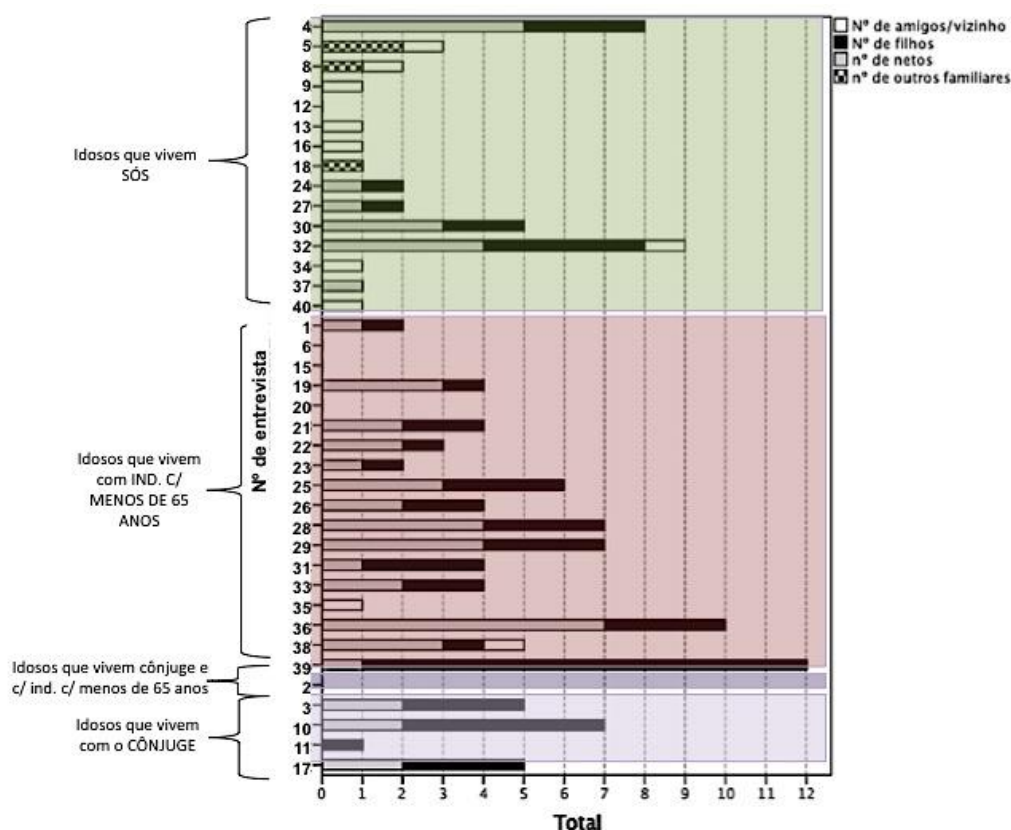
Com efeito, só 10 idosos (6 homens e 4 mulheres) declararam poder contar no dia-a-dia com um amigo ou vizinho, sendo que 8 vivem sós e 2 vivem com um filho¹⁸. Estes idosos distribuem do seguinte modo pelos três estados de saúde que temos vindo a considerar: 2 dependentes; 4 frágeis e 4 independentes. Importa, ainda, realçar que 6 destes idosos recebem apoio de vizinhos ao fim de semana e nos dias feriados sob a forma da prestação de serviços, sobretudo a preparação de refeições (6) e cuidados de higiene (2), enquanto para os 4 restantes o papel dos vizinhos situa-se mais no plano dos encontros interpessoais. A prestação de serviços de refeição e/ou higiene é realizada em troca de um pagamento efectuado pelos filhos ou por outros familiares¹⁹, sem qualquer intervenção do Centro de Dia. Numa primeira apreciação, o facto de ter que remunerar alguém para que, nos fins-de-semana, os idosos possam alimentar-se e cuidar da sua apresentação indica um grau elevado de isolamento social, para não falar de um certo abandono quando se constata que, pelo menos, em 4 casos estamos em presença de pessoas que tiveram filhos. Sem negar esta primeira avaliação, importa, todavia, ter em conta igualmente que, num contexto social em que, por norma, ser adulto é antes de mais ser independente, responder por si só às suas necessidades, a prestação de serviços em troca de um pagamento pode relativizar o sentimento de inferioridade frequentemente associado à dependência.

Passando à análise da rede relacional familiar externa dos 38 idosos, procuramos reunir no gráfico a seguir reproduzido a composição da rede externa em função da composição dos grupos domésticos dos idosos. Interessa, desde já, reter que esta rede familiar externa é essencialmente composta por filhos e netos, uma vez que somente 3 dos 38 idosos referem também a existência de “outros familiares” com os quais existirão algumas trocas, sendo que estes outros familiares são irmãos em 2 casos e sobrinha no 3º. Além disto, é construída a partir das respostas dos idosos quando lhes era perguntado com quem é que podiam contar, no dia-a-dia, sem especificar os tipos de serviços de que necessitam, nem modalidades concretas de encontro interpessoal.

¹⁸ Num caso o filho é toxicodependente e não presta qualquer apoio à mãe que, contudo, se encontra num estado de saúde frágil; noutro caso, a idosa dependente conta com o apoio da filha co-residente mas esta, por motivos profissionais, não pode sempre assegurar os serviços de higiene de que a mãe precisa, recorrendo, pois, à ajuda de uma vizinha.

¹⁹ Quanto à fragilidade da rede familiar externa destes dez idosos, interessa reter que dos 8 indivíduos que vivem sós, quatro não tiveram filhos. Dos 4 que tiveram filhos, apenas uma senhora, com estado de saúde frágil, pode contar com o apoio de 4 dos seus 5 filhos. Dois homens que tiveram respectivamente 2 e 3 filhos não podem esperar nenhum apoio da sua parte, bem como uma mulher (frágil) que teve 7 filhos mas nunca assumiu efectivamente a sua educação.

Gráfico nº1 - composição da rede externa em função da composição dos grupos domésticos



Observemos em primeiro lugar qual o “capital social familiar” dos idosos que vivem sós (15): 5 idosos não tiveram filhos e destes somente 3 referiram ter o apoio de outros familiares. Um dos homens que não teve filhos apontou para o apoio de dois irmãos que por viverem longe (Amarante e Barreiro) lhe proporcionam uma espécie de “intimidade à distância”, telefonando com regularidade e prestando uma ajuda financeira quase regular; apenas 5 dos 10 idosos restantes que vivem sós podem contar com apoio de filhos, sendo que à exceção de um caso o número de filhos com os quais podem contar é inferior ao total de filhos²⁰. Quantos aos idosos que mencionaram netos como “pessoas-recursos” são seis.

Os 4 idosos que vivem com o cônjuge declararam todos que podiam contar com filhos, em dois casos com todos os filhos (3) e nos outros dois respectivamente com 1 dos 4 filhos e com 5 dos 6. Quanto aos netos, um idoso mencionou que não espera nada deles, os restantes 3 declararam todos que podem contar com dois netos.

No conjunto dos 19 idosos que partilham o alojamento com indivíduos de outras gerações (filhos ou filhos e netos), identificamos, pelo menos, 4 tipos de situação

²⁰ Os 4 idosos em causa tiveram respectivamente 2, 4, 5 e 7 filhos mas contam apenas com respectivamente 1,1,4 e 2.

relacional: 4 idosos apenas tiveram um filho e, portanto, não podem contar com outro(s) que residiria(m) noutra lugar, nem com netos; uma idosa teve dois filhos e declara não esperar nada deles, nem daquele que vive com ela, nem do outro que emigrou; 4 idosos indicaram que o número de filhos que manifestam alguma disponibilidade para lhes prestar apoio é inferior ao número total de filhos que tiveram (em dois casos 2 em 5; 4 em 5 e 3 em 12); 10 idosos afirmaram que todos os seus filhos (incluindo os que não vivem com eles) lhes prestam alguns cuidados, quando necessário.

Para ter uma ideia mais precisa dos contributos que a rede social externa proporciona aos idosos, foram dirigidas perguntas mais precisas a respeito de um conjunto de serviços: arrumar e limpar a casa; levar ou preparar as refeições; fazer as compras do dia-a-dia, fazer pequenas reparações na casa ou jardinagem; tratar da roupa; ajudar a tratar de documentos (o IRS ou outros documentos administrativos); acompanhar a uma consulta; ficar com ele à noite e, finalmente, ajudar a fazer a higiene pessoal.

Da recolha de informação efectuada a respeito dos serviços actualmente prestados aos idosos, várias conclusões podem ser tiradas:

- É no que respeita à higiene da casa e à higiene pessoal que os idosos inquiridos declaram menos depender da ajuda de terceiros: 20 em 38 arrumam e limpam a casa sozinhos; 26 em 38 realizam do mesmo modo a sua higiene pessoal; nestes dois domínios os contributos da rede externa são mais do que limitados, uma vez que são 6 os membros desta rede que asseguram a limpeza e arrumação da casa e somente 3 os que apoiam um idoso nos cuidados de higiene pessoal;
- Os serviços que os membros da rede externa mais proporcionam são as pequenas reparações e actividades de jardinagem, para os quais 15 idosos declaram poder contar com amigos e/ou vizinhos, 5 com um filho e 2 com outros familiares. Todavia, importa referir que são precisamente os serviços prestados com menor frequência (raramente e quando necessário);
- Outros serviços que parecem mobilizar mais as prestações de membros da rede externa são as compras do dia-a-dia e a resolução de tarefas administrativas. Mesmo assim o número de idosos que beneficiam do contributo de membros da rede externa é inferior à metade dos idosos (16 nos dois casos). Por ordem decrescente, referem-se, ainda, os serviços de tratamento da roupa proporcionados a 14 dos 38 idosos e o acompanhamento a uma consulta médica com o qual 13 idosos podem contar, sendo de salientar o facto de o contributo dos amigos/vizinhos nestas matérias ser significativamente superior ao dos familiares (filhos, netos e outros familiares): no primeiro caso, são 10 os idosos que contam com amigos e/ou vizinhos (contra 4 que fazem apelo a filhos); no 2º caso, 7 idosos declararam contar com amigos e vizinhos, contra 5 que têm a possibilidade de recorrer a filhos e 1 a um outro familiar. Merece destaque (pela negativa), o facto de nenhum idoso poder contar com membros da rede

externa para permanecer com ele em casa à noite, nem sequer quando o idoso sente esta necessidade.

Considerando, agora, a dimensão da rede relacional, ressalta das informações colhidas que são, no máximo, 14 os idosos que podem recorrer a mais de um membro da sua rede relacional na prestação de um dado serviço, designadamente a arrumação e higiene da casa. Refere-se que é para este serviço que há mais idosos a contar com 2 cuidadores, mas que, quando considerados apenas os membros da rede externa para prestar este serviço, o número de idosos passa para 6. Para a preparação das refeições, são 7 idosos que contam com um membro da rede externo como 2º cuidador. Em todos os outros serviços, o número de idosos que têm a possibilidade de mobilizar mais do que uma pessoa (da rede interna como da externa) para lhes dar apoio é irrisório, sendo nulo, até, no que toca à realização da higiene pessoal e do tratamento de documentos.

Temos assim motivos para considerar que existe uma característica comum a praticamente todos os idosos, independentemente da constituição do agregado residente: quando mencionam poder “contar com os filhos” ou os netos, o entendimento a dar a esta expressão é relativamente restritivo. O que os idosos explicitam, quer quando interrogados com mais precisão, quer nas conversas que com eles mantemos, é que, se precisarem de algum apoio – para acompanhá-los a uma consulta, realizar um ou outra compra, ir à farmácia, acompanhá-los para que possam ir ao cemitério sem risco de queda, ir ao banco ou aos correios levantar a reforma – os filhos e/ou os netos mostram-se geralmente disponíveis. Mas esta disponibilidade não corresponde a uma atitude permanente e tão interiorizada que se manifeste independentemente de um pedido explícito do idoso.

Passando a considerar as oportunidades de convivência com outros potenciadas pela rede relacional interna e externa dos idosos, ressalta logo que práticas tão simples como passear ou ir ao café na companhia de outro(s) são acessíveis apenas a um número restrito de idosos: respectivamente, 21 e 12. Onze idosos não têm nenhuma possibilidade de ir passear e 6 o fazem sozinhos. A frequência de um café diz respeito somente a 19 dos 38 idosos, sendo que destes 7 o fazem sozinhos e não na companhia de um próximo (familiar ou amigo). Nem os dias mais comumente festejados, tais como Natal, Páscoa, S. João e o aniversário do idoso, se afiguram como momentos de convívio para todos: no Natal e na Páscoa 4 idosos ficam sozinhos e este número passa para 13 e 14 para o próprio aniversário e o S. João.

Se dermos agora atenção ao contributo específico dos membros da rede relacional externa para estes diversos tipos de encontros interpessoais, constatamos que é somente para conversar que amigos e filhos desempenham algum papel: 12 idosos mencionaram os primeiros e 6 os segundos. Os idosos não contam com nenhum familiar exterior ao grupo residente ou com um amigo para partilhar refeições; 2 declararam ir ao

café com um filho exterior ao grupo residente e somente 1 com um amigo. Não são mais do que 5 os que disseram partilhar o seu dia de aniversário com membros da rede externa (2 com um filho e 3 com um amigo ou vizinho). 5 idosos declararam passear com 1 filho e 4 com um amigo ou vizinho, perfazendo um total de 9 (em 38) enquanto que para festejar o Natal ou a Páscoa são 14 os idosos que mencionaram a companhia de filhos (6), de um outro familiar (1) e de um amigo ou vizinho (7). Se a este magro balanço relativamente à sociabilidade dos idosos, acrescentarmos que apenas 1 dos 38 idosos referiu poder contar com 1 neto (da rede interna) para conversar, partilhar refeições, passar o Natal, a Páscoa, festejar o aniversário ou o S. João, não será excessivo afirmar que as oportunidades de encontro e partilha com membros das gerações mais novas são francamente escassas.

Não será, pois, exagero salientar que, embora os casos de forte isolamento social estejam em número limitado²¹, a protecção proporcionado pelos laços situa-se muito mais no plano da prestação de serviços do que no dos encontros interpessoais ou, na terminologia proposta pela equipa de C. Lalive d'Épinay, das "visitas". A prática de os membros das diversas gerações se juntarem e partilharem algum tempo uns com os outros, sem que este tempo sirva para assegurar algumas das actividades básicas e/ou instrumentais da vida diária, está longe de ser uma regularidade neste conjunto de idosos. Reside, alias, nesta constatação um dos motivos fundamentais do nosso interesse em conceber um projecto de intervenção expressamente dirigido à construção de laços intergeracionais. Quanto aos serviços prestados pelos membros das gerações mais jovens e recebidos pelos idosos relevam, com certeza, de uma forma de solidariedade – mais ou menos pro-activa por parte dos filhos e netos – mas cuja inscrição numa lógica de troca e reciprocidade não é de todo evidente.

Na análise da dimensão relacional do mundo de vida dos idosos, pareceu-nos particularmente importante integrar a questão da reciprocidade, quer no presente, quer na sequência de uma dádiva que ocorreu no passado, uma vez que vivemos num tipo de sociedade em que a dependência tende a ser negativamente classificada e vivida. A definição corrente da idade adulta organiza-se em torno da ideia de que o adulto adquiriu a capacidade de satisfazer por si próprio as suas necessidades, por via do trabalho, designadamente, e porque já não precisa da orientação de terceiros no que respeita a uma variedade de actos da vida quotidiana. Aceita-se que, até uma

²¹ São 3 os casos de mais severo isolamento: trata-se de idosos que vivem sós (2 homens – 1 dependente e 1 independente - e 1 mulher frágil), sem filhos (2) ou com filhos todos emigrados (1) e que recorrem a ajuda de vizinhos.

certa idade, a criança, e até o jovem, precisa das ajudas práticas e das orientações de conduta proporcionadas pelos adultos, desde logo porque reconhece-se que ela é um ser muito mais complexo do que um “adulto em miniatura” e que, nas primeiras fases da vida, não dispõe das competências práticas e/ou da sabedoria necessárias à resolução de uma variedade de “pequenos” problemas no dia-a-dia. Mas, a deterioração de capacidades sensório-motoras, cognitivas e/ou a redução do metabolismo energético, provocadas pelo avançar da idade e indutoras de dependência na realização de actividades da vida quotidiana, não é encarada de forma tão pacífica ou “natural” como a impreparação da criança. Tende, antes, a transformar a vida relacional do indivíduo e, até, a diminuir o seu estatuto aos olhos dos outros como aos seus próprios. Como se pode observar em múltiplos contextos na actualidade, a partir do momento em que se torne dependente de outros (familiares, amigos, vizinhos ou profissionais especializados na prestação de cuidados) para levar a cabo actividades banais do quotidiano, o indivíduo corre o risco de não conservar a sua autonomia de decisão, definida como a possibilidade de expressar desejos, interesses e projectos e de exercitar a sua vontade ou o seu poder de influenciar a sua própria vida. O indivíduo cujo estado de saúde evolui no sentido da fragilidade ou da dependência enfrenta crescentes dificuldades para manter o seu poder de fazer, ou seja, de intervir no curso dos acontecimentos que lhe dizem, todavia, directamente respeito, para não falar daqueles que se prendem com outros indivíduos à sua volta. O mesmo é dizer que corre o risco de se desligar cada vez mais do mundo à sua volta, vendo as suas oportunidades de trocas com os outros significativamente reduzidas. Além disso, como observou com particular acutilância, N. Elias (2004), nas sociedades contemporâneas, os indivíduos têm cada vez mais tendência a desenvolver uma consciência de si como seres únicos, separados dos outros e a fazer depender o reconhecimento do seu próprio valor (uma componente importante da constituição da identidade) do sentimento de existir para si. N. Elias mostrou, alias na linha de outros teóricos da Sociologia²², que nas sociedades pré-industriais a articulação entre o “eu” e o “nós” assumia

²² Entre os quais, E. Durkheim que, logo no final do séc. XIX, salientou a forte tendência para a individualização que passava a caracterizar as sociedades em que a divisão do trabalho não parava de se aprofundar.

traços radicalmente distintos dos que se verificam hoje. As sociedades do passado eram, com efeito, constituídas por colectivos restritos e fechados que promoviam uma constante convivência com outros e, portanto, fortes sentimentos de interdependência entre os seus membros. O “eu” não se podia definir independentemente do “nós”, quer dizer do grupo de pertença. N. Elias observa, alias, que, nestas sociedades, não existia sequer a possibilidade de os indivíduos estarem sós nos lugares da vida quotidiana e a força dos mecanismos de controlo social exercido pelos membros do grupo familiar ou da comunidade de vizinhança comprometia, para não dizer inviabilizava, a possibilidade de tomar decisões por si próprio, sem referência às normas do grupo. Os indivíduos pensavam e agiam primordialmente a partir de uma “perspectiva do “nós” e não de uma perspectiva do “eu”. É precisamente esta relação entre o “eu” e o “nós” que se alterou profundamente na sociedade contemporânea, a ponto de a auto-regulação se tornar cada vez mais a regra e o critério da passagem à idade adulta. Ora, numa sociedade em que o processo de individualização é particularmente acentuado, as formas de satisfação e de realização do ser humano alteram-se inevitavelmente. A alegria, a felicidade e o conforto decorrem, por exemplo, do facto de ser capaz de alcançar metas que supõem a realização, de forma independente, de actividades definidas e executadas pelo próprio indivíduo, com o sentimento de não dever nada a ninguém. Opostamente, nota N. Elias, o sofrimento, a infelicidade, o desgosto e o desconforto poderão resultar do facto de ter que depender de outro(s) nos actos e práticas do quotidiano, em particular quando tal significa para o indivíduo que deixou de poder fazer o que já foi capaz de realizar, que está a perder a sua independência e liberdade, em suma quando induz nele a sensação de uma existência falhada. Porque vivemos em sociedades em que os indivíduos se percebem cada vez mais a si próprios como seres isolados uns dos outros, em tensão para prosseguir os seus interesses pessoais, a perda do domínio e controlo sobre o mundo envolvente e sobre os seus próprios actos, a perda da auto-suficiência afirmada ao longo da vida dita activa, não somente inquieta ou assusta, como provoca uma desvalorização, poderíamos dizer uma “invalidação”, do indivíduo.

A reflexão suscitada por N. Elias a respeito da relação entre a individualização e a valorização da (pretensa) independência dos indivíduos merece ser

completada com os contributos de Marcel Mauss a respeito da dádiva. Na perspectiva deste autor o acto de dar fundamenta a troca, uma vez que, nas sociedades do passado a dádiva desencadeava obrigatoriamente uma contra-dádiva. E se é certo que dádiva e contra-dádiva permitiam o desenvolvimento de laços de interdependência ou solidariedade, não é menos verdade que a dádiva era também um meio para significar poder e estabelecer uma relação de superioridade ... pelo menos, enquanto não se realizava a contra-dádiva. Daí decorre, como salientam C. Lalive d'Épinay e Edith Guilley (2006), que preservar o estatuto de dador é um desafio ao longo de toda a vida, uma vez que envolve o próprio sentido da existência. Propor modos concretos de preservar este estatuto na idade avançada, quando o estado de saúde é susceptível de limitar fortemente as oportunidades de trocas, é precisamente o objectivo central do projecto que procuramos construir na base de um diagnóstico que faz aparecer a redução das oportunidades de trocas intergeracionais entre os idosos que acompanhamos no Centro de Dia.

Para tentarmos objectivar a natureza dos laços que se desenvolvem entre membros da geração mais velha (os utilizadores do Centro de Dia) e os seus próximos pertencentes a outras gerações mais novas, procuramos saber se o facto de os idosos terem sido prestadores de serviços no passado poderia de certo modo compensar a dependência induzida pelo avançar da idade e a fragilização da sua saúde. Procuramos igualmente saber se podiam contar com uma outra forma de reciprocidade, continuando na actualidade a dar apoios aos seus próximos.

Quadro nº 12- de Serviços mais frequentemente prestados pelos idosos a familiares

Sexo	Serviços	No Passado				Na Actualidade			
		Ind	F	Dep	Total	Ind	F	Dep	total
Homens	Arrumar/limpar a casa	2	5	1	8	0	1	0	1
	Levar ou preparar refeições	0	3	0	3	0	0	0	0
	Fazer as compras do dia-a-dia	2	5	2	9	0	0	0	0
	Fazer pequenas reparações, jardinagem	2	5	4	11	0	2	0	2
	Confeccionar roupas ou outros	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar um adulto a passear a um espetáculo	2	6	4	12	0	3	0	3
	Ajudar na actividade profissional	2	3	4	9	0	2	0	2
	Cuidar das crianças	1	2	4	7	0	0	1	1
	Levar uma criança a passear	1	2	0	3	0	0	0	0
	Levar alguém a uma consulta	4	5	4	13	0	0	0	0
Mulheres	Arrumar/limpar a casa	5	15	4	24	3	7	2	12
	Levar ou preparar refeições	5	15	4	24	2	5	1	8
	Fazer as compras do dia-a-dia	5	12	4	21	1	1	0	2
	Fazer pequenas reparações, jardinagem	4	10	3	17	4	2	1	7
	Confeccionar roupas ou outros	3	8	4	15	2	3	0	5
	Levar um adulto a passear a um espetáculo	5	13	4	22	2	4	0	6
	Ajudar na actividade profissional	4	6	2	12	1	2	0	3
	Cuidar das crianças	5	13	4	22	2	6	1	9
	Levar uma criança a passear	5	12	4	21	2	2	0	4
	Levar alguém a uma consulta	5	13	4	22	0	1	0	1

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

As informações que conseguimos reunir, no decorrer das conversas informais desenvolvidas com os idosos, deixam claro que a maioria dos idosos prestou serviços a familiares no passado, sendo que os serviços em que menos idosos se envolveram foram “confeccionar roupas ou outras” (15 em 38) e “ajudar na actividade profissional” (21 em 38). Por sua vez os serviços mais prestados no passado foram: “Levar alguém a uma consulta” (35 em 38) e “Levar um adulto a passear, a um espectáculo,...” (34 em 38). A esmagadora maioria dos idosos prestou os diversos tipos de serviços a seu(s) filho(s) (31), a mãe (6) e somente um referiu a esposa. O tempo durante o qual assumiram estas responsabilidades varia entre 9 anos e mais de 32 anos.

Mas se analisarmos os serviços que os idosos prestam na actualidade aos seus familiares, podemos relevar dois aspectos. Em primeiro lugar, houve uma grande diminuição no número de serviços prestados comparativamente com os do passado; por outro lado, os serviços que ainda prestam deixam de requerer saídas de casa, são bem mais localizados e tendem a ser realizados no interior do domicílio. Assim, os serviços mais prestados na actualidade são: “Arrumar/limpar a casa” (13 em 38) e “Cuidar das crianças” (10 em 38).

Não será pois exagerado concluir que boa parte dos idosos do nosso universo não têm, na actualidade, nem a possibilidade de sentir que não ficam a dever algo a quem lhes fornece apoio, nem oportunidade de diversificar a sua sociabilidade.

Se nos referirmos à prestação de serviços a amigo(s) ou vizinho(s) no passado, a situação revela-se bem diferente: com efeito, à excepção de “fazer pequenas reparações ou jardinagem” indicado por 23 idosos e de “confeccionar roupas ou outras”, assinalado

por 11 idosos, o número de idosos que assumiram relações de entreajuda é sempre inferior a dez. Mas se observarmos os serviços prestados na actualidade podemos verificar que o decréscimo na prestação de serviços é bem mais acentuado ainda do que no caso dos familiares, uma vez que os dois tipos de serviços que continuam a prestar na actualidade, “fazer pequenas reparações ou jardinagem” e “fazer compras do dia-a-dia” só são indicados, respectivamente, por 6 e 7 idosos e “levar um adulto a passear”, por 5 dos 38 idosos.

Podemos ainda constatar que no passado eram as mulheres mais implicadas na prestação de serviços enquanto, na actualidade, já não se evidencia uma diferença em função do género.

Quadro nº 13- Serviços mais frequentemente prestado pelos idosos a vizinhos

Sexo	Serviços	No Passado				Na Actualidade			
		Ind	F	Dep	Total	Ind	F	Dep	Total
Homens	Arrumar/limpar a casa	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar ou preparar refeições	0	0	0	0	0	0	0	0
	Fazer as compras do dia-a-dia	2	1	0	3	3	1	0	4
	Fazer pequenas reparações, jardinagem	3	2	3	8	3	0	0	3
	Confecionar roupas ou outros	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar um adulto a passear a um espectáculo	2	0	0	2	2	0	0	2
	Ajudar na actividade profissional	2	1	0	3	3	0	0	3
	Cuidar das crianças	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar uma criança a passear	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar alguém a uma consulta	1	0	0	1	0	0	0	0
Mulheres	Arrumar/limpar a casa	1	3	2	6	0	0	0	0
	Levar ou preparar refeições	0	0	0	0	0	0	0	0
	Fazer as compras do dia-a-dia	0	1	0	1	3	0	0	3
	Fazer pequenas reparações, jardinagem	4	8	3	15	3	0	0	3
	Confecionar roupas ou outros	3	5	3	11	0	0	0	0
	Levar um adulto a passear a um espectáculo	1	0	0	1	2	1	0	3
	Ajudar na actividade profissional	0	0	0	0	3	0	0	3
	Cuidar das crianças	0	2	0	2	0	0	0	0
	Levar uma criança a passear	0	0	0	0	0	0	0	0
	Levar alguém a uma consulta	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Diagnóstico efectuado em 2015

Os estudos desenvolvidos, na Suíça, pela equipa criada por C. Lalive d’Epinay deixaram claro que as alterações ao estado de saúde produzem efeitos sobre os conteúdos das trocas no seio da rede relacional. Assim, a fragilidade tende a alterar as trocas entre os indivíduos e sua família, embora não as compromete radicalmente: o ritmo das visitas que os idosos frágeis fazem aos seus familiares abranda, embora, facto digno de ser registado, o nível de serviços que lhes prestam mantenha-se equivalente ao nível dos que são prestados por indivíduos independentes. Por sua vez, os serviços prestados

aos amigos declinam fortemente quando o estado de estado fica fragilizado. Tudo ocorre, em suma, como se as pessoas fragilizadas tentassem preservar o seu estatuto de “dadores”, sendo, todavia, constrangidas a fazer escolhas, face a este constrangimento, a família passa antes dos amigos.

É quando a dependência se instala que a troca se torna bem mais desigual, desde logo porque as possibilidades de devolver visitas e de ser útil ficam muito mais comprometidas. Todavia, é interessante constatar que, no contexto suíço, o envolvente familiar se mobiliza mais fortemente em torno dos idosos dependentes do que em relação aos indivíduos fragilizados. A consequência desta mobilização é que a dependência obriga muito mais os indivíduos a aprender a receber sem poder continuar a dar. Os idosos fragilizados observados pela equipa de investigação acima referida parecem mover esforços para preservar uma posição de dador na troca familiar e conseguir fazê-lo. Claro que nada garante que o que acontece no contexto suíço, económica e culturalmente bem distinto do português, tenha a mesma expressão em Portugal.

É precisamente por termos tido, ao longo de 16 anos de trabalho no mesmo Centro de Dia, recorrentes oportunidades de constatar o sério risco de confinamento dos seus utilizadores num universo muito homogéneo em termos de pertença geracional que decidimos investir na concepção de um projecto capaz de romper com esta ameaça persistente. Utilizamos o termo persistente na medida em que tivemos também a oportunidade, ao longo da nossa experiência profissional, de verificar que o enfraquecimento das trocas intergeracionais é largamente incentivado por diversas lógicas de funcionamento da vida social – entre as quais, a externalização para instituições e profissionais especializadas de múltiplas funções outrora cumpridas pela instituição familiar – e, ainda, pelos modos de funcionamento rotineiros das instituições oficialmente dedicadas a tratar/cuidar dos mais velhos. Como fomentar dinâmicas relacionais capazes de contrariar os funcionamentos sociais e institucionais que persistentemente relegam os mais velhos para “mundos” essencialmente povoados de idosos é, pois, a questão que está na base do projecto que passaremos a apresentar na 2ª parte deste trabalho.

CAPÍTULO II – O DESENHO DO PROJECTO

2 Objectivo geral

O projecto que se pretende desenvolver visa, antes de mais, o enriquecimento do mundo da vida quotidiana dos idosos, a ampliação do campo das suas possibilidades graças à criação de laços com membros das gerações mais novas. A referência à noção de “mundo da vida quotidiana” aponta para a necessidade de provocar alterações no dia-a-dia dos idosos de modo a ampliar e diversificar os lugares onde o quotidiano se desenrola e, principalmente, a criar novas “rotinas”²³ geradoras de relacionamentos e de oportunidades de se sentirem reconhecidos pelos indivíduos que tendem a ser os menos presentes na sua vida, a saber os adolescentes e os jovens adultos. Pretende-se ampliar significativamente o leque dos espaços frequentados, integrando neles lugares desconhecidos de que os idosos nunca imaginaram poder, um dia, se apropriar. Entre tais lugares, são de destacar todos os lugares associados à cultura erudita que, na sua grande maioria, os idosos de que estamos a falar ou desconhecem ou aprenderam a ver como lugares que não lhes dizem respeito (a Casa da Música ou o Teatro S. João no Porto, a Casa Museu Teixeira Lopes, o Coreto de Canelas, a Casa Barbot transformada em Casa da Cultura ou, ainda a Exposição de Bordados Tradicionais no Auditório Municipal de V.N. Gaia, a título de exemplos). Pretende-se, sobretudo, intervir ao nível das suas redes sociais, envolvendo-os em actividades que, por proporcionarem trocas de saberes e experiências, fomentem a construção de laços interpessoais e, por esta via, reanimem e/ou aprofundem a curiosidade e o interesse pelas “coisas da vida” (C. Lalive d’Epinay, 2003).

O projecto visa, pois, contrariar a tendência para a separação entre os membros das diversas gerações. Esta tendência cada vez mais vincada na

²³ Recorremos propositadamente ao termo “rotinas” para deixar claro que a ambição do projecto é a institucionalização de novas dinâmicas relacionais na vida dos idosos.

sociedade contemporânea faz com que os idosos acabem por passar grande parte do seu quotidiano em lugares que concentram principalmente idosos e que, paralelamente, crianças e jovens, no seio de grupos etários homogêneos, interiorizem a ideia de que somente no seio dos seus pares é que podem ser compreendidos, apreciados e reconhecidos ou aprenderem e divertirem-se. Basta observar o crescimento das empresas especializadas na organização de “festas” para crianças de idade pré-escolar, escolar e pré-adolescentes para concluir que os processos de segregação etária aprofundam-se e aprendem-se desde muito cedo. A festa e o lazer já não são, por muitos jovens, entendidos como oportunidades de encontros e trocas entre crianças, jovens, adultos e velhos.

Em consequência, o projecto aqui apresentado parte do pressuposto que a segregação entre grupos etários é uma fonte de empobrecimento, e não de desenvolvimento, de uns como de outros.

Começando por considerar os danos que a segregação etária provoca nos mais velhos, é de apontar para a relação com o tempo. Sem relacionamentos com membros das gerações mais novas, os mais velhos tendem a ancorar a sua identidade no passado, crescendo neles o sentimento que o futuro deixa de lhes dizer respeito. Sem relacionamentos com os mais novos, é a oportunidade de transmitir algo àqueles que simbolizam o futuro que é posta em causa e, com ela, a possibilidade de os mais velhos serem lembrados após a morte numa altura em que não é possível ignorar que esta se avizinha. Sem oportunidades concretas de se preocuparem pelo bem-estar dos mais novos, os mais velhos acabam por perder a possibilidade de se preocupar pelo futuro do mundo à sua volta, por cultivar interesses e descobrir fontes de realização. É precisamente por este motivo que Erikson (1994) forjou a noção de *grand-generativity* que remete para a responsabilidade que os idosos podem assumir pelo crescimento e desenvolvimento de outros. Potenciando a transmissão de saberes e experiências, o facto de cuidar da vida e do futuro de outros, de se preocupar com eles é uma preciosa fonte de sentido para a própria vida dos mais velhos. Contribui, além disto, como salienta Erikson, para um sentido de imortalidade que permite superar positivamente a tensão entre integridade e desespero, que constitui, na perspectiva deste autor, o dilema característico desta fase da vida.

A perspectiva de Erikson coincide, neste ponto, com a de N. Elias (1998), quando realça que sentir que o que se fez durante a vida deixa marca noutros, e em particular naqueles que fazem parte da vida quotidiana, é uma fonte importante de serenidade face à aproximação inevitável do fim da vida.

Continuando a seguir a reflexão de Erikson, a implicação dos idosos na vida de jovens que não são membros da sua família pode representar a oportunidade de reparar sentimentos de fracasso, desenvolvidos em fases anteriores da vida, por exemplo pelo facto de a relação com os próprios filhos ou netos ter sido perpassada por rupturas ou por expectativas frustradas (generatividade versus estagnação). Transmitir a jovens alguns dos seus saberes ou contribuir para que possam elaborar um projecto de vida poderá ser também uma via para restaurar um sentimento de competência, enfraquecido pela passagem à reforma, ou, até, para o desenvolver quando os constrangimentos experimentados na vida adulta comprometeram a sua formação (produtividade versus inferioridade).

Mas os inconvenientes da segregação etária têm que ser apreendidos também do ponto de vista dos mais novos.

A troca com mais velhos é, para os mais jovens, uma oportunidade de descobrir que há em todas as vidas humanas desafios e problemas comuns, que a vida de todos os seres humanos é, quase inevitavelmente, perpassada por dilemas que, embora com alguns contornos variáveis, fazem parte do próprio processo de crescimento: a necessidade de conciliar desejos e realidades, os amores e os desamores, as aprendizagens necessárias para passar à idade adulta, o exercício dos papéis parentais, a relação com o trabalho e as hierarquias, o enfrentar de privações ... Quando os mais jovens têm a oportunidade de dialogar com os mais velhos cresce, para os primeiros, a possibilidade de ampliar a sua compreensão do mundo e de aprender a relativizar os seus próprios sofrimentos graças à comparação com as condições de vida e as experiências dos segundos. Como refere Anatrella (2004), um dos factores que torna particularmente difícil, para os jovens de hoje, a necessária elaboração dos desejos e o enfrentamento positivo de frustrações é precisamente a falta de consciência histórica e o excessivo auto centramento que daí advém. Na ausência de conhecimentos acerca de realidades semelhantes ou de outras que foram bem mais drasticamente

limitadoras do bem-estar dos indivíduos, os membros das gerações mais jovens têm tendência a viver e reagir como se o mundo tivesse começado na altura em que se confrontam com dificuldades e como se estas fossem inéditas, nunca antes experimentadas por outro ser humano. Em consequência, têm imensa dificuldade em relativizar os obstáculos que surgem na sua vida e a sua capacidade de os superar fica bem mais limitada. O facto de se poder identificar, isto é, assemelhar, com outros que demonstram, pela sua própria longevidade, que se consegue não somente sobreviver aos problemas como, ainda, conservar o gosto pela vida, torna mais forte o indivíduo fragilizado por alguma dificuldade existencial, ao mesmo tempo que reforça o seu sentimento de pertença. Seguindo, uma vez mais, o pensamento de N. Elias (*La solitude des mourants*), os encontros e as trocas entre indivíduos situados em etapas diferentes do ciclo de vida, com culturas e estatutos variados, ampliam a capacidade de os indivíduos se verem a si próprios na rede das dependências mútuas com outros, ou seja, como elos na cadeia das gerações, como estafetas que, no final da corrida, remetem a outros o testemunho que contribuíram a levar um pouco mais para frente²⁴. Quando velhos e jovens conseguem comunicar a respeito dos dilemas e sofrimentos que perpassam as suas próprias vidas cresce, nos diz N. Elias, a possibilidade de todos reconhecerem que fazem parte de uma mesma comunidade e que, face aos acontecimentos inevitáveis da vida, entre os quais, o envelhecimento e a morte, é, em primeiro lugar, dos outros à sua volta que os indivíduos podem esperar socorro e ajuda. Claro que, para que esta comunicação possa realmente se desenvolver, será importante levar os mais jovens a relativizar e questionar as categorizações simplistas e os atributos estereotipados que transportam os pré-conceitos a respeito do envelhecimento. Mas haverá melhor maneira de combater as classificações simplistas e redutoras do que a vivência de momentos em que velhos e jovens agem conjuntamente, do que a vivência de momentos em que uns e outros possam descobrir que são os cuidados

²⁴ N. Elias, opus cit., pp. 50-51. Nota-se, a este respeito, que estudos no campo da sociologia e da psicologia convergem para salientar quanto importantes são os laços com os avós, no quadro de uma família nuclear mais permeável às rupturas, para manter nas crianças e adolescentes a continuidade intra-psíquica da família, enquanto factor crucial para a estruturação do seu próprio futuro.

recíprocos que se dispensam que melhor os protegem do sentimento da absurdidade da vida e da morte?

Temos, de facto, a convicção que a transformação das representações depende fundamentalmente do desenvolvimento de interacções e de práticas que potenciem a descoberta do outro (diferente) para além das aparências e das ideias feitas. Todavia, a reflexão existente a respeito do trabalho social intergeracional²⁵ aponta para o interesse e a utilidade de um trabalho preliminar sobre as representações existentes, quer entre os jovens que se pretende implicar num projecto desta natureza, quer entre os idosos, quer, ainda, entre os diversos intervenientes (profissionais desta e outras instituições) para ampliar as possibilidades de fomentar efectivos encontros e libertar o imaginário. Nesta perspectiva, animar momentos em que cada categoria de destinatários do projecto expressa separadamente as imagens que têm uns dos outros pode constituir uma primeira etapa importante não somente para aumentar as oportunidades dos encontros ganharem em significado como para, no decorrer do projecto, poder avaliar a evolução destas mesmas representações e promover a reflexão sobre a distância entre as representações e a realidade.

3 As actividades: principais princípios norteadores da sua organização

A construção de vivências realmente partilhadas não poderá ser decidida por decreto. O projecto que estamos aqui a traçar não pode, pois, ser inteiramente definido por um ou mesmo vários profissionais. Embora esteja a ser pensado para um grupo concreto de idosos, apresentados nas suas principais características sociodemográficas na primeira parte deste trabalho em interacção com um grupo de jovens escuteiros da mesma freguesia, contém inevitavelmente uma certa margem de indefinição, uma vez que o sucesso da acção dependerá, numa apreciável medida, da identificação, com os idosos e

²⁵ G. Guthleben e M. Zinck (2007) « Les rencontres intergénérationnelles en-dehors de la famille. Quelles méthodologies pour quelles finalités de projets? », *Recherches et Prévisions*, nº 88.

com os jovens, de interesses e gostos que se possam tornar efectivamente comuns e, a seguir, do planeamento com todos os intervenientes de actividades concretas. O que aqui nos parece importante, num primeiro momento, é tentar enunciar os **princípios que devem nortear a selecção e organização das actividades** para alcançar o objectivo central que é o desenvolvimento de laços entre jovens e velhos.

5.1 Uma primeira característica das actividades a promover é que estas deverão tirar partido de saberes e competências existentes entre os idosos e entre os jovens e fomentar oportunidades de os enriquecer e aprofundar. Trata-se, pois, através de um processo participado de descobrir quais poderão ser os temas mobilizadores das trocas entre membros de gerações muito diferenciadas. A título de exemplo, alguns dos idosos têm conhecimentos musicais, havendo participado em grupos corais e ranchos folclóricos e alguns jovens sabem tocar instrumentos musicais. É pois plausível que se possam desenvolver actividades conjuntas no campo da música. Mas há outros temas que podem dar origem à definição de campos de actividades que legitimem os encontros entre membros de diversas gerações: a jardinagem/floricultura, a doçaria tradicional, o bordado/costura, o trabalho de madeira, em particular a talha, a utilização de plantas medicinais etc.

A organização dos idosos e dos jovens por grupos focados em determinados temas mobilizadores não significa que todos os idosos terão que ter o mesmo nível de implicação: será necessário que alguns idosos se assumam, conjuntamente, com jovens como dinamizadores do campo de actividades, sendo que outros poderão ter uma participação menos intensiva, dependendo, por exemplo, do seu nível de vitalidade. A título de exemplo, o grupo sobre a doçaria tradicional poderá inscrever no seu programa de acção a realização de um livro de receitas tradicionais, contando com o “núcleo forte” para levar a cabo esta actividade do princípio até ao fim mas fazendo apelo a idosos menos intensivamente envolvidos na recolha de saberes e experiências.

5.2 Uma segunda característica das actividades com potencial para fomentar a intensidade de trocas que visamos **é que sejam orientadas para a produção de bens que possam ser vendidos** a fim de angariar os meios

financeiros indispensáveis para assegurar uma diversidade de iniciativas dentro e fora do centro de dia e do local de reunião dos escuteiros. Serão, pois, necessários meios para assegurar deslocações, comprar bilhetes para assistir a espectáculos, organizar refeições em comum, comprar materiais, etc... O grupo que desenvolve actividades em torno da música poderá, por exemplo, ter o objectivo de preparar pequenos espectáculos a apresentar em diversos lugares quando atingir uma qualidade suficiente para poder angariar fundos. Outro exemplo que nos parece possível, tendo em conta os saberes dos idosos, seria a produção de doçaria ou outras iguarias, no quadro de um grupo de idosos e de jovens que optem para este domínio de actividades. Do conhecimento que temos dos idosos, sabemos que alguns tinham o hábito de confeccionar pão doce na altura da Páscoa, outros ainda cozem broa todas as semanas, tendo, inclusivamente acesso a um forno de lenha, outros, ainda, desenvolveram, profissionalmente ou não, habilidades no campo da culinária. Não parece de todo impossível que jovens possam ter interesse em desenvolver competências nesse domínio, tirando partido dos saberes de uma idosa com uma longa prática nesta matéria, em contrapartida do investimento da sua força e energia na tarefa de amassar que a idosa já tem dificuldade a realizar. Para além das aprendizagens fomentadas por um atelier deste tipo, a produção poderia ser vendida em diversos lugares, desde o minibar do centro de dia, até às festas organizadas pelas duas instituições parceiras ou, ainda, nalguns cafés ou restaurantes das redondezas.

5.3 Uma terceira via para desenvolver o potencial das actividades em termos de construção de relações de interconhecimento e proximidade entre membros das diversas gerações consiste em promover, no quadro de cada grupo temático, uma multiplicidade de actividades complementares entre si, de modo a fomentar reais oportunidades de descobertas, estimular a curiosidade e ampliar os saberes de todos. Por outras palavras, os temas escolhidos devem ser não somente mobilizadores mas, também, permitir de associar ou federar uma pluralidade de actividades diversas. Parte-se da hipótese de que a coerência entre as diversas actividades é susceptível de ter um efeito multiplicador na construção de propósitos comuns e, em consequência, de laços.

Retomando o exemplo da música, não interessa apenas que, semanalmente, os idosos e os jovens que elegerem este domínio de actividade, se encontrem para cantar e tocar juntos. É fundamental que se criem oportunidades de ampliar os conhecimentos musicais, de descobrir estilos musicais que uns conhecem e apreciam e outros desconhecem ou aprenderam a ver como algo distante ou inacessível. O mesmo é dizer que o grupo de interesse que se pode criar em torno da música não se deve limitar a sessões de prática conjunta, no Centro de Dia ou na sede dos escuteiros, mas ter como objectivo o desenvolvimento de um programa de actividades em torno da música, incluindo: a ida regular a concertos em diversos lugares do grande Porto (Casa da Música, noites musicais em Gaia ou no Porto, cafés-concertos, actuações de bandas...), em grupo ou de forma mais individualizada, consoante os gostos e interesses; o recurso eventual a músicos mais experimentados para melhorar os desempenhos dos que tocam instrumentos e dos que cantam; e, ainda, a possibilidade de receber regularmente jovens estudantes de escolas de música do Grande Porto que terão, assim, a oportunidade de preparar audições e outras apresentações junto de um público disponível para os ouvir. Interessa, pois, que todos os participantes tenham a possibilidade não somente de exercitar os conhecimentos que já detêm mas, sobretudo, de os desenvolver através de práticas conjuntas.

Tomando outro exemplo hipotético, o do bordado, o objectivo a atingir não é que as idosas que sabem bordar apenas pratiquem esta actividade e a transmitam aos mais jovens interessados mas, para além disto, que tenham a oportunidade de aprender ou, pelo menos, de conhecer outras técnicas de bordado, associando-as, por exemplo, às características das regiões onde estão desenvolvidas. Um tal objectivo pode ser atingido conjugando diversas actividades: a organização de encontros com pessoas que sabem realizar um determinado tipo de bordado; a criação de momentos de pesquisa em que jovens e velhos se juntam em torno de um computador e procuram informações sistemáticas sobre os diversos tipos de instrumentos, de fios e de técnicas utilizadas na produção de bordados e de renda, bem como sobre outras características tais como o cunho específico que tal ou tal tipo de bordado adquiriu em determinadas regiões ou localidades, as ocasiões em que era tradicionalmente utilizado e a classe social que mais o usava. O planeamento e

a realização de passeios para visitar museus que detêm património nesta matéria ou ateliers de produção artesanal é ainda um outro tipo de actividade susceptível de fomentar trocas entre idosos e jovens e de ampliar os conhecimentos de uns e outros.

As complementaridades entre as diversas actividades podem ir além de um dado campo temático e pôr em relação os diversos grupos entre si: a música, a doçaria e os bordados ou rendas, como a maioria das actividades artesanais, têm sempre um cunho regional ou local. É, pois, possível propor que jovens e velhos dos diversos grupos temáticos concertem, em dadas alturas, os seus projectos de modo a partir à descoberta de uma ou outra região do nosso país – ou, porque não de um outro país – recorrendo a uma variedade de recursos em pessoas, documentos audiovisuais, associações culturais e de defesa do património e, fora das fronteiras nacionais, serviços culturais de embaixadas e outras delegações estrangeiras.

É somente graças à programação de actividades que se enriquecem mutuamente que será possível evitar que os encontros entre jovens e velhos sejam episódicos e artificiais. Dito de outro modo, é o tecer intencional das complementaridades entre as diversas actividades e/ou campos de actividades que criará efectivas oportunidades de os encontros entre os membros de gerações distantes no tempo terem objectivos e significados efectivamente partilhados, contribuirão para a construção de laços, simultaneamente, intersubjectivos e sociais.

5.4 Outro princípio que nos parece particularmente relevante para orientar o planeamento de actividades geradoras de significados e de laços intergeracionais ***prende-se com a função de transmissão da geração mais velha em direcção dos membros das gerações mais novas.*** Trata-se de uma função que, como já tivemos oportunidade de salientar mais acima, é fundamental para preservar os mais velhos do desespero e da desistência mas que tende a ser muito desvalorizada, para não dizer comprometida, na sociedade contemporânea. Interessa, pois, que, em cada grupo temático, as actividades programadas permitam fazer trabalhar a memória dos mais velhos e, sobretudo, recolhe-la para que ela seja amplamente divulgada no seio do grupo dos mais jovens e para além deste. Estimular a transmissão do vivido

pelos membros das gerações mais velhas é não somente uma maneira de fomentar o gosto para comunicar, isto é, para entrar em relação com outros, mas, ainda, um meio de revalorizar os mais velhos. Manifestar interesse em saber como viveram ou como resolviam tal ou tal problema é uma maneira simples de lhes significar que a sua existência conta, de os arrancar à indiferença em que são demasiadas vezes precipitados. A transmissão da experiência vivida pelos mais velhos permite, ainda, que os mais jovens descubram percursos de vida possivelmente bem diferentes dos que lhes são mais familiares mas compreendam, simultaneamente, que tais percursos são portadores de dilemas comuns à vida de quase todos os indivíduos, independentemente da época em que nasceram. As trocas a respeito da vida no passado permitem questionar as representações idealizadas da realidade que muitos jovens têm hoje e que os levam a considerar que a abundância de bens e a (aparente) facilidade de acesso a múltiplos recursos, hoje existentes, são inerentes à vida social ou a adoptar a atitude de alguém a quem tudo é devido sem esforço.

Proporcionam, pois, a oportunidade de descobrir uma realidade que os mais jovens não conheceram (ou que só conheceram a partir dos livros de História que geralmente omitem o vivido, sobretudo o vivido popular) e de reflectir sobre a importância das gerações anteriores na construção do mundo actual. Para retomar os termos de N. Elias, a recolha das memórias dos mais velhos é uma via para reestabelecer os elos de ligação que unem os membros das diversas gerações e que são a base mesmo da vida social presente e futura. A oportunidade de compreender e apreciar o que foi a vida dos mais velhos, bem como em que consiste o processo de envelhecimento, potencia seguramente a mudança das representações estereotipadas diariamente veiculadas na vida social que esterilizam as relações e geram dinâmicas de afastamento, senão mesmo de rejeição.

Na medida em que estamos em presença, como vimos no primeiro capítulo, de idosos que têm uma relação muito frágil com a escrita, os mais novos, em princípio mais familiarizados com esta prática, serão um recurso precioso para que as memórias dos primeiros sejam transcritas, ilustradas, documentadas, graças, em particular, aos recursos informáticos. Pode-se então imaginar a

produção de pequenos livros sobre as diversas temáticas escolhidas pelos participantes, os quais constituirão mais um “produto” vendável, em benefício das actividades colectivas. E porque não pensar em criar um site na internet a fim de divulgar amplamente as narrativas recolhidas e transcritas pelos mais jovens, à semelhança de um projecto de âmbito nacional existente em França, intitulado “les passeurs de mémoires”²⁶.

5.5 Outra característica das actividades a desenvolver é a sua regularidade.

A perenidade dos laços só pode ser alcançada se as oportunidades de encontro e trocas forem regulares e continuadas no tempo. Não se trata, pois, de organizar actividades intergeracionais pontuais, em momentos de festas badaladas, mas, antes, numa perspectiva de médio e longo prazo de modo a que se possam construir e realizar projectos comuns. A regularidade dos encontros é assim indissociável da diversidade das actividades que (re)únem os indivíduos: actividades de grupo em torno de uma dada temática (a culinária, as plantas medicinais, o bordado ou outro ...) mas, igualmente, actividades mais individualizadas, tais como a participação num espectáculo, a visita de um lugar onde se produz tal ou tal doce típico, o estudo de um determinado tipo de bordado ou renda ou, ainda, a recolha da história de vida centrada, por exemplo, no trabalho ou na educação.

Finalmente, a implicação dos idosos e dos jovens será ainda fomentada graças ao registo sistemático fotográfico ou vídeo de todas as actividades realizadas pelos diversos grupos, de modo a que possam ser amplamente divulgadas ao conjunto dos membros dos dois grupos e, até, pelo conjunto dos utilizadores do Centro de Dia. A realização de exposições, de um jornal de paredes relatando

²⁶ Promovido à escala nacional pela associação “Unis-Cité”, o projecto é desenvolvido por jovens voluntários que assumem o compromisso de construir relações de confiança com pessoas idosas, geralmente de meios sociais desfavorecidos, expostas a um forte risco de isolamento social, através da realização de saídas, lanches, actividades musicais ou outras, a fim de progressivamente as levar a contar as suas lembranças. Estas podem ser contadas de forma espontânea, sobre o registo de uma história de vida, ou orientadas para temáticas mais específicas tais como o amor, a guerra, a juventude, a inovação tecnológica ou os mais belos momentos da sua vida ... Gravados e transcritos pelos jovens, estes relatos são, na sua grande maioria, colocados num site, desde que os idosos concordem. Constituem assim uma biblioteca virtual que aumenta de ano para ano graças a estes momentos de encontro entre idosos e jovens. Outros meios de divulgação são também mobilizados: pequenos livros, exposições, encenações, CD, curta-metragem, etc... Desde 2008, 1.872 “passeurs de mémoire” recolheram 1.305 testemunhos, graças aos encontros promovidos com 6.900 idosos residentes nos quatro cantos da França (www.passeursdememoire)

as realizações e projectos dos diversos grupos temáticos, as visitas, participações em espectáculos efectuados em grupo ou individualmente e a apresentação regular de fotos ou pequenos filmes vídeos relacionados com cada um dos temas serão recursos importantes para motivar a participação e alargar as oportunidades de partilha a um maior número de idosos. A produção destes meios de comunicação constituirá, além disto, uma oportunidade de os membros das jovens gerações “iniciar” os mais velhos ao uso do computador e da internet, da fotografia ou da vídeo.

Em síntese e seguindo a reflexão de G. Guthleben e M. Zinck²⁷, a intervenção aqui esboçada comporta três grandes tipos de encontros: os que decorrem de *acções pontuais*, voltadas para um dado acontecimento; os que resultam da promoção de *actividades* caracterizadas pela sua regularidade no tempo e um objecto bem delimitado, legitimados dos encontros e das trocas; e, finalmente, os que dependem de *projectos*, mais complexos na sua montagem e que podem integrar actividades e acções.

As acções, inscritas numa perspectiva de mais curto prazo, podem no entanto requerer uma preparação relativamente longa. Um exemplo de acção pontual será, por exemplo, a produção e venda de pão-doce na altura da Páscoa ou uma apresentação musical na festa de Natal da instituição ou nos Santos Populares. A acção pontual tem sobretudo um objectivo de demonstração da existência do trabalho intergeracional em curso e de comunicação. Potencia, pois, o reconhecimento e a valorização dos intervenientes, velhos e jovens, e lhes confere uma certa visibilidade. Mas, em termos de laços intergeracionais, os seus efeitos são relativamente limitados pois, só por si, o acontecimento não é suficiente para perpetuar o investimento de energia e fazer nascer novas iniciativas. Compreende-se, então, que as actividades, por serem mais regulares, criam condições mais favoráveis ao reforço dos laços: aprofundar as competências musicais de uns e de outros graças ao envolvimento regular de um “profissional” que dinamiza sessões de treino e aprendizagem ou criar um grupo de trabalho para a organização do livro de receitas de doçaria tradicional são duas maneiras de potenciar o conhecimento mútuo porque o encontro é

²⁷ In: Les rencontres intergénérationnelles en-dehors de la famille. Quelles méthodologies pour quelles finalités de projets? *Recherches et Prévisions*, nº 88, 2007.

mediado pela actividade. Haverá actividades em que os membros das duas gerações em presença participarão com a mesma intensidade (por exemplo nas sessões de música ou canto coral), outras em que uns poderão ter um papel mais predominante, nomeadamente quando a actividade concorre mais para a transmissão do que para a troca. Na realização dos registos audiovisuais serão os membros da geração mais nova a assumir esta preponderância, na recolha das receitas tradicionais serão os membros da geração mais velha.

Quando o objecto da actividade consiste em partilhar um momento de lazer em grupo ou numa relação interindividual (assistindo, por exemplo, a um concerto, efectuando-se a visita de um atelier de bordado ou promovendo-se um atelier de culinária), a relação proporciona uma troca recíproca e equilibrada: cada um tira prazer da própria actividade e, simultaneamente, do facto de a realizar em conjunto. Todavia, para que a troca seja efectivamente equilibrada, há riscos que importa controlar e antecipar: o das actividades não serem suficientemente desafiadoras por subvalorizar as capacidades e aspirações dos mais velhos, assim reproduzindo os preconceitos negativos a respeito do envelhecimento e da velhice. Esta reprodução pode conduzir a atitudes infantilizantes relativamente aos idosos ou à realização de acções que, por exporem os idosos aos olhos críticos de outros sem um investimento verdadeiramente profissional na sua preparação, acabam por atentar à sua imagem e à sua dignidade. O segundo risco, de sentido contrário, é de não medir adequadamente as mediações necessárias para que os idosos desenvolvam com prazer as actividades e assim suscitar neles sentimentos de fracasso e desânimo. O meio que se afigura mais apropriado para controlar estes riscos é a avaliação contínua das actividades, tendo em conta quer o processo, quer os resultados, de modo a poder tirar partido dos fracassos e dos erros num movimento de contínuo reajuste das actividades, dos seus objectos e da distribuição dos papéis. Caberá ao profissional responsável pelo projecto dinamizar estes momentos de avaliação, de modo a estar à escuta das dificuldades que os jovens, por um lado, os mais velhos, por outro, experimentam nos diversos campos de actividades.

Importa sublinhar, continuando a seguir os autores acima referidos, que uma dada actividade – seja de lazer, seja de transmissão – dificilmente consegue

perpetuar a relação intergeracional no longo prazo. Para que se estabeleça e perdure, a relação precisa de ser alimentada por outras perspectivas de encontro, pelo que interessa que os participantes nas actividades ganhem em autonomia para se tornarem efectivamente actores que formulam propostas, e, ainda, que os profissionais estejam atentos às reacções dos participantes, à expressão dos seus interesses e aspirações de modo a detectar as iniciativas que fazem sentido e mobilizam os investimentos dos membros dos dois grupos.

Inevitavelmente constituídos por acções e actividades coerentemente encadeadas, os projectos inscrevem-se num tempo mais longo e se revestem de maior complexidade. O que aqui esboçamos assenta num partenariado entre o centro de dia e o grupo de escuteiro, prevendo-se que se alargue a outras instituições ou associações (como, por exemplo, escolas de música) no decorrer do seu próprio desenvolvimento. Não se trata, pois, de um projecto fechado num único quadro institucional, antes pelo contrário, uma vez que um dos seus objectivos é precisamente a ampliação dos mundos de vida quotidiana dos seus beneficiários. Entendemos aqui por beneficiários tanto os idosos como os jovens. No que toca aos idosos, esta ampliação é tanto mais importante quanto o seu quotidiano se desenrola num território relativamente restrito, como acima demonstramos, com escassas oportunidades de interacção regular com membros das jovens gerações. Relativamente aos jovens, sabemos que são, inevitavelmente, expostos à propagação de representações negativas da velhice e, em muitos casos, privados de relacionamento regular com idosos que só de podem alterar profundamente graças à vivência regular de aprendizagens e realizações em conjunto. A ambição do projecto é, pois, que o território da sua realização seja o mais amplo possível para que a curiosidade seja fortemente estimulada e, com ela, a vontade de descobrir. O que anima este projecto é, com efeito, uma clara vontade de contrariar as segmentações/segregações que se desenvolvem na vida social corrente, entre grupos etários, entre grupos sociais, entre cultura popular e cultura erudita, entre fruição ou consumo cultural/produção cultural. E recorreremos aqui ao termo ambição por termos consciência que alcançar este objectivo obriga a uma verdadeira ruptura com modos de fazer e pensar enraizados na grande maioria das organizações, tais como, os que conduzem

a privilegiar as parcerias entre instituições para a terceira idade e a investir predominantemente em acções pontuais (como são exemplos as actividades promovidas durante “o mês do idoso”); os que conduzem a reproduzir as mesmas actividades e a seleccionar os mesmos lugares de passeio ou visita de ano para ano; os que conduzem a conceber programas de actividades que são mais uma justaposição de acções pontuais que não produzem nenhuma sinergia entre si do que um conjunto organizado de actividades que alimentam a motivação e a descoberta das capacidades e interesses que os próprios idosos e jovens desconheciam; os que conduzem a estandardizar as intervenções e os graus de participação como se os idosos fossem intermutáveis, negando a sua individualidade e a diversidade dos seus trajectos de vida; ou, ainda, os que conduzem a excluir os idosos mais dependentes de oportunidades de participação e de acção.

4 A importância da avaliação

Uma das hipóteses principais que norteia a concepção deste projecto é que provocar trocas afectiva e cognitivamente significativas entre idosos e membros das gerações mais novas é um caminho a seguir para que as suas vidas quotidianas se interliguem, postulando que a construção de laços intergeracionais contribuirá para a qualidade do processo de envelhecimento.

A possibilidade de verificar a relação que estabelecemos entre o enriquecimento do quotidiano dos idosos e a qualidade do seu envelhecimento passa fundamentalmente pelo desenho e a implementação do processo de avaliação do referido projecto.

A fim de planear este processo de avaliação, interessa precisar um pouco mais o que entendemos por enriquecimento do quotidiano dos idosos, inspirando-nos uma vez mais da noção de “mundo da vida quotidiana” acima referida e das suas principais dimensões temporal, espacial e relacional.

Um primeiro eixo de controlo dos efeitos do projecto consistirá, pois, em objectivar as mudanças provocadas no quotidiano dos idosos, em função destas três dimensões. Começando pela dimensão temporal, passados alguns

meses de implementação do projecto e a intervalos regulares de tempo (6 meses depois do início, 1 ano e assim sucessivamente), a avaliação deverá contribuir para esclarecer se cada um dos idosos oficialmente envolvidos num grupo temático muda a sua relação com o tempo através da formulação de projectos. Dito de outro modo, permitirá verificar se os idosos passaram a ter metas concretas, por via dos seus contributos para o programa do referido grupo e de actividades desenvolvidas graças à relação estabelecida com um ou vários dos jovens (passeio, visita ou saída nocturna, a título de exemplos de actividades que não realizavam antes do projecto mas que deveriam passar a fazer parte do seu quotidiano). Por outras palavras, ainda, tratar-se-á de observar se as referências a um futuro mais ou menos próximo se tornam mais frequentes no discurso dos idosos e se, individualmente e/ou em grupo, criam o hábito de planear uma agenda de actividades, encontros e realizações enriquecedoras do seu dia-a-dia e da sua rede relacional.

Com a mesma regularidade do que a referida para a dimensão temporal, o processo de avaliação envolverá a realização de mapas que permitam traçar a evolução dos territórios percorridos pelos idosos de maneira a verificar se, de facto, estes incluem uma variedade crescentes de lugares familiares para além da casa, do centro de dia, dos locais habituais no habitat residencial e, sobretudo, se ampliam significativamente os limites geográficos dos espaços d que se apropriam.

Finalmente, a avaliação passará por uma objectivação das evoluções da rede relacional de cada idoso de modo a verificar as mudanças provocadas a vários níveis: na dimensão da rede, na sua composição, na frequência dos contactos entre os idosos e os membros da rede e finalmente, na densidade da rede, isto é, na existência de interacções entre os diversos membros da rede.

Começando por considerar a dimensão da rede, ou seja, o número de novas pessoas que passam a fazer parte da rede, entenderemos como participantes da rede não somente os indivíduos com os quais os idosos conversam com alguma regularidade²⁸ mas, sobretudo, os que, com eles, partilham actividades

²⁸ Este é um dos indicadores mais frequentemente utilizados, como é o caso, por exemplo, no estudo coordenado por Manuel Villaverde Cabral (2013), *Processos de Envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos (em particular o capítulo 2 “Redes interpessoais, relações de apoio e de vizinhança”, mas que nos parece, todavia, bastante limitativo, sobretudo quando nos estamos a referir a idosos que se encontram em estados de

e experiências, trocam reflexões e expressam sentimentos a respeito das vivências conjuntas e os com os quais podem contar para a superação dos obstáculos que se interpõem à sua participação na vida social, designadamente os estados de saúde frágeis ou dependentes. Estamos, pois, a dar particular relevo à necessidade de os idosos poderem contar com o suporte de outros para empreender saídas e passeios na cidade e fora dela; para ir com regularidade ouvir música ou assistir a peças de teatro, mas, também, para ir acompanhado a uma consulta ou fazer compras, em suma para ampliar o território das deambulações quotidianas e desenvolver actividades que fomentam o sentimento de continuar a ser parte activa da “comunidade dos vivos”, para retomar a expressão de N. Elias.

Relativamente à composição da rede, as questões norteadoras da avaliação terão que remeter, no nosso entender, para o peso relativo dos familiares e dos não familiares, dos profissionais da instituição e dos não profissionais que se implicam na vida dos idosos e, mais especificamente, ainda, para o peso relativo dos idosos e dos não idosos, com destaque para os membros das gerações mais jovens.

A frequência dos encontros entre os idosos e os membros da rede, nomeadamente os não familiares, não profissionais e não idosos, constitui um outro nível de avaliação particularmente importante no que respeita ao enriquecimento relacional que se pretende provocar. Indicará, com efeito, se as acções do projecto contribuem efectivamente para quebrar o fechamento dos idosos num grupo de pares e potenciar a criação de condições favoráveis à partilha de actividades, encontros e experiências que permitam um interconhecimento cada vez mais aprofundado entre os membros de diversas gerações.

Finalmente, verificar, com regularidade, se a rede social dos idosos ganha em densidade afigura-se como outra componente importante da avaliação, desde logo porque permite verificar se as diversas acções do projecto estabelecem entre si relações de complementaridade e de aprofundamento mútuo. Tomando o exemplo das actividades em torno da música, se a organização de um grupo de idosos e de jovens em torno da produção de uma actividade musical (com

ensaios regulares e apresentações em festas, feiras, festivais ...) for completada por uma série de outras actividades, tais como assistir a concertos públicos, assistir a audições de jovens estudantes de música, visitar lugares dedicados à música, participar em workshop ou conferências sobre um determinado tema relacionado com a música, é de supor que os jovens e os idosos do grupo passarão a relacionar-se com uma pluralidade de outros indivíduos que assistem às apresentações, assumem o papel de “acompanhante” dos idosos nas saídas e visitas ou apresentam-lhes com frequência as suas próprias actividades neste campo.

Mas na medida em que o projecto tem como objectivo verificar se o enriquecimento dos mundos de vida quotidiana dos idosos tem um impacto sobre a qualidade do processo de envelhecimento, o estado de saúde dos indivíduos constitui um outro domínio sobre o qual a avaliação deve incidir. Neste plano, importará conjugar dois tipos de avaliação: a do estado de saúde objectivo dos idosos, em estreita articulação com os profissionais de saúde que os acompanham; a do seu estado subjectivo de saúde ou sentimento subjectivo de bem-estar. De certo modo, o projecto que pretendemos desenvolver inscreve-se na linha de uma diversidade de estudos que procuraram mostrar que a continuação da actividade é um factor susceptível de contrariar o efeito negativo que o processo de fragilização da saúde provoca no bem-estar dos idosos.

Nestes estudos e, em particular, no que foi desenvolvido por J.F. Bickel, referido no artigo intitulado “Être actif dans le grand âge: un plus pour le bien être?”²⁹, o bem-estar não é reduzido à satisfação de viver. É concebido como uma realidade mais complexa, susceptível de ser decomposta em duas dimensões principais, parcialmente independente uma da outra: a dimensão cognitiva e a afectiva.

A dimensão cognitiva refere-se à avaliação que o indivíduo faz da sua própria vida, quer globalmente, quer em relação a domínios mais específicos (a família e os amigos, as actividades da vida quotidiana, a saúde física). Em diversos estudos gerontológicos, é a percepção da saúde que é utilizada como indicador

²⁹ In: *Retraite et Société*, nº 52, 2007 (3).

da componente cognitiva do bem-estar enquanto a dimensão emocional (ou afectiva), por sua vez, prende-se com os afectos positivos e negativos que os indivíduos experimentam.

Apoiando-nos no estudo de J.F. Bickel, sugerimos que o bem-estar cognitivo seja apreendido graças a um índice de percepção da saúde construído a partir da média das pontuações obtidas na resposta a duas perguntas: uma sobre a avaliação subjectiva da saúde (saúde auto-avaliada)³⁰ e a outra destinada a medir a frequência com que o indivíduo inquirido se preocupa com a sua saúde³¹. Estas duas questões têm que ser codificadas no sentido positivo de modo a que a pontuação mais elevada indique uma percepção da saúde mais positiva.

Para medir o bem-estar afectivo, sempre na linha de J. F. Bickel, recorrer-se-á a uma adaptação da Escala de Auto-apreciação da Depressão de Wang et al, seleccionando três itens de afecto positivo³² e quatro itens de afecto negativo³³. Cada item é codificado na base de uma escala de 1 a 4 em que 1 equivale a "nunca" e 4 a "sempre". O índice assim construído corresponde à frequência média do conjunto destes sete itens, depois de se ter invertido as respostas aos itens relativos aos afectos negativos, sendo que a pontuação mais elevada na escala global significa um mais alto grau de bem-estar afectivo.

Realizada a intervalos de tempo regulares, tais como anteriormente se indicou, estas duas componentes de avaliação permitirão controlar as modificações que o projecto desencadeia ao nível da subjectividade dos idosos e das suas atitudes face à vida e ao próprio envelhecimento.

Claro que o processo de avaliação ganhará em aprofundamento e riqueza, se a aplicação dos instrumentos acima sugeridos for completada com a realização de um diário de campo em que ficarão registadas as reacções e apreciações

³⁰ A pergunta pode ser formulada nos seguintes termos: *"Em geral, diria que a sua saúde é: ótima (5); muito boa (4); boa (3); razoável (2); fraca (1)"*, sendo que o inquirido tinha que identificar o item que melhor caracterizava o seu estado de saúde.

³¹ Uma formulação possível da pergunta será: *"Com que frequência se preocupa com a sua saúde?"*, admitindo as seguintes respostas: *nunca (5), algumas vezes (4), frequentemente (3), muito frequentemente (2) e sempre (1)*.

³² Estes itens prendem-se com o facto de o idoso encontrar prazer no que faz, ter confiança em si e ter confiança no futuro;

³³ Sentir-se sozinho, sentir-se triste, achar que o tempo passa muito devagar, ter vontade de chorar e sentir-se ansioso.

que os idosos expressam no decorrer da própria realização das actividades e no decorrer de conversas – espontâneas e provocadas – que desenvolvem com os jovens e com os profissionais no final das actividades e nas alturas em que se implicam na programação de novas actividades.

Finalmente, para que o projecto contribua efectivamente para a promoção e o reforço de laços entre membros de diversas gerações, será importante proceder à avaliação das mudanças que o seu próprio desenrolar provocará nas representações e nas práticas dos jovens em relação aos idosos. Esta avaliação poderá ser realizada, lançando com alguma regularidade perguntas aos jovens que lhes permitam expressar o que pensam acerca da velhice, por um lado, e reflectir sobre a evolução das suas condutas e acções face aos idosos, por outro lado.

No que respeita à primeira série de questão (as que se prendem com as representações da velhice por parte dos jovens), o objectivo será verificar se as representações essencialmente negativas da velhice³⁴ dão lugar à descoberta de aspectos positivos, tais como a capacidade de aceitação compreensiva da vida e dos outros, no sentido da sabedoria que Erikson opõe ao desespero; a capacidade de se descentrar de si próprio e de se dedicar aos outros, designadamente através da transmissão de ideias, valores, reflexões, memórias, etc. que traduz a vontade de continuar a se implicar junto dos mais jovens; a vitalidade mental e/ou afectiva para continuar a participar na actividade de criação que caracteriza os seres humanos³⁵.

Para levar os jovens a apreciar a evolução das suas práticas em relação aos idosos, poder-se-á recorrer a indicadores relativamente objectivos, como a frequência dos encontros e das actividades implementados no âmbito do projecto, a diversidade dos seus modos de se implicar na vida dos mais velhos (por exemplo, a sua disponibilidade – crescente ou não - para ajudar os idosos

³⁴ Definindo-a, antes de mais como fase da vida dominada por diversas dificuldades, tais como as doenças, a fragilização do estado de saúde ou a passagem à dependência, a perda de laços e a solidão, a perda de utilidade para os outros, a passividade e a aproximação da morte.

³⁵ Ver a este respeito as reflexões de R. Varela, em conversa com A. Coimbra de Matos (2016), no livro *Do medo à esperança*, Lisboa: Liv. Bertrand: "O que nos humaniza é a relação, certo? Não somos humanos porque gostamos de golfinhos e de gatinhos, somos humanos porque somos sociais, cooperantes, é isso que nos humaniza, a relação. Relação e criação. Inventar." (p.15).

a resolver problemas do quotidiano e “inventar” novas actividades destinadas a enriquecer o seu quotidiano). Mas será igualmente interessante recolher informações a respeito da satisfação que os jovens retiram das actividades que contribuem a implementar, do enriquecimento pessoal proporcionado pelas interacções com os idosos. A título de exemplo, terá interesse perguntar aos jovens se consideram que a partilha de vivências com os idosos foi, para eles, fonte de desenvolvimento de novas competências, tais como a que consiste em promover uma relação de escuta empática ou, na linha de N. Elias, em se identificar com um idoso, reconhecendo, apesar da diferença actual, que, na sua qualidade de ser humano, partilhará um dia uma experiência semelhante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegados a este ponto da elaboração do nosso projecto, importa, para concluir, tentar ganhar alguma distância reflexiva em relação ao nosso próprio objecto de intervenção.

Começaremos, então, por salientar que elegemos o enfraquecimento dos laços intergeracionais, ou seja, dos laços entre membros de grupos etários diferenciados, como objecto de intervenção e que procuramos fazê-lo não por ceder a uma moda que perpassa quer o campo político, quer o do trabalho social, mas na base de um trabalho de diagnóstico dos problemas e necessidades concretos observáveis num dado conjunto de idosos utilizadores de um Centro de Dia, numa área suburbana do Grande Porto.

Se é incontestável que a decisão inicial de levar a cabo este trabalho de diagnóstico partiu de dados empíricos colhidos no decorrer da nossa actividade profissional, não é menos verdade que a sua efectivação beneficiou, entretanto, de um trabalho de problematização teórica do fenómeno do envelhecimento na sociedade terciarizada e urbanizada em que vivemos, assim como de uma reflexão em torno do conceito de capital/rede social e, ainda, do reconhecimento da pouca atenção geralmente atribuída às necessidades relacionais dos seres humanos, em todas as fases ou etapas do seu trajecto de vida, em particular por parte das instituições prestadoras de serviços a idosos.

O diagnóstico apresentado no primeiro capítulo permitiu-nos objectivar uma percepção forjada no quotidiano da prática profissional muito antes de empreendermos os nossos estudos de 2º ciclo: a de que a fragilização do estado de saúde, combinada com a vulnerabilidade económica e cultural, encerra os idosos em “mundos de vida quotidiana” muito fechados no seio do mesmo grupo etário, de um mesmo grupo sociocultural e que este fechamento compromete a possibilidade, hoje teoricamente fundamentada, de os seres humanos terem a possibilidade de aprender até ao fim da vida. O facto de termos confirmado, com um esforço de rigor, algumas das intuições suscitadas pela prática profissional não equivale, de maneira nenhum, a desvalorizar esta etapa do trabalho. Antes, pelo contrário, pretendemos deixar claro aqui que a

consideramos como um momento crucial da elaboração de um projecto de intervenção por vários motivos: em primeiro lugar, a objectivação que o diagnóstico implica não é possível sem um esforço de aprofundamento das interpretações do envelhecimento propostas pelas ciências sociais e sem um trabalho de recolha de informações orientado por estas mesmas interpretações. O diagnóstico constitui, pois, um momento decisivo para definir problemas, interpretar a sua origem e direccionar a intervenção. Mas, além disto, é também um precioso instrumento de controlo do desenvolvimento da acção: no caso que aqui nos interessa, avaliar os resultados da intervenção passará, sem dúvida, por verificar se o capital social dos idosos cresce, se as suas redes sociais se transformam, passam a incluir outros membros e quais. Em suma, por verificar se os seus mundos de vida quotidiana ficam mais ricos, nas suas dimensões relacionais como culturais, por comparação com o retrato traçado na fase de diagnóstico.

Tentamos, como acima já referimos, apoiar quer o diagnóstico, quer o desenho do projecto numa leitura teoricamente informada do envelhecimento e das privações de recursos socialmente valiosos que afectam muito particularmente os idosos pertencentes às classes populares. Temos, todavia, consciência que o nosso interesse pelo trabalho intergeracional pode ser entendido como simples adesão a um tema que, desde o final do século XX, passou a “estar na moda”. É com efeito no último quarto do século XX que se tomou mais claramente consciência de uma série de transformações sociais com repercussões sobre as relações entre as gerações. O prolongamento da esperança média de vida, a diminuição da natalidade e, sobretudo, o reaparecimento do desemprego de massa e da insegurança com o fim dos Trinta Anos Gloriosos são algumas das mudanças sociais que conduziram um número crescente de investigadores e, também, de políticos a interrogar-se acerca das relações entre as gerações. Os ataques movidos contra o Estado-Providência traduziram-se, em diversos países (entre os quais Portugal, embora um pouco mais tardiamente do que outros), na expressão crescente de dúvidas acerca da sustentabilidade do sistema de pensões de reforma por repartição, ou seja, de um sistema de segurança social fundado num contrato de solidariedade entre gerações mais jovens compostas de activos que financiam, por via dos seus descontos, as reformas das gerações mais velhas

que contribuíram através do seu trabalho para a criação das estruturas produtivas que acolhem os mais jovens.

Como referem C. Hummel e V. Hugentobler (2007)³⁶, sob o efeito das transformações demográficas e das que conduzem ao retraimento do Estado-Providência, duas abordagens das relações entre as gerações passaram a predominar no contexto, por exemplo, dos estudos sociológicos: a que se centra nos laços e solidariedades entre as gerações familiares e a que eleger os desafios sociais que suscitam as relações entre as gerações em matéria de emprego e de segurança social. No quadro do primeiro eixo de análise é a solidariedade entre pais (idosos) e filhos (adultos) que estiveram no centro dos estudos e pesquisas, com destaque para as trocas de bens e serviços entre gerações de uma mesma família e, mais recentemente, para os papéis dos avós no quadro dos diversos tipos de composição e recomposição das instituições familiares. Relativamente ao segundo eixo, é a continuidade (ou não) do contrato intergeracional que sustenta a segurança social que está no centro das análises. Observa-se um retorno à questão de saber quem, do Estado ou da família, deve assumir a responsabilidade pelos mais velhos no confronto com as evoluções das políticas de gestão da mão-de-obra nas empresas, designadamente a tendência para excluir cada vez mais cedo os trabalhadores que envelhecem e para desvalorizar a força de trabalho dos mais novos.

Face a esta multiplicidade de abordagens, não será de admirar que as definições e os usos dos termos “intergeracional” e “intergeração”³⁷ sejam muitas e muito pouco consensuais, salientam as autoras do artigo acima referido. O próprio termo “geração” sofre das mesmas indefinições no vocabulário das ciências sociais: ora é sinónimo de coorte – conjunto de indivíduos que nasceram num dado momento socio histórico e, em consequência, vivenciaram os mesmos acontecimentos sociais marcantes – ora é utilizado para definir um grupo ou categoria de indivíduos que se situam num mesmo intervalo de tempo relacionado com a idade (fase da vida ou escalão etário).

³⁶ «La construction sociale du “problème” intergénérationnel», *Gérontologie et Société*, nº 123/4.

³⁷ Que, pelo menos na língua francesa, corresponde à criação de um substantivo (até então inexistente)

Além desta fluidez dos termos no campo científico, as autoras assinalam agora um outro factor de indefinição dos termos e conceitos: o que se prende com a crescente inquietação a respeito da qualidade das relações entre as gerações expressa no campo político e no do trabalho social. Nestes, a questão das gerações passou a ser apresentada como um dos desafios mais importantes do séc. XXI. Assim, por exemplo, em França, um Plano nacional intitulado “Bem envelhecer” foi lançado em 2003 pelo Ministério encarregado dos assuntos relacionados com os idosos, tendo como um dos seus eixos privilegiados a consolidação dos laços intergeracionais. A sua actualização em 2007 comportava um programa intitulado «Promover a solidariedade entre as gerações: o intergeracional e a vivência conjunta como base do “bem envelhecer”». Interessante é constatar que já não é apenas a partir da questão do envelhecimento que o problema dos laços intergeracionais é colocado nesse país, mas, igualmente, a partir da reflexão sobre as medidas a promover para fortalecer a vida familiar. Os laços entre as gerações aparecem assim como um tema essencial para a política de família, na altura da “Conferência Nacional da família” promovida em 2006 em França.

Na Alemanha, desde 1997, é o “Diálogo entre as gerações” que é considerado da juventude que implementa e supervisiona toda uma série de iniciativas intergeracionais na base do seguinte pressuposto: “a participação social dos mais velhos tal como o futuro da jovem geração dependem de uma relação solidária entre as gerações”³⁸. É também na mesma época que na Suíça o Conselho federal lança um Programa nacional de investigação intitulado “A infância, a juventude e as relações entre as gerações numa sociedade em mutação” e que o Ofício federal dos seguros sociais inclui a abordagem intergeracional na sua estrutura organizacional, realçando assim a importância desta temática para a política social.

No campo da sociedade civil, observa-se uma evolução muito semelhante com a proliferação de associações e instituições que procuram coordenar projectos cujo eixo estruturante é a solidariedade entre as gerações: “Accordages” e “Mix’âges” em França, “Relais intergénération” e “Intergeneration” na Suíça, “Entr’Age” e “Assembl’âges” na Suíça e no Reino Unido a Beth Johnson

³⁸ Citado por C. Hummel e V. Hugentobler no artigo acima referido, p. 76.

Foundation, a título de exemplos. Os promotores de projectos procuram organizar-se em redes, organizam encontros temáticos e produzem textos orientadores a fim de afirmar a importância das intervenções destinadas a reforçar os laços intergeracionais³⁹.

Quais são, então, os principais argumentos avançados no campo político e geralmente, retomados, na totalidade ou em parte, no do trabalho social? A legitimação da importância atribuída ao problema dos laços intergeracionais decorre, dizem-nos as autoras do artigo já acima mencionado, de 4 grandes transformações: as mutações demográficas relacionadas com a transição demográfica; as transformações sociais que contribuem para o enfraquecimento dos laços sociais: mobilidade geográfica, enfraquecimento dos laços comunitários, individualização e transformação das estruturas e práticas familiares; as mutações económicas e políticas que se prendem com o abrandamento do crescimento económico e o recuo do Estado Social, os problemas de financiamento dos sistemas de pensões de reforma, as transformações dos sistemas de produção e os problemas de emprego, o recuo da cidadania; e, finalmente, as transformações registadas no plano dos estilos de vida, com destaque para o crescimento do individualismo, por um lado, e da precariedade, por outro, quer entre os mais jovens que enfrentam numerosos obstáculos na transição para a idade adulta, quer entre os mais velhos confrontados, por exemplo, com a necessidade de prestar apoios em simultâneo a filhos e pais.

Face a estas transformações e aos riscos crescentes de fractura social que acarretam, a temática intergeracional é cada vez mais colocada em termos de necessidade de reforçar a coesão social, abalada pelo crescimento e a multiplicação das desigualdades. Desenha-se, assim, uma tendência, no seio do trabalho social em geral, e do trabalho social gerontológico em particular, para tentar demonstrar que as intervenções em torno dos laços intergeracionais têm um alcance bem mais amplo do que uma simples preocupação de distrair os residentes em lares de idosos graças à organização de lanches conjuntos com as crianças do jardim-de-infância. C. Hummel e V.

³⁹ A Beth Johnson Foundation, por exemplo, divulga um Guide for Intergerational Practice enquanto o Ministério francês da Segurança Social encomenda a Mohammed Malki, fundador de Accordages um "Guide Méthodologique de l'Intergénération".

Hugentobler, no artigo já citado, referem a este propósito R. Vercauteren (2001)⁴⁰, que opõe claramente o trabalho intergeracional concebido como um “gadget de animação social” àquele que visa efectivamente preservar ou, melhor, reforçar os laços que deveriam unir os membros das diversas gerações uns aos outros. Neste último sentido, o propósito central do trabalho social intergeracional consiste em não somente contrariar as múltiplas lógicas de competição exacerbada entre grupos sociais com recursos desiguais, no seio de um dado grupo social, entre grupos etários (trabalhadores jovens e envelhecidos, por exemplo) e no seio de um dado grupo etário (tal como os reformados com níveis de pensões de reforma desiguais consoante a altura em que passaram à reforma), estimuladas e acentuadas pelo neoliberalismo e de natureza a acentuar e comprometer gravemente a coesão social.

O Guide for Intergerational Practice⁴¹ da Beth Foundation explicita o mesmo tipo de preocupação, quer na definição de prática intergeracional, quer através da tentativa de demonstrar que este pode alcançar níveis desiguais de aprofundamento e de mudança na vida dos indivíduos. A Fundação define do seguinte modo o objectivo deste tipo de prática: “A prática intergeracional visa unir os indivíduos em torno de actividades intencionalmente organizadas para que delas retirem benefícios mútuos, promotoras de maior compreensão e respeito entre as gerações e que contribuam para a construção de comunidades mais coesas. A prática intergeracional é inclusiva, construída com base nos recursos positivos que os jovens e os idosos podem oferecer uns aos outros, bem como àqueles que os rodeiam”. Mais adiante no guia, alerta-se pelo facto de as práticas intergeracionais poderem assumir contornos não somente diferenciados mas, sobretudo, com um alcance muito desigual no que respeita à solidez dos laços construídos entre os membros de diversas gerações. Neste sentido, os autores estabelecem um continuum que começa, no grau zero de intergeracionalidade, com actividades de estudo sobre o envelhecimento que não implicam sequer relações directas entre jovens e idosos até a práticas integradas em organizações, como a escola, em que de

⁴⁰ Co-autor de *L'intergénération. Une culture pour rompre avec les inégalités*, Ramonville: Ed. Erès.

⁴¹ Destinado àqueles que trabalham voluntariamente ou no quadro das comunidades locais localmente mas igualmente aos profissionais das autarquias locais e dos departamentos da administração central.

forma duradoura e regular crianças/jovens e idosos cooperam na realização de actividades quotidianas (“programas contínuos”) ou à formação de “organizações comunitárias intergeracionais”, no mais alto nível de contactos, passando, no nível intermediário, por actividades periódicas geradoras de momentos de convívio entre crianças/jovens e idosos (tais como o Dia dos Avós ou o baile anual de uma dada localidade). Cabe-nos aqui salientar que uma das nossas preocupações centrais na realização deste trabalho prende-se com a vontade de nos afastarmos o mais possível do “gadget de animação social”, na terminologia de Vercauteren ou dos níveis mais baixos de interacção entre jovens e idosos referidos no guia britânico. É para nós muito claro que somente com um nível elevado de encontros e trocas é que as visões estereotipadas que existem de parte e doutra (entre os jovens e entre os idosos) poderão ser ultrapassadas. Mas este é também um requisito fundamental para conseguir contrariar as dinâmicas de afastamento, quotidianamente fomentadas pelos funcionamentos sociais, e assim provocar mudanças efectivas e duradouras. Não temos, contudo, dúvidas que para concretizar esta nossa ambição teremos, inevitavelmente, que enfrentar uma diversidade de obstáculos.

Na sua tentativa para esclarecer os motivos para a ainda fraca legitimidade e reconhecimento do trabalho social intergeracional, M. Malki fornece-nos contributos valiosos para tentarmos enunciar alguns dos obstáculos que muito provavelmente encontraremos na implementação do projecto que começamos a delinear.

A ainda fraca adesão dos dirigentes associativos, dos poderes públicos locais e centrais a este tipo de prática configura um primeiro tipo de obstáculo a considerar, susceptível de tornar problemática a obtenção dos recursos necessários para levar a cabo este projecto. Bastará lembrar que o projecto visa ampliar consideravelmente as oportunidades de descoberta das mais diversas expressões do património cultural e multiplicar as saídas dos idosos para fora do território muito exíguo onde se desenrolar a sua vida quotidiana, durante o dia mas, também, à noite. Ora basta este exemplo para entender que serão necessários recursos financeiros e materiais para assegurar as deslocações frequentes de idosos frágeis e dependentes e prever que residirá aqui um desafio considerável, uma vez que a gestão quotidiana das instituições

geralmente nem prevê este tipo de despesas, nem apresenta, geralmente, a flexibilidade necessária para responder a este tipo de exigência. Superar este tipo de problema passará provavelmente por um trabalho de argumentação, junto de uma variedade de dirigentes institucionais, acerca da importância de que se reveste um trabalho que não é apenas destinado a revalorizar o papel social dos mais velhos mas, mais desafiante, a reforçar a vida colectiva e contrariar as lógicas segregativas que comprometem a coesão social.

É, pois, crucial que o trabalho social intergeracional não seja entendido, nem sobretudo tratado, como uma medida ou política que apenas diz respeito aos profissionais e as instituições que trabalham com idosos. A tendência para que assim seja é forte, desde logo porque vivemos em sociedades em que muitas políticas, sociais e não só, são ainda predominantemente organizadas em função de categorias, para não dizer clivagens, etárias. Um franco desenvolvimento do trabalho social intergeracional requer, pois, que esta lógica de organização seja contrariada e substituída por mais transversalidade entre ministérios, direcções gerais, serviços autárquicos, etc... de modo a que as práticas destinadas a fazer viver em conjunto os membros dos diversos grupos etários não dependa unicamente das iniciativas dos profissionais de terreno. É decisivo que os decisores políticos ampliem a sua consciência que este objectivo suscita desafios numa multiplicidade de planos, citando-se, a título de exemplos, os problemas de acessibilidade que remetem para o urbanismo e, mais ainda, para o ordenamento do território ou que se prendem com a gestão dos equipamentos socioculturais e dos serviços sociais, geralmente segmentada entre diferentes instituições em função das categorias etárias.

No balanço que realizou, no decorrer de várias décadas de iniciativas intergeracionais implementadas em França, M. Malki⁴² salienta a importância do papel das instituições autárquicas, tentando sistematizá-lo em torno de quatro funções principais. A primeira consiste em suportar e valorizar as acções locais através de ajudas financeiras e logísticas e, ainda, graças à implicação dos profissionais dos diversos serviços locais que gerem neste tipo

⁴² Mohammed Malki, Philippe Daveau, Alain Rozenkier (2005) « Des méthodes au service de l'intergénération », *Retraite et société*, nº 46/3, pp. 198-203.
« Les acteurs de l'intergénération par Mohammed Malki de l'association Accordages », no site http://www.senioractu.com/Les-acteurs-de-l-intergeneration-par-Mohammed-Malki-de-l-association-Accordages-com_a5418.html

de iniciativas. As autarquias estão ainda em boa condição para fomentar parcerias locais entre instituições e profissionais que intervêm no seu território a fim de promover as intervenções intergeracionais. Cabe-lhes também encorajar a transversalidade dos serviços e assumir a formação dos profissionais neste sentido. Finalmente, inscreve-se igualmente no papel das autarquias locais, desenvolver dinâmicas de participação directa da população na promoção da coesão social, inspirando-se, por exemplo, das práticas que certas cidades “amigas dos mais velhos”, tal como Manchester⁴³ cuja Câmara tem vindo a multiplicar as iniciativas e as formas organizativas para dar voz aos habitantes e, em particular, aos idosos.

A importância que M. Malki dá aos serviços centrais e locais do Estado não significa de modo nenhum que desvalorize o papel das estruturas associativas na promoção de um trabalho intergeracional capaz de efectivamente reforçar a coesão social e ultrapassar a lógica do “gadget de animação social”. Na medida em que a missão central do associativismo prende-se, desde a sua criação, com o reforço dos laços sociais, da solidariedade e da cidadania, as relações entre as gerações fazem inequivocamente parte do seu campo de acção, ainda que a importância do lugar que lhe atribuem possa ser desigual. Todavia, neste plano, também, a realidade das práticas não coincide forçosamente com as intenções afirmadas. Para além de muitas associações acabarem por desenvolver práticas estandardizadas e rotineiras que as afastam da sua missão, muitas delas, salienta M. Malki, reproduzem no seu seio as clivagens etárias que predominam na vida social envolvente. Acabam por se especializarem em função de determinados “públicos-alvo”, tanto mais quanto esta especialização é, frequentemente, incentivada pelos próprios programas de financiamento de que dependem. É precisamente para contrariar esta tendência que o autor que temos vindo a citar procurou criar uma associação, “Accordages”, cujo principal objectivo é o desenvolvimento, a valorização e a difusão das melhores iniciativas em matéria de prática intergeracional. A intervenção desta associação segue duas orientações principais: propõe, em primeiro lugar, um acompanhamento metodológico dos

⁴³ Ver a este respeito o artigo publicado no Público de 6-09-2015 na série “Ideias para Portugal”, intitulado “Envelhecer melhor – Há uma cidade que quer muito ser um óptimo lugar para envelhecer”.

actores locais que se envolvem em iniciativas intergeracionais, destinado a corrigir, antes de mais, um excesso de empirismo frequentemente identificado nas iniciativas que não aprofundam suficientemente a análise da necessidade social a que pretendem responder. Em vez de se apoiar numa interpretação rigorosa do fenómeno do isolamento social na velhice, como fruto de dinâmicas sociais fortemente enraizadas na organização da vida social e condicionadoras das práticas quotidianas, os projectos decorrem, muitas vezes, de uma certa atracção pelo “charme” que assume, para os seus promotores, o encontro entre as idades. Subestimam, em consequência, as condições a reunir para perenizar os laços entre membros de grupos etários distintos. Além disto, porque não integram este requisito na avaliação dos resultados, ou não procedem a qualquer avaliação, muitos projectos não conseguem senão promover acções pontuais, sem efeitos estruturantes tangíveis em diversos planos estratégicos para produzir efectivas mudanças: o das relações entre as idades e o das clivagens existentes entre actores institucionais, clivagens estas que inviabilizam o desenvolvimento social.

O segundo eixo de intervenção de Accordages remete para a criação de uma rede de actores envolvidos na promoção deste tipo de práticas: associações, instituições, profissionais. O desenvolvimento de trocas sistemáticas entre estes actores é uma condição essencial para fomentar uma cultura da intergeração apoiada no recenseamento das acções, na avaliação das práticas e na partilha das experiências de modo a aperfeiçoar o potencial dos procedimentos para concretizar os valores da intergeracionalidade.

Procurando tirar partido das reflexões de M. Malki para circunscrever alguns dos potenciais pontos críticos do nosso projecto, centrar-nos-emos em 3 questões que nos parecem particularmente importantes.

A primeira prende-se com o diagnóstico. Embora lhe tenhamos atribuído uma efectiva importância neste trabalho, do conjunto de reflexões que acabamos de referir, ressalta quanto necessário será, para a implementação do projecto e sua perenização, que o diagnóstico seja partilhado com todos os parceiros operacionais do projecto: idosos, jovens, profissionais e representantes institucionais que pretendemos mobilizar. Trata-se de um procedimento, próximo dos que se utiliza na metodologia de investigação-acção, e que é, de facto, essencial para potenciar as mudanças pretendidas, sobretudo quando

estas dependem do empenho e da implicação de actores com desiguais recursos e, também, com interpretações dos fenómenos e interesses, à partida, divergentes. Objectivar e compreender o sério risco de isolamento na velhice que, na sociedade actual, ameaça os indivíduos, quer o que já são velhos, quer os que o serão num prazo mais ou menos próximo, é uma estratégia essencial para mobilizar as energias necessárias para desenvolver acções que contrariam as práticas correntes. Fazer reflectir todos os actores a respeito deste risco, incluindo os mais jovens, ampliando a consciência de que todos poderão ter que o enfrentar um dia é, além disto, uma boa maneira de apreender e debater as visões estereotipadas do envelhecimento ainda hoje tão frequentes, no senso comum *“tout court”*, tal como no senso comum institucional. O facto de implicar os actores institucionais no diagnóstico é, além disto, uma condição necessária para evitar que a intervenção se esgote num projecto pontual e um primeiro passo para a inscrever mais duradouramente nas práticas institucionais.

Um outro desafio inerente ao nosso projecto decorre da importância de que se reveste a implicação de voluntários para o seu desenvolvimento, designadamente dos jovens que pretendemos implicar em interacções variadas e regulares com os idosos. Para que desempenhem efectivamente o papel decisivo que lhes cabe, terão, sem dúvida, que ser reconhecidos em pé de igualdade com todos os outros participantes, designadamente com os profissionais. Tal significa que deverão ter a possibilidade de desenvolver as suas capacidades de iniciativa e de acção, individual e colectivamente. Sem uma efectiva apropriação dos princípios norteadores do projecto e das suas acções não poderão de facto os tornar vivos, nem multiplicar as modalidades da sua concretização.

Finalmente, uma outra questão de relevo é a estratégia de comunicação do próprio projecto: garantir que as suas ambições em matéria de produção do social, sob a forma de construção de laços intergeracionais sólidos, sejam pouco a pouco concretizadas, ou, por outras palavras, que não fique reduzido a uma acção pontual de animação apenas dirigida à revalorização de alguns indivíduos mais velhos requer uma comunicação pedagógica não somente no seio do projecto mas também com as instituições, associações, profissionais e membros da “comunidade” envolvente. Tratar-se-á, pois, de dar amplamente a

conhecer as acções empreendidas, os valores e princípios em que se fundamentam de modo a que sejam entendidos mas também a que se possa ampliar e diversificar os participantes pertencentes a gerações mais jovens e, deste modo, o leque das temáticas em torno das quais se pretendem promover trocas intergeracionais.

O acento que decidimos colocar nestas três questões decorre de uma constatação já bem estabelecida acerca dos processos de implementação dos projectos que têm um impacto importante no seu sucesso ou fracasso: a montagem do projecto, o partenariado, o trabalho de animação dos diversos actores em torno do problema/fenómeno que o projecto procura alterar, a comunicação e a avaliação.

Terminaremos este trabalho por um olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento do trabalho social intergeracional. Das análises levadas a cabo sobre este tipo de intervenção no contexto europeu, ressalta que existem domínios ou temáticas que foram privilegiadas num primeiro momento: o suporte à escolaridade de crianças de meios desfavorecidos, o acompanhamento de jovens em dificuldades, a transmissão das memórias. A solidariedade de proximidade, como exemplos mais relevantes. Esta orientação do trabalho intergeracional deve-se ao facto de os actores pioneiros deste tipo de trabalho social (associações de reformados e actores do campo da gerontologia) terem procurado essencialmente promover oportunidades de utilidade social para os reformados e, por esta via, revalorizar os idosos e melhorar o seu envelhecer. Sabe-se, com efeito, tão bem hoje, graças à psicologia e à sociologia, que o isolamento e a solidão são factores de perda de vitalidade dos seres humanos e de problemas de saúde que propiciam um “mau envelhecer”. Sem pretender ser uma panaceia, o trabalho social intergeracional, visou, num primeiro momento, responder a este desafio. É, pois, em torno desta orientação que se são inicialmente multiplicados os projectos e, através da sua difusão, criado redes de actores envolvidos no trabalho intergeracional, como acima mencionamos. Mas estão a aparecer novos domínios ou temáticas abertas ao desenvolvimento desta estratégia de reforço dos laços sociais: as práticas artísticas e culturais, as actividades de lazer ou mesmo o habitat e a produção de serviços. E em todos eles, o acento é cada vez colocado sobre uma questão que se revela de máxima importância

nas sociedades actuais, ameaçadas de múltiplos riscos de fractura social: como desenvolver práticas quotidianas que, em vez de segregar os membros dos diversos grupos etários, fomentem oportunidades de estes viverem realmente juntos e não justapostos, isto é, de se descobrirem mutuamente e de cooperar em torno de bens comuns?

Referências Bibliografica

Anatrella, T. (2004) *Liberdade destruída*. Lisboa: Ed. Principia

Bickel, J. (2007) *Être actif dans le grand âge: un plus pour le bien être?* In: *Retraite et Société*, nº 52, (3).

Bourdieu. P. (1980) *Le capital social* – notes provisoires, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 31 Paris

Caradec. V. (2007) *L'épreuve du grand âge*, in: *Retraite et Société*, nº 52(3)

Cristina, A. (2015, Setembro 06). *Envelhecer melhor* – Há uma cidade que quer muito ser um ótimo lugar para envelhecer. Público

Elias, N. (1998). *La solitude des Mourants*. Collections Detroits : Christian Bourgois Éditeur

Elias. N. (1998). *Viellir et mourir: quelques problèmes sociologiques*. In Elias.N. *La solitude des Mourants*. Collections Detroits : Christian Bourgois Éditeur

Erikson, H., Erickson, J.,Kivnick,H. (1994) *Vital involvement in old Age*. Ontário: Penguin boocks

Fischer, C. (1982) *To Dwell Among Friends*. Personal netwoerks in Town and City, Chicago: the University oof Chicago Press

Guillemard A. (1973) *La retraite. Une mort sociale*, Paris : Mouton

Guthleben. G e Zinck. M (2007): *Les rencontres intergénérationnelles en-dehors de la famille*. Quelles méthodologies pour quelles finalités de projets? *Recherches et Prévisions*, nº 88

Hummel, C. et Hugentobler, V. (2007) *La construction sociale du “problème” intergénérationnel*, *Gérontologie et Société*, nº 123/4.

Johnson Foundation. B.(2011) *Guide for Intergerational Practice*: Beth Johnson Foundation

Lalivé d'Épinay, C. e Guilley, E. (2006) *Statuts de santé et mondes de vie quotidienne des vieillards*, *Swiss Journal of Sociology*, 32 (3)

Lalivé d'Épinay, C. (2003) *La retraite et après? Vieillesse entre science et conscience*, *Questions d'Âge*, Université de Genève : Centre Interfacultaire de Gerontologie & Département de Sociologie

Lalivé d'Épinay, C. (2000) *Vieillir ou la vie à inventer*, Paris : L'harmattan

Malki, M. et al (2005) *Des méthodes au service de l'intergénération* : Retraite et société, nº 46/3, pp. 198-203.

Malki, M. et al (s.) L'intergénération l'association Accordages, no site consultado em Novembro 8, 2016 em : http://www.senioractu.com/Les-acteurs-de-l-intergeneration-par-Mohammed-Malki-de-l-association-Accordages-com_a5418.html

Paugam (2008) *Le Lien Social*. Paris: Ed. PUF

Portugal. S. (2007) *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*, oficina do CES nº 271

Putnam R.D. (2000) *Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community*, New York: Simon & Schuster

Van Campenhoudt, L. (2003) *Captar a constituição simbólica do social*. 1. Pesquisa de referência: Marcel Mauss. Ensaio sobre a dádiva. in: *Introdução à análise dos fenómenos sociais*, Lisboa: Gradiva, pp. 135-151.

Van Campenhoudt, L. (2003) *Estudar as relações*. 1. Pesquisa de referência: Pierre Bourdieu. A Distinção. in: Introdução à análise dos fenómenos sociais”, Lisboa: Gradiva, pp. 159-177.

Varela, R., Matos, A. (2016) *Do medo à esperança*, Lisboa: Liv. Bertrand

Villaverde Cabral, M. (2013) *Processos de Envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

Worsley, P. (1983) *Introdução à Sociologia*. Lisboa: D. Quixote

Outros Documentos Consultados

INE

PORDATA

ANEXOS

ANEXO I

RECOLHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil: Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Viúvo(a) ☐

Idade	
menos 65 anos	
65 a 69 anos	
70 a 74 anos	
75 a 79 anos	
80 a 84 anos	
85 a 89 anos	
90 a 94 anos	
> 94 anos	

Nível de Instrução		
Analfabeto/a	só sabe ler	sabe ler e escrever

Profissão: _____

Situação na profissão		
Patrão	Trabalhador por conta própria	Trabalhador por conta de outrem

Valor da pensão/ reforma: _____

Tipo de regime de reforma de que usufrui:

Pensão Social ☐ Pensão do Regime Contributivo: ☐

Composição do grupo doméstico	Vive só		Quem?
	Vive com indivíduo com + de 65 anos		
	Vive com indivíduos entre os 25 e 64 anos		
	Vive com indivíduos com mais e com menos de 65 e ainda outro indivíduo com menos de 25 anos		
	Vive com indivíduos com mais e com menos de 65 anos		
	Vive com indivíduos com menos de 65 e ainda outro menos de 25 anos		

Indique a idade caso viva com indivíduo com idade igual ou inferior a 25 anos: _____

No grupo doméstico com quem pode contar no seu dia-a-dia?

Cônjuge	Filho(a)	Neto(a)	Outro familiar	Vizinho/Amigo

Quantos filhos tem: _____

Número de filhos exteriores à relação de coabitação com quem pode contar no dia-a-dia: _____

Número de netos exteriores à relação de coabitação com quem pode contar no dia-a-dia: _____

Outro familiar com quem pode contar no dia-a-dia: _____

ANEXO II

Esta análise foi efectuada recorrendo à definição dos estados de saúde proposta pela equipa de investigação do Centre Interfacultaire de Gérontologie de l'Université de Genève (CIG), liderada por C. Lalive d'Epinay

Caracterização do estado de saúde dos utilizadores do Centro de Dia

Dependência (não cumprem uma ou mais actividades)					Fragilidade (quando dois dos domínios são afectados)					Independência (ausência de fragilidade e incapacidades)
Fazer a higiene completa	Vestir/Despir	Comer sem ajuda	Levantar/Deitar	Deslocar-se no interior da habitação	Sensorial	Neuro-locomotor	Metabólico e energético/energia	Cognitivo/memória	Morbidades	

ANEXO III: Conteúdo das trocas 1

Nome:

Nº

Serviços prestados pelo idoso a familiares, amigos/vizinhos	a um familiar			a um amigo/vizinho		
	Não (1)	Sim (1)	frequência	Não (1)	Sim (1)	frequência
Arrumar /limpar a casa						
Levar ou preparar refeições						
Fazer as compras do dia-a-dia						
Fazer pequenas reparações, jardinagem						
Confeccionar roupas ou outros						
Levar um adulto a passear, a um espectáculo, ao café ou restaurante						
Ajudar na actividade profissional						
Cuidar das crianças						
Levar uma criança a passear, a um espectáculo, ao café ou restaurante						
Levar alguém a uma consulta						
Outro, qual?						

frequência

0 =“nunca”, 1 =“raramente”, 2=“de mês a mês”, 3=“de quinze em quinze dias”, 4=“uma vez por semana”, 5=“todos os dias”.

familiar:

0=cônjuge, 1= filho/a; 2=filho/a exterior; 3=neto/a; 4=neto exterior; 5=outro familiar;
6=outro familiar exterior; 7=amigo/vizinho

ANEXO IV: Conteúdo das trocas 2

Nome:

Nº:

Conteúdos das trocas 2.

Serviços prestados ao idoso por familiares, amigos/vizinhos	por quem	frequência	por quem	frequência
Arrumar /limpar a casa				
Levar ou preparar refeições				
Fazer as compras do dia-a-dia				
Fazer pequenas reparações, jardinagem				
Tratar da roupa				
Ajudar a tratar de documentos (IRS ou outros)				
Acompanhar a uma consulta médica				
Ficar com ele à noite				
Ajudar a fazer a higiene pessoal				
Outro, qual?				

frequência

0 = “nunca”, 1 = “raramente”, 2 = “de mês a mês”, 3 = “de quinze em quinze dias”, 4 = “uma vez por semana”, 5 = “todos os dias”.

familiar:

0=cônjuge, 1= filho/a; 2=filho/a exterior; 3=neto/a; 4=neto exterior; 5=outro familiar; 6=outro familiar exterior; 7=amigo/vizinho

Conteúdo das trocas 3.

Encontros inter-pessoais	com quem	frequência	com quem	frequência	com quem	frequência
Passear						
Conversar						
Partilhar refeições						
Ir juntos ao café						
Outro, qual?						
Passar o Natal						
Passar a Páscoa						
Na altura do aniversário						
No S.João						
Outro, qual?						

